fernando Sabino

clarice Lispector

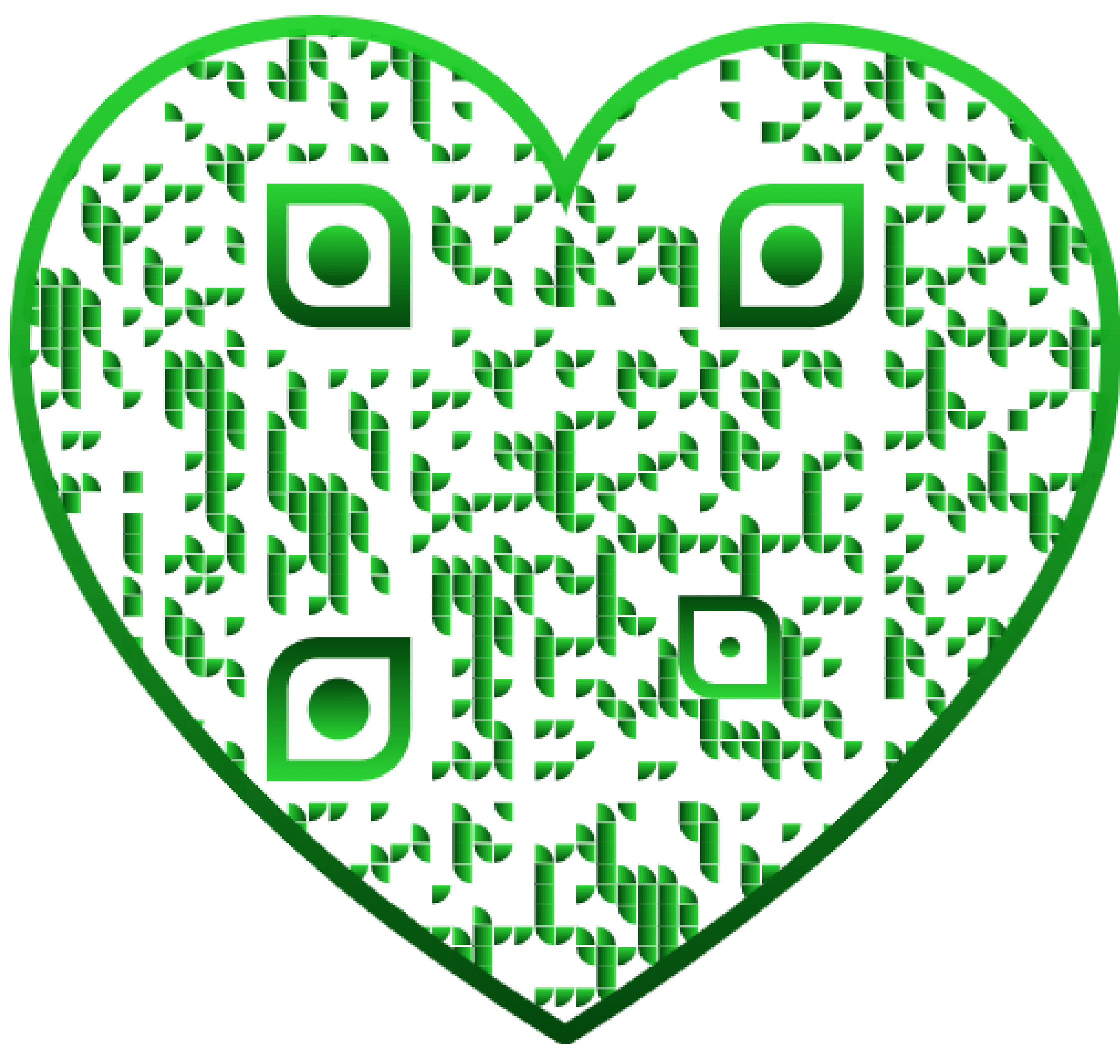
Cartas perto do coração

Dois jovens escritores unidos pelo mistério da criação

NOVA ORTOGRAFIA



Scanned with CamScanner



Cartas perto do coração

Scanned with CamScanner

fernando

Sabino

clarice

Lispector

Cartas perto do coração

Dois jovens escritores unidos pelo mistério da criação

8ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2011

Scanned with CamScanner

Rio, 8-1.-44

A Fernando Tavares Sabino, homenagem sincera de

Clarice Lispector

PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM

Scanned with CamScanner

"NA ÚLTIMA FASE DA VIDA *de Clarice surgiram-lhe outras relações de amizade, mas a nossa foi das primeiras, e das mais intensas, desde o início de sua carreira literária."**

"Em janeiro de 1944, eu mal havia completado vinte anos e recebia em Belo Horizonte, onde ainda morava, o exemplar de um romance chamado 'Perto do Coração Selvagem', com uma dedicatória da autora, Clarice Lispector, que eu não sabia quem fosse. Também não sabia por recomendação de quem — talvez de Lúcio Cardoso.

Fiquei deslumbrado com o livro.

Rubem Braga conheceu Clarice em Nápoles durante a guerra — Maury Gurgel Valente, seu marido, servia lá como diplomata. Quando ela retornou ao Brasil, Rubem nos apresentou um ao outro.

Fiquei deslumbrado com ela."

A partir de então tivemos um convívio diário: passávamos horas de conversa em nossos encontros marcados numa confeitaria da cidade. Ou mesmo em minha casa, onde ela teve ocasião de conhecer, além de Helena, meus companheiros de Minas Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, (mais tarde Hélio Pellegrino).

---

*VII CLARICE, em "O Tabuleiro de Damas", 5ª edição, revista e ampliada.

E assim nos tornamos amigos — só não digo "inseparáveis", porque outras viagens nos separaram, cada um para o seu lado. Mas a amizade continuou, através das cartas "perto do coração", de 1946 a 1969, com uma frequência só interrompida quando nos encontrávamos ambos no Rio:

"Trocávamos ideias sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulávamos nossos valores e descobríamos o mundo, ébrios de mocidade. Era mais do que a paixão pela literatura, ou de um pelo outro, não formulada, que unia dois jovens 'perto do coração selvagem da vida': o que transparece em nossas cartas é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores."

F.S.

Scanned with CamScanner

SUMÁRIO

Berna, 21 abril 1946 / 11
Rio, 6 de maio de 1946 / 14
New York, 10 de junho de 1946 / 17
Berna, 19 junho 1946 — quarta-feira / 21
New York, 6 de julho de 1946 / 24
Berna, 27 julho 1946 / 34
Old Greenwich, 3 de agosto de 1946 / 40
Europa, Suíça, Berna, Ostring, 5 de agosto de 1946, segunda-feira de manhã, 10 horas menos 10 minutos / 48
Berna, 14 agosto 1946 / 49
New York, 17 de setembro de 1946 / 54
Berna, 13 outubro 1946 / 61
New York, 30 de outubro de 1946 / 65
New York, 15 de dezembro de 1946 / 66
Berna, 8 fevereiro 1947 / 74
New York, 27 de junho de 1947 / 80
Washington, 2 fevereiro 1953 / 86
Washington, 22 fevereiro 1953, domingo / 88
Rio, 12 de junho de 1953 / 90
Washington, 28 julho 1953, terça-feira / 93
Rio, 8 de agosto de 1953 / 95
Washington, 30 agosto 1953 / 97
Rio, 1 de setembro de 1953 / 99
Rio, 10 de setembro de 53 / 101
Washington, 5 outubro 1953, segunda-feira / 104
Washington, 21 outubro 1953, quarta-feira / 107

Scanned with CamScanner

Rio, 27 de outubro de 1953 / 108
Washington, 11 janeiro 1954, segunda-feira / 110
Washington, 25 setembro 1954, sábado / 111
Rio, 19 de outubro de 54 / 113
Washington, 25 outubro 1954 / 115
Rio, 30 de março de 1955 / 117
Washington, 7 maio 1956, segunda-feira / 120
Rio, 8 de junho de 1956 / 123
Washington, 12 julho 1956, quinta-feira / 125
Rio, 19 de julho de 1956 / 127
Rio, setembro, 56 / 130
Washington, 21 setembro 1956, sexta-feira / 131
Rio, 26 de setembro de 1956 / 134
Washington, 25 outubro 1956, quinta-feira / 139
Washington, 12 novembro 1956, segunda-feira / 141
Notas de leitura dos originais, remetidas em setembro, 1956 / 142
Washington, 11 dezembro 1956, terça-feira / 169
Washington, 14 dezembro 1956, sexta-feira / 170
Rio, 19 de dezembro de 1956 / 173
Washington, 8 janeiro 1957, terça-feira / 176
Rio, janeiro de 1957 / 179
Washington, 24 janeiro 1957, quinta-feira / 182
Washington, 7 fevereiro 1959, sábado / 186
Rio, 16 de fevereiro de 1959 / 187
Washington, 11 março 1959, quarta-feira / 189
Rio, 29 de janeiro de 1969 / 191

"DIÁLOGOS POSSÍVEIS COM CLARICE LISPECTOR" / 197
ÍNDICE ONOMÁSTICO / 203

Scanned with CamScanner

*Berna, 21 abril 1946.**

Helena, Fernando, Paulo, Oto,

esta carta em conjunto parece discurso — é que eu desejaria contar a cada um de vocês um pouco da viagem e acabaria no artifício de não repetir fatos ou palavras... Também estou fazendo o que eu tinha combinado com o Fernando em outro terreno: que ele escreveria o primeiro capítulo... É uma pequena sabedoria minha. Eu terminarei recebendo de cada um de vocês as primeiras palavras de base, se é que vocês querem responder.

*Na verdade nem sei direito o que contar. Aquela minha carinha alegre da despedida resolveu-se em lágrimas no avião. Os americanos felizes ficam olhando enquanto a gente não sabe onde botar tanta lágrima e nem tem lenço suficiente. E nem um grito de café para me animar, "Nandinho"...** Aliás Sérgio Milliet, falando na insistência de meus gritos me tirou uma das últimas liberdades. O jeito é olhar Berna da janela e fechar a boca com força. Berna é linda e calma, vida cara e gente feia; com a falta de carne, com o peixe, queijo, leite, gente neutra, termino mesmo dando um grito e comendo o primeiro boi de alma doente que eu encontrar; falta demônio na cidade... Tudo isso é tolice.*

---

*Dado o tom informal e descontraído das cartas (várias delas manuscritas), aqui reproduzidas na íntegra, foi respeitada na edição do texto a falta eventual de aspas, grifos ou maiúsculas nas citações.

**Referência, nos originais de um conto seu, à expressão "um grito de café vindo da cozinha", que sugeri fosse substituída, mais discretamente, pelo próprio "cheiro de café" — sugestão que ela de bom grado aceitou.

Scanned with CamScanner

Depois que chorei bastante no avião fiquei cheia de Saudade, Amizade, Amor, Esperança, Tristeza, Vontade de Trabalhar, e o pior era a Vontade de Dar Tudo Isso. Agora eu estou rindo, mas estava séria. Talvez estejam me achando excessiva, não faz mal, corro o risco e até perco.

Afinal o avião ficou tão íntimo que eu comecei a andar de um lado para outro, como na tarde que Helena se vestiu de mocinha francesa e foi visitar a marquesa, a duquesa, seguramente uma princesa. Passei uns três dias em Natal, passei pela ilha de Ascenção, Liberia, Dakar — onde não pude arranjar sua bolsa de estudos, Paulo: perdoe a pergunta que irritará você: você está melhor do ouvido? — Casablanca; aí tinham cortado a linha para Roma e então eu fui simplesmente para o Cairo, onde passei uns dois dias. Vi as pirâmides, a esfinge — um mahometano leu minha sorte nas "areias do deserto" e disse que eu tinha coração puro... Afinal alguém dizia coisas melhores do que as cartas do Paulo, a grafologia de Fernando e a inspiração de Oto — dei a ele dez piastras pelo 'white heart'. Falar em esfinge, em pirâmides, em piastras, tudo isso é de um mau gosto horrível. É quase uma falta de pudor viver no Cairo. O problema é sentir alguma coisa que não esteja prevista num guia. Cairo tem um ar internacional, explorado e sabidinho. Fui a um cabaret egípcio com o cônsul brasileiro e a senhora e vi la danse du ventre — em francês é melhor — dançada ao som de Mamãe eu quero. Eu quase tenho vergonha de dizer que as pirâmides são assustadoras, principalmente de noite, sem luar, e que a esfinge me impressionou. Mando a fotografia — a fotografia é muito mais nítida e mais bela que o original; com a fotografia tem-se imediatamente uma sensação que diante da esfinge é mais lenta e mais difícil. Do Cairo tomei o avião para Roma,

Scanned with CamScanner

passando por Atenas onde almocei, também envergonhada. Dei uma rapidíssima volta de jeep até perto de Acrópole e vi a certa distância o Panteon. Cheguei a Roma quase dormindo. Aqui em Berna já estou tentando trabalhar. Não quero pensar em saudades, não quero pensar em gritos, nem sequer em Berna eu quero pensar. Oto, aqui você não precisaria "puxar angústia" (é assim?), ela viria sozinha com a primeira moça em Berna. Heleninha, as moças daqui pisam duro na calçada, raras se pintam — fui lavar os cabelos no cabeleireiro do hotel e a moça com uma saúde adquirida com anos de neutralidade íntima tinha tal força que eu saí de lá sem a menor ideia — quase um daqueles processos de Fernando.

O que eu espero é que através desta carta tão tola vocês saibam ver amizade e saudade.

Clarice

Légation du Brésil
Seminarstrasse, 30
Berne, Suisse

Scanned with CamScanner

Rio, 6 de maio de 1946.

Clarice,

Seminarstrasse é decididamente a única rua do mundo em que você poderia morar: estou imaginando um calçamento de pedras, certinho, uma ladeira até o fim, o Consulado num edifício de dois andares. Bem, agora é que me veio a ideia de que em Seminarstrasse é somente o Consulado; mas de qualquer maneira é Seminarstrasse, não tem dúvida, só poderia ser uma coisa assim.

Muitas coisas aconteceram depois que você foi embora. E uma delas é a triste realidade de minha partida dentro de três dias para os Estados Unidos, com Helena e tudo, para onde vou de mudança, veja você. Terei instintos gregários? Vou trabalhar em Nova York, por algum tempo, por muito tempo, ou para sempre... De lá talvez tome rumo da Europa, já me vejo visitando vocês aí na Seminarstrasse, SEMINARSTRASSE!!! número trinta, que me deslumbra em maiúsculas. Oh, quisera eu morar em Nova York numa rua assim, de um sol assim.* Quisera trafegar em idênticas seminarstrasses, de largas perspectivas horizontais, deslizando em planos sucessivos de tristeza, saudade e calma. No entanto, me espera o Edifício Comercial de Nova York, numa gigantesca Quinta Avenida, desajeitada, ridícula e agressiva. Vou-me embora e não volto mais, estou triste e com pena de vocês aí tão longe, viajar é muito ruim. Ainda é tempo

*Referência ao verso: *Nunca morrer num dia assim, de um sol assim*, do poema "In Extremis", de Olavo Bilac

de não ir, não tomar o avião, dizer que esqueci o principal, e o principal é ficar, ir para casa, ler um livro, conversar, dormir e esquecer. Mas vou.

Ultimamente têm passado muitos anos, disse Rubem Braga, e acho que muito mais do que ele pensa. Sua carta coletiva nos encontrou a todos intimamente afogados um por um em misteriosos carnavais. Carnavais sem nenhuma alegria.* O do Paulo é ler poetas miraculosos, colossais, cujo canto jamais escutaria, pois continua com os ouvidos atacados de misteriosas reticências. O do Pagé** é trabalhar de manhã à noite, adoecer, ficar com febre, sem ninguém por ele, o coitado brigou com a namorada, ela ficou noiva de outro sem maiores explicações e vai casar. O da Helena é pic-pic-pic-tec-tec-tec Nandinho!-Nandinho!-tric-tric-com-saudade-da-Eliana-que-vai-ficar aqui. E o meu, qualquer notícia que você receber de mim por intermédio dos jornais já tem um título inevitável e é justamente, em letras grandes: "O INEVITÁVEL ACONTECEU". Assim somos nós no Rio de Janeiro, gripados todos, complicados e sentimentais, aguardando o sinal dos tempos. Ao dentista tenho ido diariamente.

Seu temperamento antiturista por excelência, conversando pirâmides, Egitos e faraós que ninguém conversa, com ar de intimidade repousada e satisfeita, sem nem ao menos um grito-de-café, com ceticismo apenas tolerante ante o pobre misteriozinho da Esfinge nos deixou consternados, ficamos todos com cara de nunca vimos. Mas o que nos comoveu de todo foi a miúda solitudezinha de Clarice em Natal, num retrato tão eloquente, e que agora vai nos apanhar também.

---

*Referência ao verso "O meu carnaval sem nenhuma alegria!" do poema *Epílogo* de Manuel Bandeira.

**Apelido fraternal de Otto Lara Resende

Scanned with CamScanner

Seguiremos dia dez: logo que chegarmos lá te escreverei dando o novo endereço, e você pode responder esta diretamente para lá. Por fora estou muito satisfeito de ir: isto aqui positivamente não serve mais. As coisas acontecem muito e afinal não acontece nada. Outro dia saiu um novo livro que está fazendo furor, é o termo. Vocês até possivelmente já ouviram falar, pois é do Chefe do Gabinete do Itamarati, o Guimarães Rosa. Chama-se Sagarana, livro de contos, muito bem-escrito, misto de Monteiro Lobato, Cyro dos Anjos, Euclides da Cunha e Mário de Andrade, entenda se possível. Todo mundo está deslumbrado, Álvaro Lins "descobriu-o" e "consagrou-o". Gostei do que já li, é realmente uma perfeição de linguagem e expressões do interior de Minas, os diálogos principalmente muito bons, mas não é meu gênero e penso que você também não gostaria. Por falar em Álvaro Lins, soube que ele finalmente está lendo O Lustre, com ligeiras indisposições facilmente adivinháveis. Gostei muito do artigo do Almeida Salles, não sei se você recebeu. Não mandei porque você disse que sua irmã Tânia se encarregaria disso; e pela mesma razão não mandei o meu:* penso que você recebeu, não? Acho que realmente estão exagerando no silêncio em torno do seu livro, todo mundo quer sair do Brasil e os que vão mesmo sair só pensam em escrever sobre o Sagarana, por entusiasmo mas também por misteriosas razões ministeriais ligeiramente antipáticas: são uns sagaranas.

Fernando

*_O Sentimento e a Linguagem_, sobre o romance "O Lustre", _Diário de Notícias_, Rio de Janeiro, em "Livro Aberto", 2001.

New York, 10 de junho de 1946.

Clarice,

Esta é a quarta carta que inicio para responder a sua. A primeira eu deixei no Brasil, só trouxe a primeira página, que vai junto. A segunda eu rasguei. A terceira eu não acabei, vai junto também. Hoje recebi uma carta do Paulo, dizendo que não tinha mandado até agora a resposta dele. Positivamente somos uns cachorros irremediáveis. Você por favor não ligue para isso não. Pode ter certeza de que não te esquecemos. Ainda ontem me lembrei muito de você porque um americano me perguntou se o meu relógio era suíço. A Suíça existe mesmo? Serão daí mesmo os queijos suíços? Me escreva, Clarice, sou tão cínico que te peço para me escrever, me responder com a pontualidade e a prestreza que não tenho, contando tudo, suas aventuras e desventuras nessa poética Seminarstrasse. Do Brasil não posso te contar nada, senão o que o Paulo me contou hoje na carta dele: que o Pagé tem tomado aos domingos porres gigantescos, colossais. Que a sensação de um libertino ao acordar na segunda-feira é a pior coisa do mundo. Que houve um comício no Largo da Carioca onde choveu bala sobre os comunistas, mataram um estudante. Que o Rubem Braga vai indo bem. Que num chá que os acadêmicos ofereceram a outros acadêmicos ninguém perguntou por você.

Daqui de Nova York não posso te contar nada além do que você calcula. Outro dia abri um livro do Erico Veríssimo sobre

Scanned with CamScanner

literatura brasileira escrito aqui, mesmo na página em que ele fazia uma referência a você. Tenho sentido muita falta de seu livro que deixei no Brasil, para plagiar uns pedaços quando vou escrever o meu. Tenho tido muitas dores de cabeça, tenho ouvido histórias de espantar. Uma: o homem mais gordo do mundo fez um regime para emagrecer, emagreceu 50 quilos e morreu. Tenho dado muitas gafes aqui com o meu pobre inglês. Uma: entrei num Drugstore para comprar remédio para dor de cabeça e acabei levando uma loção para cabelos. Tenho tido muitas surpresas. Uma: todo mundo aqui em Nova York é brasileiro, é preciso muito trabalho para ir a algum lugar e encontrar um americano. Tenho tido muitos pesadelos. Um: ontem sonhei com um rato encravado na parede, guinchando de dor. Tenho reformado muitos conceitos, por exemplo: o Jayme Ovalle não é tão chato como eu imaginava. Tenho imitado Octávio de Faria em tudo o que ele não faz. Tenho feito descobertas importantes, por exemplo: o pecado é simplesmente tudo o que Cristo não fez. Tenho conhecido sujeitos famosos, por exemplo: Duke Ellington. Tenho tido muita saudade de minha filha. Tenho tido muito pouco dinheiro. Tenho tido muitas oportunidades de ficar calado. Tenho tido muita decepção com os Correios. Tenho tido cansaço, saudade e calma. Tenho bebido muito, muito, muito. Tenho lido os suplementos dominicais. Tenho tido vontade de voltar. Tenho escrito muitas cartas para você. Tenho dormido muito pouco. Tenho xingado muito o Getúlio. Tenho tido muito medo de morrer. Tenho faltado muita missa aos domingos. Tenho tido muita pena de Helena ter se casado comigo. Tenho tido dor de dente. Tenho certeza que não volto

mais. Tenho contado muito nos dedos. Tenho franzido muito o sobrolho. Tenho falado muito com os meus botões. Tenho tido muita vontade de brincar. Tenho feito muitas manifestações de apreço ao Senhor Diretor. Clarice, estou perdido no meio de tantos particípios passados. Estou com vontade de fumar e o meu cigarro acabou, estou com vontade de namorar de tarde numa pracinha cheia de árvores, estou com muitas saudades de mamãe. Aqui na minha frente, na minha mesa do Escritório, tem uma pilha de 1.834 fichas me esperando para ser conferidas. São tão simpáticas, as fichinhas. Me esperam e sorriem burocraticamente: conhecem o meu triste fim. Sorrio também para elas, digo que esperem: agora estou indo para Seminarstrasse.

Só de pensar que você estará lendo esta carta muitos dias depois de ter sido escrita me dá vontade de não mandar. Mas mando, isso é uma desonestidade. Você nos escreveu há um mês. Juro que não faço mais isso, foi só da primeira vez, agora não faço mais. Me escreva que responderei imediatamente. Como vai indo o seu livro? O que é que você faz às três horas da tarde? Quero saber tudo, tudo. Você tem recebido notícias do Brasil? Alguém mais escreveu sobre o seu livro? É verdade que a Suíça é muito branca? Você mora numa casa de dois andares ou de um só? Tem cortina na janela? Ou ainda está num hotel? Oh, meu Deus, Seminarstrasse será simplesmente um hotel? Qual é o cigarro que você está fumando agora? Pipocas, Fernando!*

*Referência à sua predileção por pipocas, que a levou um dia a me assustar com esta incontida exclamação de alegria infantil, ao passarmos no meu carro em Copacabana diante de um pipoqueiro.

Scanned with CamScanner

Clarice, em Belém eu procurei no hotel uma carta do Mário para você, não encontrei. Eu delirava se pudesse te dar essa alegria. Tinha certeza de encontrar e não encontrei.*

Manuel Bandeira é um sujeito muito triste, Clarice. Também não me despedi de muita gente. Também me esqueci de muitas coisas no Brasil. Quando eu era menino chupei uma vez tanta manga verde que fiquei doente de cama por mais de três dias, faltei ao grupo, só vendo. Eu tinha um coelhinho chamado Pastoff. Um dia meu pai pegou o coelho e deu para um amigo, fiquei triste mesmo, chorei muito, papai foi muito mau. A coisa que mais gostava era no tempo de frio sair fumacinha da minha boca. Pipocas, Fernando! Clarice Lispector é uma coisa riscadinha sozinha num canto, esperando, esperando. Clarice Lispector só toma café com leite. Clarice Lispector saiu correndo correndo no vento na chuva, molhou o vestido, perdeu o chapéu. Clarice Lispector sabe rir e chorar ao mesmo tempo, vocês já viram? Clarice Lispector é engraçada! Ela parece uma árvore. Todas as vezes que ela atravessa a rua bate uma ventania, um automóvel vem, passa por cima dela e ela morre. Me escreva uma carta de 7 páginas, Clarice.

Fernando

---

*Entusiasmado com seu romance "Perto do Coração Selvagem", Mário de Andrade, em conversa comigo, revelou haver-lhe escrito uma carta, que enviara para Belém. Segundo lhe informaram, ela estaria hospedada no Hotel Central com o marido, que cumpriria ali uma missão diplomática especial durante alguns meses, antes de seguirem para Nápoles, noutra missão. Pois quase dois anos mais tarde, detendo-me em Belém a caminho de Nova York, vasculhei a recepção do Hotel Central onde também me hospedei, na ingênua ilusão de encontrar para ela, esquecida num escaninho qualquer, a preciosa carta para sempre perdida.

Berna, 19 junho 1946 — quarta-feira

Fernando,

sua carta me surpreendeu tanto! Eu tive a impressão de ter caído numa coisa assim: de jogar verde para colher maduro ou de ir buscar lã e sair tosquiada, ou dois e dois são quatro — eu escrevi para vocês no Rio, na sua casa, e você me responde de Nova York. Eu sabia que vocês estavam lá por alguém que veio dos EEUU e passou por Paris — estive uns 15 dias em Paris — mas pensei que era a passeio. Não cesso de imaginar vocês em New York e não sei como. Como é que Heleninha fala no meio da cidade? E você trabalha de noite num arranha-céu? e os arquivos? Só agora é que vejo que vocês no Rio eram uma das garantias que eu procurava. Por que é que todo mundo quer sair do Brasil? E você é espírita, é, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Ou já falamos sobre isso? às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate. Quando passa, vêm seis da tarde, também indescritíveis, em que eu fico cega. Se o telefone toca eu dou um pulo e se me "convidam" eu pareço criança ou cachorrinho, saio correndo e enquanto corro digo: estou perdendo minha tarde.

Mas eu tenho ido de tarde à biblioteca pública. E por estranho que pareça, estou estudando cálculo das probabilidades. Não só porque o abstrato cada vez mais me interessa, como porque eu posso renovar minha incompreensão e concretizar minhas dificuldades gerais. Estivemos em Paris andando desde manhã até de noite. Aquela cidade é doida, é maravilhosa. Não consegui

absorvê-la, ter uma ideia só. De volta fomos diretamente para um apartamento novo, ainda novo, tudo encaixotado, estranho, desarrumado. Encontrei cartas de casa e vários recortes de jornal, artigo de Reinaldo Moura, nota de Lazinha Luiz Carlos de Caldas Brito..., várias notinhas, referências a você e a mim em Sérgio Milliet, e em vários. E nota de Álvaro Lins dizendo que meus dois romances são mutilados e incompletos, que Virginia parece com Joana, que os personagens não têm realidade, que muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance, que eu brilho sempre, brilho até demais, excessiva exuberância... Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente. Tudo o que ele diz é verdade. Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz e doidinho. Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é a minha verdadeira moralidade.

Afinal arranjei emprestada uma empregada que em um dia deu ordem na desordem — ela era uma verdadeira mulher. Uma grande mulher, sem dúvida, chamada Rosa, italiana, que Deus a abençoe.

Hoje passei o dia lendo; às três horas li de novo sua carta e o bilhete de Helena. Diga a Helena que na primeira vez em que nos encontrarmos ela ganha de mim uma caixinha de música. No mesmo dia em que recebi sua carta, recebi uma do Paulo. Carta pequena, cautelosa, quase silenciosa.

Fernando, procure em Nova York, no Consulado, Araújo Castro. Ele é ótimo. Vai lhe parecer calado e fechado, de início. Ele é muito, muito inteligente, bom, e de boa espécie.

São nove horas da noite, mas parece seis da tarde. E eu brilho, brilho sempre — isso deve ser brilho. Na verdade deve ser apenas

adaptação ao novo apartamento. Não se pode deixar uma janela aberta, voa tudo; é um lugar onde ainda estão construindo, sem muitas casas. A rua chama-se Ostring e eu sou a pérola de Ostring, não vê? Vocês pretendem mandar buscar Eliana? como vão fazer? Quanto tempo na realidade vão ficar nos EEUU? Paulo diz que vocês ficarão seis meses apenas... Desejo muita felicidade a vocês. Sejam muito felizes: estou com vontade de dar conselhos grandiosos, dizendo: custa um pouco adaptar-se a um lugar novo etc. Fernando, você tem trabalhado? e Helena, o que é que faz? Acabei de passar uma semana das piores em relação ao trabalho. Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tome, não sei de nada. Digo a mim mesma: não adianta desesperar, desesperar é mais fácil ainda que trabalhar. Me mande um conselho, Fernando, e uma palavra bem amiga. Desculpe esta carta tola. Respondam depressa e eu mandarei uma muito boa, muito calma. — Quem tinha me falado de Sagarana era o Escorel, elogiando. Não sei mais nada. E as notícias que recebo do Brasil são as piores. Até pão falta. Vocês devem estar experimentando agora a tristeza de estar num país onde mesmo lentamente tudo tende a melhorar e receber notícias constantes desse jeito. Dá vontade de ser um grande homem e fazer alguma coisa. Certamente teremos alguma revolução. Até o ar lá está precisando disso.*

Fernando, Helena, um abraço grande. Me escrevam, agora que vocês sabem quanto pode valer uma carta e sobretudo certas cartas.

*Dei um ar de tristeza? não, dei um ar de alegria.***

Clarice

*Lauro Escorel, escritor e diplomata, amigo nosso.

**Tive o cuidado de conferir esta frase manuscrita na carta original, para confirmar a vírgula depois do "não" — cuja inexistência inverteria por completo o seu sentido. Vai como pequeno exemplo dos equívocos até mesmo tipográficos a que os escritores se expõem.

New York, 6 de julho de 1946.

Clarice,

Sua carta chegou como uma ventania: eu estava organizando uns formulários, pilhas de papéis em cima da mesa, quando um contínuo se aproximou segurando uma carta para mim. Largou-a na minha frente, os papéis voaram. Olhei o remetente: Seminarstrasse! Fiquei idiota com a rapidez. Confesso que nunca acreditei que minha carta chegasse às suas mãos e muito menos que Seminarstrasse existisse. Mas essas coisas costumam acontecer. São vidas, como diz o Moacir Werneck, numa carta para mim. São vidas.

Sendo vidas, nada mais nos resta fazer senão irmos vivendo. Atravessei um período duro, Clarice. Também precisei muito de uma palavra amiga, e, afinal, o meu livro está ali, num canto, esperando uma resolução. Já nem sei mais nada, e às vezes tinha vontade de ir mais devagar. Viver devagar é que é bom, e entreviver-se, amando, desejando e sofrendo, avançando e recuando, tirando das coisas ao redor uma íntima compensação, recriando em si mesmo a reserva dos outros e vivendo em uníssono. Isso é que é viver, e viver afinal é questão de paciência. É isso mesmo, é ir olhando e dizer: aquilo é bonito! é muito comprido parece que vai cair e não cai. Hoje é sábado, amanhã é domingo. Aquela moça parece triste, o que há com ela? Estou tão cansado, mamãe. Ah, eu tinha um selo da Bélgica, e hoje não tenho mais. Aquele anúncio é engraçado: olha, vai acender. A gente olha, olha, e não acende nada. Depois a gente fica triste, e

Scanned with CamScanner

quando se lembra que amanhã vai ser diferente, fica mais triste ainda. A gente podia ser assim, Clarice, viver apenas, aceitar o momento como essencial e nascer de novo entre dois cigarros, entre o brinquedo e o edifício, entre a palavra e a curva. Mas é preciso saber se lá fora faz dia ou noite. Há uma criança correndo na rua, correndo, correndo, há uma bola, há um livro chegando pelo correio, um embrulho, uma carta e um passado — a vida é boa. Mas o olho aberto na parede nos espreita, à espera. Há um vento carregando um papel na calçada, agita a saia da mulher na esquina, a alegria salta da boca e escorre pela escada, rola no meio da rua e se perde no meio da praça, o guarda parado fica olhando, impasível, a pensar: hoje é de tarde, hoje é de tarde. Viver é isso mesmo e afinal ser feliz é fácil como fechar os olhos. Mas o olho na parede existe, nos espreita sempre, como um buraco, um mistério, uma lembrança do mundo errado possibilitando a salvação. Alguns conceitos certos dão ilusão de calma, facilidade e vitória. Por exemplo: a renovação temporal é uma busca da eternidade das coisas. Mas na verdade não há calma nenhuma, tudo é muito difícil, e afinal as palavras estão precipitando a nossa derrota. Porque viver apenas não basta.

Não basta, não basta. É preciso uma convicção, certa ou errada, mas uma convicção, e conscientemente escrever, falar, brigar, viver por ela. Isso é que entendo atualmente, mas não sei nada, tomei a resolução de tomar uma resolução, e estou lírico, confuso e estarrecido. Você estará aí passeando os mesmos adjetivos nessa nostálgica Ostring das Noruegas. É possível que estejamos sempre querendo dizer as mesmas coisas em línguas diferentes. Você com seu livro, sofrendo com ele, você se desenvolvendo em círculos concêntricos, aprendendo a se dispor em andares. Sabe pregar selos nas cartas e não se vexa

Scanned with CamScanner

em ter de lambê-los. Espera por uma revolução no Brasil, e aprende a conhecer a topografia de Berna. Topograficamente você é admirável. Estou tão vago, meu Deus, tão vago, telúrico, inadmissível. Te respeito, admiro e invejo. Frágil, frágil feito uma coisa. Invejo tanto como um sujeito que vi na Broadway outro dia, durante três horas, com uma roupa de farrapos, como de um prisioneiro árabe, sei lá, barba grande, segurando um bastão, parado, impassível. Era propaganda, propaganda política, e ele não fazia nada, não se mexia, dava aos outros apenas uma visão miserável e grandiosa do seu testemunho. Não dizia nada e dizia tudo. Todos intimamente sabiam o que ele queria dizer, e todas as noites estava lá, estadeando no meio da aglomeração de curiosos que perguntam que será? que quererá dizer? a sua revolta contra a política dos poderosos. É cego dos dois olhos, Clarice, e é alto, miserável e grandioso como um Cristo. Os que tiveram olhos para ver, viram. O testemunho dele valia mais que todas as novelas que penso em escrever. Não digo que fosse mais eficiente, digo apenas: tem mais valor. Porque ele se dá todo, dá tudo o que tem, sua cegueira e seu bastão, sua miséria e sua barba, sua origem e sua dignidade pelo direito de homens que ele desconhece. No entanto o livro do Cyro dos Anjos foi traduzido para o sueco e quando muito vai ocupar a estante de meia dúzia de livrarias em Estocolmo. A literatura daqui a 50 anos ninguém sabe como será. Mas haverá mesmo daqui-a-50-anos?

Como você vê, não posso te mandar nenhuma palavra animadora: sei que você deve estar se desesperando com o seu livro, que não vai, que não vai, pois também me desespero com o meu, tenho trabalhado a sério e sofrido muito. E todo esse desespero vem de não saber por quê; saber *como* a gente acaba sabendo, mas intimamente desconhece que a angústia

Scanned with CamScanner

e a expectativa deprimente vêm de não saber por quê. Se te mandam quebrar pedra ou fazer um móvel, a inteligência vai te angustiar na procura do meio mais certo, mais eficiente e mais perfeito de quebrar ou de fazer. Mas a insaciedade que te faz artista vai te atirar numa procura muito mais afetiva, digna e criadora: saber o que é uma cadeira, e que proveito os outros tiraram da pedra que você vai quebrar. Só assim você estará sendo artista. Sem saber isso você será escravo. A gente se angustia com o livro que está sendo escrito, não é porque está difícil, ou porque esbarrou num beco sem saída, coisas assim: a gente se angustia é por não saber intimamente o que está fazendo. Perde-se tempo, e há muita coisa de utilidade imediata atualmente, esperando o nosso esforço. Então é preciso descobrir antes *o que é* o nosso livro. Um protesto? uma tristeza? Uma vida? um elefante? Se a gente descobre por exemplo que o livro da gente tem de ser um crime, então a gente sofre, se desespera, mas afinal o livro sai o crime que a gente queria. Se descobre que há de ser um passarinho, ele será um passarinho. Mas alguma coisa o livro tem de ser, certo ou errado, contra ou a favor da gente. É preferível que seja a favor, então temos de descobrir o que ele vai ser. Só o que vai ser — se descobrirmos para o que vai servir ou que utilidade terá, avançamos demais e caímos na propaganda, na arte social ou na literatice.

Por isso não te posso mandar nenhuma palavra animadora. Digo apenas que não concordo com você quando você diz que faz arte porque "tem um temperamento infeliz e doidinho". Tenho uma grande, uma enorme esperança em você e já te disse que você avançou na frente de todos nós, passou pela janela, na frente de todos. Apenas desejo intensamente que você não avance demais para não cair do outro lado. Tem de

Scanned with CamScanner

ser equilibrista até o final. E suando muito, apertando o cabo da sombrinha aberta, com medo de cair, olhando a distância do arame ainda a percorrer — e sempre exibindo para o público um falso sorriso de serenidade. Tem de fazer isso todos os dias, para os outros como se na vida você não tivesse feito outra coisa, para você como se fosse a primeira vez, e a mais perigosa. Do contrário seu número será um fracasso.

Agora, espero mais intensamente ainda que você descubra o que é que esse seu livro vai ser. Porque o outro se descobriu por si mesmo, você nem percebeu o que ele se arriscou a ser nem por que abismos andou. Espero que você saiba apenas isso: estou escrevendo um livro sobre uma mulher que não queria ter filhos. Ou sobre uma mulher que só queria dançar. Ou sobre uma mulher que tem medo dos homens. Saber somente que está escrevendo um livro sobre uma mulher é muito pouco. E saber que não querer ter filhos é um absurdo, dançar apenas é futilidade e os homens fazem medo porque são muito brutos — é saber demais.

E chega, estou pontificando muito. De repente fiquei grave, acaciano e encartolado. Tenho muita vontade de conversar com você sobre essas coisas mais calmamente. Para meu próprio proveito. Ando muito descrente de mim mesmo. E você me dá uma impressão de segurança que me faz ficar boquiaberto. "Só você sabe à custa de que sacrifícios, no íntimo sou frágil, incerta, descontrolada" — parece que estou ouvindo você dizer.

Acabei morando em pleno bas-fond de New York, você nem imagina.* A escada cheira a cavalariça, e a banheira tem quatro pés e meio metro de altura. O soalho não é encerado e a mesa não tem verniz.

**A Casa da Hudson Street*, em "Medo em Nova York, A Cidade Vazia".

O que é que o Paulo contou de novo? Elianinha chegou aqui depois de grandes peripécias. Desencontramo-nos dela no aeroporto, e duas horas mais tarde quando telefonamos para o hotel ela já estava lá com a ama. Um susto.

TÁ BEM, Clarice Lispector! Me mande notícias do seu livro, notícias detalhadas, estou ansioso por saber e quero fazer aqui minhas conjecturas quanto ao meu. O meu está parado, mas vai indo. O artigo do Álvaro Lins, já calculo o que ele terá dito. Fico revoltado, raivoso, parcialíssimo: Álvaro Lins é um cretino. Em Ciudad Trujillo tem uma música chamada "merengue" muito engraçada. O Jayme Ovalle disse que o Murilo Mendes será o único santo do mundo que possui cartório na terra. E eu? Estas são as notícias. O Schmidt chegou aqui, viu e me venceu. Clarice, sábado é o dia mais gordo de todos, mais gordo que o Schmidt. Clarice de Ostring, me escreva. Me diga o que você achou de Paris, se você passou debaixo do Arco do Triunfo. Se esteve lá com o Pedrosa escultor e se viu alguma vez Jean-Paul Sartre. Se é muito difícil achar açúcar aí — aqui é impossível. E aquela nossa ideia de escrever um capítulo cada um? Estou só esperando... O antigo inquilino deste cortiço onde estou morando deixou na parede um pedaço de papelão com um letreiro misterioso assim: "U UNTER DEN LEMONS (SUNKIST)" que positivamente me dá medo, não sei o que significa. O que queria dizer aquela palavrinha que você botou depois do meu nome no envelope? Fiquei muito impressionado, pensando: essa Clarice sabe coisas muito misteriosas.* Helena te manda um grande abraço, Não, nunca beijarei a mão de uma senhora, sou educa-

**Esquire — título de nobreza e respeito, cavalheiro ou coisa que o valha. Jamais deixarei de botar esse sinalzino numa carta para você"* (explicação de Clarice, final da carta de 27, julho, 1946).

Scanned with CamScanner

do até certo ponto. Chega, chega, eis que tenho escrito demais. Vendi meu carro por 14 contos, sabia? Acho que foi de graça. Já estou pensando em voltar, ao mesmo tempo penso em ficar mais um ano, em ficar a vida toda e em conseguir transferência para a Europa. O que é que você acha? Clarice, imagine que há duas semanas que venho dando bolo no dentista.

Me escreva, Clarice. Meu livro se chama "Os Movimentos Simulados". Como é que se chama o seu?

Um abraço amigo do

Fernando

Gostei muito de sua carta, me deu muita alegria. Helena gostou muito da história da caixinha de música: manda dizer que assim que receber vai te dar de presente um bonequinho que dança sozinho, que comprei para ela outro dia.

Clarice, estas duas páginas que seguem junto são de uma carta do Hélio Pellegrino, veja se você gosta. Ele se entusiasmou e escreveu um poema, quando falava sobre o fim do individualismo. Falava que o individualismo parece

> "um banqueiro, fazendo cálculos, abrindo cofres, desenterrando papéis. Agora o banqueiro abre a janela, estamos no décimo andar de um escritório em Wall Street. A madrugada estremece a cortina, agita os papéis nas mesas, constata a confusão. O banqueiro, sentado na sua poltrona, permanece imóvel. Como está lívida a sua face! Há qualquer coisa de grande na sua máscara humanizada pelo cansaço. Avança o dia, com passarinhos nas árvores despidas pelo inverno. Depois chega a manhã, com o ruído do trânsito urbano, o banqueiro permanece sentado, siderado pela própria ruína.

Nada mais o faz mexer. Nem sua casa, nem os filhos, nem a mulher, nem as peles de onça, nem os *night-clubs*, nem a doçura da vida, nem os barcos coloridos de turistas, nem nada. Os dias passam. E o banqueiro não se mexe. A mulher do banqueiro rende graças ao inferno, pelo desaparecimento do marido, um tanto gordo. O banqueiro, na sua cadeira, nada percebe. As formigas, ávidas, correcionam as suas roupas pretas, o açúcar de seus dentes, o seu brilhante sobretudo. O banqueiro agora está quase etéreo, suspende-se no ar e canta uma cantiga de Natal. Está tudo perdido — eh-eh- está tudo acabado — eh- ah- está tudo mordido — pelas formigas — eh-ah — mas ainda resta o Natal. Espera um pouco, no ar, feito um balão, depois reinicia a sua cantiga:

Está tudo perdido, eh, eh,
Está tudo acabado, eh, ah,
Está tudo mordido
Pelas formigas, eh, ah...
Mas ainda resta o Natal.

Compras que fiz, socorrei-me.
Ternos de alpaca, valei-me.
Diamante na loja, guardai-me.
Cadernos de infância,
Pão das padarias, fresco
Motivo de meu passado, vinde a mim.

Não sou mais, não sou. Não vou mais, não vou.
Aqui me reconheço, entre papéis.
Madrugada, madrugada, brisa
Que um dia reconheci quando passava uma ponte,
Alegria dos pés descalços, um dia, no vento
Que agitava as habitações de madeira, eh, ah.

Scanned with CamScanner

Vão os trens de ferro, lanternas
De antigamente, pasmo adolescente
Na cornija das estações sucessivas.
Pontilhões de aço para o meu cansaço mal dormido
Vultos nas plataformas, e este medo
Que agora retorna, passado o século
Das máquinas e da conquista desumana.

Nem mais me chamo, nem os cadastros
Acusam o meu nome, nem a estrela
Se acende mais. Estou mais pobre
Que os pobres da minha aldeia.
Estou mais fútil, mais desesperado
Que o louco afastado da meninice.
Estou mais nu, mais bêbado que o viúvo
Recordando a carne da mulher morta.

Perdi todo. E tudo. Nem me resto
Para o banho diário, para a louça
Lavada na cozinha, para o fumo
De depois do jantar. Aqui me acabo
Na aérea solidão deste edifício
Entre pássaros, e pássaros e pássaros.
Roupas, não mais possuo. Cadernos,
nem mais os vejo. Turqueza
No azul do anel, segurança noturna
Entre álcool e saliva — nem mais sonho.
Acordado, de pé, aqui estou. O pijama
Incendiou-se ontem. As chinelas
Voaram para a praia. E desta solidão
Um gosto salta, de coisa renovada
Uma esperança se acende, tão secreta
Que a janela se fecha, e a festa recomeça,
Das formigas, da infância, do perdido
Reino que lá ficou — entre destroços.

Scanned with CamScanner

E de novo, e de novo está tudo perdido, eh, ah,
Está tudo acabado, eh, ah,
Está tudo mordido
Pelas formigas, eh, ah,
Mas resta ainda o Natal.

Compras que fiz, socorrei-me.
Ternos de alpaca, valei-me.
Diamante na loja, guardai-me.
Cadernos de infância,
Pão da padaria, fresco motivo
Do meu passado, do meu relógio, do meu inferno,
Do meu calçado, está tudo perdido, está tudo perdido,
Está tudo perdido, eh, ah, eh, ah... eh...... ah....»

Mande dizer o que achou.

Fernando

Scanned with CamScanner

Berna, 27 julho 1946.

Fernando,

deixei de responder logo à sua carta porque exatamente estava em período agudo de precisar receber e não de escrever. Ainda estou assim, mas hoje é domingo de manhã, está chovendo e tudo está escuro; e como não vejo mesmo jeito de receber, então saio de meu egoísmo e lhe escrevo com prazer. Na sua carta tão boa para mim, você diz que não pode dar nenhuma palavra animadora, e no entanto vieram muitas, veio uma carta inteira delas. Uma carta que me sacudiu um pouco. Infelizmente estou muito por baixo e não consegui me alçar mesmo.

Não trabalho mais, Fernando. Passo os dias procurando enganar minha angústia e procurando não fazer horror a mim mesma. Tem dias que me deito às 3 da tarde e acordo às 6 para em seguida ir para o divã e fechar os olhos até as 7 que é hora de jantar. Isso tudo não é bonito. Sei que é horrível. Caí inteiramente e não vejo um começo sequer de alguma coisa nascendo.

Desculpe esta carta burrinha, estou me dizendo que você não tem nada com isso. Tenho lido muito a Imitação de Cristo que tem me purificado às vezes. Mas não sei aprender ainda a desistir e tenho mesmo medo de desistir e me entregar porque não sei o que virá daí. Até agora eu mesma me ergui sempre mas é um esforço muito grande e naturalmente estou bem cansada. Esta vida íntima que chega a um ponto de não ter nenhum sinal exterior, termina por me tirar a direção e o sentido das coisas. Me parece que cheguei a um ponto de onde não posso mais sair. Não quero

empregar grandes palavras, mas isso é insuportavel e eu tenho suportado segundo por segundo. Esta chuva que está caindo é uma maravilha e tem também um pouco de sol: chuva e sol, casamento da raposa com o rouxinol. Estou cheia de problemas e cada dia um deles entra em estado de crise, sem socorro. Interrompi mesmo o trabalho, minha impressão é de que é para sempre.

Que coisa está me acontecendo não sei dizer. Já me perdi em tantos pensamentos que se afinal eu pudesse fazer uma confissão que salvasse tudo, não saberia fazer. Era preciso que alguém desse as primeiras palavras ou todas por mim.

Enquanto isso, os movimentos simulados me dão muito o que pensar. O título é tão bonito e tão a propósito de alguma coisa que está sucedendo. Acho que com este nome você pode dizer uma coisa muito boa. Escreva contando um pouco mais se você pode. Eu gostaria de dizer alguma coisa para você que lhe servisse como me serviu aquilo que você falou de saber que se está escrevendo uma história sobre uma mulher que..., e não apenas sobre uma mulher. Mas acho que você tem muitos recursos de vida que lhe inspiram palavras de segurança e de conforto, e isso é mais do que eu poderia dizer.

E enquanto isso, conheci frau Hulda Pulfer. É a concierge daqui que faz a cozinha e a arrumação da casa e lava a roupa. Hulda é com h aspirado. Então nos primeiros dias eu ficava boba com minha sorte, de conhecer de perto frau Pulfer. Sonhava com ela e só faltava acompanhá-la pelo apartamento para não perdê-la de vista. Um dia desses eu estava lavando um lenço e tive a seguinte visão: Hulda Pulfer chegara perto de mim — me olhou, balançou a cabeça, se encostou numa porta. Então fiquei envergonhada e me interrompi com as mãos molhadas. Ela afinal disse com a vassoura na mão: (não traduzo para não estragar):

Scanned with CamScanner

— Vous savez, frau Valente, ça me fait une drôle d'impression d'être chez vous.

E eu disse:

— Pourquoi, frau Pulfer?

Ela disse tranquila:

— Oh. Comme ça.

Ficamos caladas. Eu disse com cuidado:

— Vous savez, frau Pulfer, à moi aussi ça me fait une drôle d'impression que vous soyez ici.

Ela não me perguntou por que e nós duas nos olhamos bem, tanto frau Valente como frau Pulfer pensativas. A visão não excedeu isto e assim não posso contar mais.

Depois foi a vez de Martha Baumann que para comprar um maço de cigarros botou o chapéu e saiu por horas como se fosse para colher flores. Afinal saiu para sempre, velha, muito limpa, com as sobrancelhas para cima como de um diabinho. Agora vem Anna Michalek, polonesa, cujo endereço é Gryphenhüberliveg 31, e com quem eu tenho que falar em mistura de francês e... de alemão.

A poesia do Hélio é muito bonita e tão triste. Está tudo mordido pelas formigas. Me dói muito que não se possa, quase por coincidência, escrever uma poesia alegre. Nem sei o que é preciso para se chegar um dia a isso. Acordado, de pé, aqui estou. Isso tudo é muito bonito.

E você, Fernando? me diga mais coisas; me diga se os movimentos simulados estão crescendo, que isso é tão bom. Depois que você me disse que eu devia saber sobre que mulher eu estava escrevendo, me sentei junto à máquina e escrevi bem forte: estou escrevendo a história de uma mulher que... e as coisas se embrulharam ainda mais. Enquanto isso escrevi um pequeno conto chamado O Crime, que mandarei talvez para você um dia desses.

Scanned with CamScanner

Recebi da Agir uma carta pedindo consentimento para adiar a reedição de P.C.S. Consenti naturalmente, e que me interesse, compreendo que a prudência da editora vem do silêncio da crítica em relação ao outro livro.

Tenho outros problemas também, Fernando, e por carta não saberia falar. Ia me fazer muito bem abrir afinal meu coração e mostrar afinal a alguém que fechasse os olhos e não ouvisse, que horror pode se guardar numa pessoa. A solidão de que sempre precisei é ao mesmo tempo inteiramente insuportável.

Enquanto isso descobri um novo meio de fumar: ir ao cinema. Que filmes horríveis tenho visto! E quase diariamente.

Recebi de não sei quem um número da revista Edifício. Até escrevi para a direção da revista pedindo assinatura e dizendo outras coisas de solidariedade (que na verdade é também pedido de solidariedade...) mas rasguei logo a carta porque este era um movimento simulado. (perdoe estar talvez desvirtuando inteiramente o sentido de movimento simulado...) Tem uma poesia muito bonita do Lúcio, tem uma outra do Ledo Ivo, é engraçada uma coincidência meio incompreensível. A poesia é dirigida a uma Madalena que ele ama e a quem diz coisas de ternura. E lá para o fim, ele diz que "te quero brasileira", etc., e "não te quero europeia, lendo Paul Valéry, /Não te quero nas montanhas suíças, ou olhando a Itália de um expresso noturno./ Não te amaria tanto se me enviasse cartões-postais onde a Europa imóvel fosse a saudade transatlântica, etc." Não mando mais cartões-postais para ninguém...

Fernando, você perdoe essa carta que eu desejaria que fosse mais alegre e animadora, como é animadora uma carta sua. Sobretudo para justificar minha insegurança que faz você ficar surpreendido... Mas você deu minha resposta única: "só você sabe a custa de que sacrifícios, no íntimo sou frágil, incerta, descontro-

Scanned with CamScanner

lada". Você se espantaria se eu lhe dissesse exatamente isso: você é que tem uma segurança que eu admiro embora saiba a custa de que ela é feita. Me diga como você tem trabalhado, o que tem lido, como vai essa forma de ser alegre que é sua bateria. Acabei de ler Uma Tragédia Americana, que é um verdadeiro romance que me fez chorar. Elianinha está gostando dos EEUU? ela diz o quê? Imaginei bem o susto de Helena e de você com a história do aeroporto. Como vai Heleninha como dona de casa americana? ela encontrou aí aquela amiga americana de seu edifício? aqui tudo é racionado e o açúcar também e carne tem dias certos. Frau Hulda vivia com coupons, restrições e súbitas liberdades e de novo coupons. Que é que eu faço para o almoço? bife com batatas fritas, é minha solução geral. Agora começou a chover de fato e desta vez acho que é para sempre. Quando estive em Paris nem soube que Pedrosa estava lá, senão teria procurado vê-lo. Passei sob o Arco do Triunfo várias vezes, fui a lugares incríveis. Num cabaret vi, enquanto o show se passava, uma moça feinha, de cabelos curtos e lisos, de rosto gordinho, loura, chorando tanto até quase desfalecer. Tinha uma mulher forte e morena junto que só faltava dar nela, e um homem gordo junto que puxava o braço dela e falava duro com ela. Todo o mundo começou a reclamar, a dizer que queria ver o show e que quem queria chorar que fosse para casa... (quase que fui). Então o homem gordo que já estava bêbado levantou-se e gritou: então uma mulher não tem direito de ter uma crise de nervos? então puxaram ela para fora para evitar briga. A moça chorava tanto que já não tinha olhos. Então a moça morena afinal foi buscar alguém: um rapaz magro que era o amante da moça que chorava e que veio como uma fúria, falando baixo enquanto o show se passava e que chamou a moça dos piores nomes franceses. A moça morena disse que daria a ela cem francos para ela ir dormir não sei onde. A moça que

chorava pedia perdão ao rapaz e todo mundo pedia silêncio e as moças do show cantavam e o artista principal, vestido de mulher, interrompeu-se e disse que um artista não podia trabalhar assim. Então o amante da moça se levantou e foi embora enquanto a moça puxava ele pelo braço e recomeçava a chorar tanto que já não tinha forças. A moça morena então bebeu toda a taça de champagne de uma vez e puxou a outra que saiu assoando o nariz e soluçando. Eram três horas da madrugada. Não posso explicar o que havia de horrível nisso, de anônimo, e nunca eu poderei saber o que fez a moça e aonde ela foi dormir em seguida.

Não vi Jean-Paul Sartre nem ninguém do gênero. Aquele sinalzinho que eu botei junto de seu nome, no envelope, significa abreviação de Esquire, título de nobreza e respeito, cavalheiro ou coisa que valha... Jamais deixarei de botar esse sinalzinho numa carta para você. Até estou pensando num equivalente para Heleninha mas só consigo mesmo pensar na caixinha de música.

Você procurou Araújo Castro? estou no entanto certa de que vocês se gostariam.

E sob o signo de u unter lemons, e sunkist para sempre, (receio que seja uma coisa horrível) me despeço de vocês. Desejo-lhes uma felicidade muito boa, tranquilidade, esperança e alegria. Um abraço grande para Heleninha e outro para você da

Clarice

Escreva por favor

De Seminarstrasse o endereço passou a ser LUISENSTRASSE. Légation du Brésil, Luisenstrasse, 46

Old Greenwich, 3 de agosto de 1946.

Clarice,

Uma praia com areia preta. Um jardim todo torto, a grama cheia de folhas secas. Na frente o mar, com um homem barbado dando braçadas. A mulher de touca branca olha para trás dentro d'água, ri do barbado que deve ser seu marido, apesar da barba. A barba fica molhada, colada ao peito, escorrendo água. Na cabeça ele tem uma touca de meia de mulher. Estamos em 1912. No jardim tem uma árvore, debaixo da árvore tem uma mesa de vime, em cima da mesa uma máquina, em frente à mesa uma cadeira de vime e em cima da cadeira eu. Me sinto feito de vime também. O hotel todo branco aqui atrás de mim tem formas normandas, não é hotel, é estalagem, para botar um pouco de cor no local: Old Greenwich Inn. Estamos em 1912.

As cadeiras de lona em cima da grama são desbotadas e muito infelizes. Há um farol lá no meio da baía, me lembrando sempre, para o mal dos meus pecados, uma fita de Shirley Temple. Fui buscar meu paletó, para o jantar, prudentemente escreveram na parede do quarto que homens devem pôr o paletó para jantar. À esquerda tem um mastro grande com uma rosa dos ventos indicando direções elementares e injustificadas, pois todos os caminhos levam ao sul. O barquinho lá adiante com uma moça de verde dentro parece que enguiçou. O avião está passando, ouço o ruído mas não vejo. Está frio. Uma estúpida águia americana me olha rapinamente lá de cima do tal mastro. A máquina faz toc-toc-toc nesta mesa de vime em vez de tec-tec-tec. Me sinto vazio, feito de vime: vazio vazio

Scanned with CamScanner

vazio. Vou escrever uma carta para Clarice aproveitando esse vazio. Machado de Assis morreu faz dois anos. Ou quatro? O pescador conserta o cachimbo na boca, olha para mim e sorri, lá de dentro do seu barco. A mulher de vermelho lá na porta do jardim cruzou as pernas, de repente olhou para o lado, pensando coisas de antes do nascimento. Vou escrever para Clarice. Clarice Lispectorstrasse.

O mar está subindo mas acho que não chega aqui. Tec-tec-tec, vou escrever:

Clarice, antes de tudo, como vai você? Ou antes ainda, como fica você? Porque você por dentro não vai bem não, Clarice Lispector, você por três vezes já se esqueceu de sorrir quando era preciso, e se alguma coisa acontecer bem engraçada, bem engraçadinha, por exemplo a menininha de amarelo sair correndo atrás do passarinho e não pegar, você vendo é capaz de chorar. Isto não está direito, Clarice, pergunte a Frau Hulda se está direito. Ela fala que não, mas a Frau Hulda é mais triste do que você, mais triste do que a barba daquele homem, mais triste do que esse barulho de pratos. E vocês duas acabam chorando no corredor, abraçadas. E a águia cretina lá em cima me olhando. Vazio, vazio.

Recebi sua carta ontem quando ia sair para passar o final de semana neste lugar. Fui buscá-la no escritório correndo (pois já saí de lá, talvez fique no Consulado: continue escrevendo para lá, até eu mandar o novo endereço) e depois peguei Helena e Elianinha e viemos. Eu estava amolado: tinha a impressão de que te escrevi uma carta muito imbecil, muito bestinha: cheguei a escrever outra mas rasguei. Eu tenho a mania incorrigível de falar para os outros o que estou falando para mim mesmo. Comi uma lagosta estragada, e então tive vontade de sair avi-

Scanned with CamScanner

sando a todo mundo: não coma lagosta! não coma lagosta! e no entanto há lagostas aqui muito boas.

A coisa é mais séria e afinal tudo redunda em puro egoísmo: a gente procura ajudar-se a si mesmo apenas, e usa todos os caminhos, inclusive os indiretos, de cinco ou seis destinos que a gente pode tocar com as mãos. Ninguém ajuda ninguém, e a verdade é que estamos sozinhos, cada um consigo mesmo. Não ajuda porque todo gesto, toda palavra, todo movimento desinteressado visando uma realidade fora da nossa é mais egoísta que o mais sórdido interesse. Porque nasce do orgulho e pressupõe um julgamento. Não nos entregamos a ninguém: absorvemos. Todo gesto de ajuda é o extremo oposto da caridade: é um movimento simulado. Pressupõe um julgamento, e quem julga é Deus. Somos feitos à imagem e semelhança Dele e nos sentimos falhados porque não sabemos fazer milagres. Quando nossa vida inteira desde o nascimento até a morte, antes do nascimento e depois da morte é um milagre. Nós é que somos o milagre de Deus, porque estamos no mundo não como anjos decaídos, mas como homens — matéria de salvação. Quanto mais vivemos, mais nos perdemos e quando tudo estiver perdido estaremos salvos. Salvos pela humildade em dizer: perdi. Essa é a verdade para mim e não vejo nenhuma outra. Quanto mais avançamos nela, mais nos tornamos incapazes de dar ou receber ajuda, percebendo que todo movimento nosso e dos outros é simulado. Não podemos fazer nada porque já sabemos muito. A sabedoria integral de Cristo fez com que Ele morresse na cruz. Não podia fazer nada senão morrer por nós. E era Deus. Não somos deuses, e vivemos arremedando Deus. Somos capazes de conceber uma imensa cruz de papelão e sair pela rua com ela nas costas. E há quem morra, por orgulho, numa cruz de papelão. Mas tudo é mentira, é tudo falso

Scanned with CamScanner

e ridículo, não testemunhamos nada senão a nossa própria derrota. Os pobres de espírito não se mexem: bem-aventurados os pobres de espírito... Os ricos de espírito se desdobram em movimentos simulados, apregoam aos quatro ventos as virtudes elementares, o amor pela vida, a justiça, o sentimento humano. Pobre humanidade deles, do cotidiano sem mistério, da surpresa esperada em cada corpo, do segredo assassinado em cada boca. Tudo isso é horrível e me desespera. Não temos nada a fazer a favor de ninguém que não seja por orgulho. Só temos a oração e o amor. A oração humilde de cada noite, da ave-maria e do padre-nosso repetido muitas vezes, já decorado e sem sentido. É o amor dos homens em Cristo. Mas preferimos amar diretamente, com toda a nossa força, com toda a nossa "humanidade" e nossa "compreensão". Compreendemos tanto que amamos nos homens a nós mesmos. Não temos a humildade da oração, nossa oração é muito complicada, logo vira discurso. Não temos nada senão nós mesmos, uma realidade obscura da qual fugimos, pelo testemunho dela como artistas. A arte não nos satisfaz porque não passa disso: é o testemunho de nós mesmos. O verdadeiro testemunho é o dos santos e a nossa tristeza mais irremediável é de nem ao menos saber onde é que perdemos nossa única oportunidade de sermos santos.

Gostei muito que você estivesse lendo a Imitação de Cristo, Clarice. Não adianta nada, não resolve, não resolveu nada para mim. Mas ajuda a pensar, purifica às vezes. O que é preciso é pensar sem escamoteios, sem truques, sem literatura. Nascer de novo cada dia e dizer: começo aqui; acordado, de pé, aqui estou — como no poema do Hélio. E começar de novo. Nosso livro é o nosso testemunho, Clarice, é a única coisa que nós temos. Nele é que aprendemos a viver nascendo, nele é que vivemos, viajamos, amamos, temos filhos, amigos — é a nossa realidade,

Scanned with CamScanner

nosso testemunho. Às vezes contra nós mesmos. Ele é que vai viver sozinho, vai agir pró ou contra, vai ter uma individualidade da qual não participamos, de filho pródigo que não retorna. Nós não, nós perdemos. Nós perdemos sempre, Clarice.

Não acredito que você tenha chegado a um ponto de onde não possa mais sair. (Elianinha passou aqui chorando, chorando, tive de parar para dar a ela um maço de cigarro vermelho que ela levou embora e não chorou mais.) Não acredito porque ninguém chega a ponto nenhum, Clarice, com uma entrada e uma saída. Você está simplesmente passando, como a Elianinha passou por aqui. Está sofrendo e chorando como a Elianinha, porque tomaram o seu brinquedo. E ninguém te engana com um maço de cigarro, você de repente não é criança mais. É uma fase: e você vai saber o que dizer, quando fizer uma confissão que salve tudo. Nem que seja para você mesma. É horrível mesmo ver você presa num círculo de giz. Sei que é uma fase porque você diz que interrompeu o seu trabalho, achando que é talvez para sempre. Acredito que outras vezes você já deve ter interrompido o seu trabalho, achando que era para sempre. Se fosse mesmo, todo mundo perceberia, até no jeito de você olhar, no jeito de sobrescritar um envelope. Menos você mesma. Você própria não notaria, teria "transferido", outra coisa teria nascido em você. Mas não vejo jeito de você ter mudado. Na sua carta diz mesmo que não vê começo de uma coisa nascendo. Eu não vejo nada morrendo. O que você deve ter não é um problema, mas muitos problemas, que podem ser horríveis, mas são muitos, portanto não são você, apenas te prendem — e eu gostaria mesmo que você pudesse abrir seu coração e se libertar, Clarice. Creio muito em você, tanto quanto às vezes em mim mesmo. De repente descreio violentamente: tenho medo de nós falharmos. Tenho os meus

Scanned with CamScanner

problemas, e outras vezes é meu livro que me desespera. E não é só isso — há momentos que sinto vergonha, cubro o rosto com as mãos e percebo que não é só isso. Volte a me escrever, Clarice, quero você muito feliz e isso me faz bem. Suas cartas e minhas respostas me fazem bem, e ainda agora relendo esta percebi que te dei sem notar o sentido ainda que bem vago e inseguro, mas um sentido, dos movimentos simulados. A ponto de estar pensando agora na torpeza de copiar para rever mais tarde, se era isso mesmo. Você me perguntou o que ele era: é uma coisa muito complicada, mas talvez no fundo o sentido dele seja esse e é possível que o que eu disse ainda figure nele. Como é possível que seja outra coisa completamente diferente, não sei. Também estou frágil, incerto e descontrolado.

Esqueci de dizer que não estou escrevendo mais de Old Greenwich Inn, lugar de uma banalidade bonita e irritante. Me fez ficar muito triste, pensei muitas coisas. Cheguei hoje e retomei esta carta como se não tivesse interrompido. Você não pode imaginar o que tem sido estes Estados Unidos para mim, tenho medo de me acostumar e eu jamais poderia aceitar viver num lugar desses. É preciso dizer que minha situação aqui é das mais complicadas, não me dei bem com o meu chefe, estou morando mal, comendo mal, minha sinusite piorou muito e agora dei para sofrer dos rins. Ao dentista tenho ido diariamente...

Hoje estive no Consulado, procurei o Araújo Castro, falamos em vocês. Ele está para ser pai novamente dentro de oito dias, naturalmente que está meio aéreo e preocupado. Não recebeu seu livro e tinha vontade de ler. Acredito mesmo que vou gostar dele.

Não recebi o terceiro número de Edifício. Talvez porque tenha protestado contra certas coisas do segundo. A poesia do Ledo Ivo parece ser muito significativa. Estou agora relendo sua carta e respondendo; pondo em dia: ah, você gosta de verde? pois eu

Scanned with CamScanner

de azul. Gosta de manga verde? eu também. Já leu Pinnochio na África? O "Pinnochio" mesmo é muito melhor. Assim: Você tem visto filmes horríveis? Pois eu não: há aqui perto de casa um cinema que tem a humildade de ser uma simples portinha de edifício, a humildade ainda maior de uma simples palavra em verde, "Cinema", e a humildade inconcebível de não ter porteiro. Tem bilheterias, bilhetes, mas o porteiro fica lá dentro assistindo à fita, fica na sala de espera conversando com os frequentadores já conhecidos, fica em casa, só Deus sabe onde fica o porteiro. É uma salinha de duzentas cadeiras, se tanto, refrigerada, e a especialidade do tal cinema é filme francês, escolhido. Estão passando agora um filme de Cocteau e uma peça de Jules Romains. Há um outro chamado Thalia que leva também só filmes bons. Esta semana: Crime e Castigo, com Harry Baur; Irmãos Karamazov, versão alemã; Pedro, o Grande e o Encouraçado Potemkin, um cada dia. E há ainda o Museu de Arte Moderna, onde estão fazendo uma série de história do cinema, desde os primeiros filmes feitos e os melhores até hoje. Não se iluda: naturalmente que perdi tudo, não fui ainda ver nada disso. A não ser o tal cineminha humilde.

Clarice, eu não sei de quem é "Uma Tragédia Americana". Quando me falar num livro faça o obséquio de dizer o autor, pois sou muito ignorante. Estou lendo Lawrence, "The Rainbow", e gostando, você já leu? Fui suspenso por dez dias no meu emprego, porque escrevi para meu chefe um manifesto antiburocrático. Aproveitei para dar um bom avanço no meu livro. A coisa se complicou muito: imagine que o homem está gostando da filha, que ao mesmo tempo não é filha dele, um personagem morreu de repente para eu poder acabar um capítulo, outro começou a escrever cartas para ele mesmo,

estou mato-não-mato uma mulher... É o diabo a quatro. E não voltei mais ao escritório.

Estou com uma novelinha muito simpática na cabeça, só falta tempo: a história de um homem casado com uma cleptomaníaca. Ele amava ela tanto que quando descobriu que ela ficava feliz roubando coisas inúteis, começou a ajudá-la, roubando também. E ela termina largando o marido sozinho porque ele era ladrão.*

O quê, sete páginas! Isto já é um pouco de exagero — até logo, Clarice, até logo. Elianinha só diz cinco palavras: papai, mamãe, me dá!, babá e *Gryphenhüberliveg.* Canto toda noite para ela dormir, me lembro daquelas suas lições de hipnotismo, mas não dá jeito: só dorme quando quer. Até logo, Clarice, me escreva. Um dia ainda visitarei você em Luisenstrasse, luisenstrasses, luisenstrasse; luisenstrássemos, luisenstrasseis, luisenstrassem. Abraço com muita amizade.

Fernando

Desculpe o tom ora solene, ora lírico e ora vesgo desta carta. Se você quiser, mudo de tom. Mas tudo é muito sério em todos os tons, há em todos eles uma seriedade, como me disse o Mário uma vez, de estarmos procurando nos viver melhor.

Esta carta ficou tão grande, meu Deus.

Escreva para: Brazilian Consulate, 10 Rockefeller Plaza

Me mande "O Crime", por favor.

*O *Bom Ladrão*, em "A Faca de Dois Gumes". Trilogia de novelas, Editora Record, 1985, e em edição popular de 500 mil exemplares, Editora Ática, 1991.

Scanned with CamScanner

Europa, Suíça, Berna, Ostring, 5 de agosto de 1946, segunda-feira de manhã, 10 horas menos 10 minutos

Fernando,

recebi carta daquela moça Diva, lembra? e ela me mandou seu artigo "O Sentimento e a Palavra", que assim recebi pela segunda vez. Li de novo e fiquei tão contente... Foi de novo uma carta sua, e uma conversa. Fiquei animada, não importa que daqui a pouco acabe e que eu vá com alma morta para a costureira... O que importa é que fiquei como estou agora, bem na primavera. De repente me pareceu que eu devo continuar a trabalhar, que tudo está ruim, mas que é assim mesmo, que as coisas são desconhecidas até que rebentam numa conhecida, a pessoa está só no mundo de modo que deve tomar certas providências urgentes de silêncio e meditação, já que não se sabe nem se pode agir, e que de vez em quando a gente pode receber este presente gratuito que é a palavra amiga de um amigo, e suponho que se há compensação e não vejo por que ela haveria de ser maior — esta já é grande e é mais do que se merece. Assim, mando depressa este momento de felicidade para você, e espero que ele vá incendiando papéis e ervas por onde passar e quando chegar a Nova York vá subindo em fogo rasteiro as escadas e chegue junto de Heleninha de Troia e de Fernando, o Sabino, num grande fogo de amizade. Amém.*

Clarice

**O Sentimento e a Linguagem*, sobre "O Lustre" (já mencionado antes).

Berna, 14 agosto 1946.

Fernando,

a descrição de Old Greenwich começou muito bem, eu lendo apenas; depois fui entrando em 1912, e entrei em transe — fiquei passeando pela praia como um maillot até os tornozelos e com meu lanche numa cestinha; e depois, na hora do pôr do sol, botei meu chapéu de abas largas até os olhos, meu vestido comprido de linho bordado e me sentei num banco junto de um homem de bigode e chapéu de palha. Que maravilha se a gente pudesse mesmo usar o pó do pirlimpimpim. "Nandinho", que carta boa a sua. Estou entendendo tão bem o que significam os movimentos simulados. Trabalhe bastante, Fernando, dê um "tempo" largo aos movimentos simulados. O personagem é "corajoso"? (não sei como dizer o que quero dizer sob a palavra "corajoso"). Gostaria que ele fosse. Vou copiar para você o pedaço em que você me dá uma ideia do sentido de movimentos simulados. Talvez esteja aí mesmo um dos pontos que você precisa. Eu tinha tanta vontade de ser um fantasma arrepiado e ficar atrás das pessoas que estão pensando junto de uma mesa e soprar um ânimo, uma palavra. Agora já estou em "transe" de novo, e me contenho para não me imaginar fantasma. Eu chegaria junto de Heleninha e com um toque leve curaria o terçol e ela olharia espantada. A você diria, como se fosse seu próprio pensamento: como é bom trabalhar, como é bom construir, etc. Mas acho que também faria brincadeiras, esconderia coisas e riria dentro das pessoas: as pessoas iam dizer: não sei por que estou rindo! Meu anjo da guarda acaba de me dizer que eu tenho que fazer tudo por mim mesma — e foi embora.

Scanned with CamScanner

E eis-me aqui, em pé. Porque é que eu acho que você pode tão bem fazer exatamente essa história com título de movimentos simulados? mas acho muito. Você diz num pedaço: o verdadeiro testemunho é o dos santos e nossa tristeza mais irremediável é de nem ao menos saber onde é que perdemos nossa única oportunidade de sermos santos. Fernando, meu Deus, pois você falou numa coisa que está ligada ao trabalho que eu estava tentando e abandonei. Tratava-se de uma moça que, porque era curta de espírito e muito lenta, forçava muito esse espírito fraco e isso dava uma espécie de santidade. Meu Deus, nem sei explicar, estou vendo que você não pode entender assim. Mas, porque ela era desses fracos, ela forçava o espírito para ver a realidade — "mas era mais fácil ver o sobrenatural do que a realidade". Ela forçava um momento de "santidade" para estar à altura das coisas que ela via com uma clareza intransponível e estúpida.

Estou vendo que não disse nada, que não é nada disso, e estou vendo que estou bastante perdidinha. Não quero mais falar, tudo isso é horrível e pesado. Quem me mandou escrever para você e você responder? Tem certas coisas que é melhor que a gente nunca tenha oportunidade de dizer, certas coisas que ficam fatais depois que se disse, e antes pelo menos era a vida de um modo geral, os divertimentos, o momento amargo antes de dormir, o almoço. Você sabe, quando eu queria entrar na Faculdade, papai não queria e eu soube que ele tinha dito à minha irmã que não queria porque tinha medo que eu terminasse pensando demais e me exaltando. Não foi a Faculdade evidentemente que me deixou assim. Mas agora compreendo tanto o que ele queria dizer. Uma vez ele disse: se eu escrevesse, escreveria um livro sobre um homem que viu que se tinha perdido. Não posso pensar nisso sem que sinta uma dor física insuportável.

Quanto à Imitação de Cristo, ela me manda sofrer até o sangue, e me ceder inteiramente. Sofrer até o sangue, chegarei lá e mesmo às vezes já cheguei. Mas me abandonar, não sei como, me falta a graça. Como diz A. Lins, eu sou dos muitos chamados e não escolhidos...

Vou encerrar essa conversa horrível. Vou lhe dizer que mando aí "O crime", a história tosca de um homem que não quis ser punido. Mandei-a para um amigo que tem uma revista chamada "A Casa", e a quem prometi há muito tempo dar um conto a publicar.*

Que foi que houve com você no escritório comercial? você está no consulado? Imagino que você também ganha pouco e como é cara a vida em N.York. Mas você sabe que em traduções você pode ganhar muito? traduções do inglês para o português: tem mil revistas agrícolas, comerciais, etc., que precisam mandar artigos para Portugal e Brasil e que pagam muito bem os tradutores que são raros numa língua tão rara como a nossa. Muitos brasileiros já se sustentaram muito bem assim nos EEUU. E tradução de filmes? Heleninha poderia traduzir para essas revistas, e seria até uma distração para ela. Informe-se junto a editoras, e mesmo, quem sabe, pondo um anúncio no jornal. Sei que pagam muito bem. Me escreva a respeito, Fernando. Não pergunto mais e não digo mais para não tomar ar maternal.

Não recebi resposta de Paulo, e com razão: no momento de escrever me lembrei do ouvido dele, e me lembrei que vocês saindo ele estava um pouco só, e sem querer tomei um ar maternal detestável, que não era na verdade maternal mas imagino que ele interpretou assim. Estou sempre errando.

---

*O *Crime do Professor de Matemática*, em "Laços de Família".

Fernando, não escrevo mais hoje, porque apesar de estar com os cabelos molhados, estou com os olhos secos e a alma seca, tenho medo de ser "maternal".

A Tragédia Americana é de Theodore Dreiser, e muito bom. Li também Les revenants e Maison de Poupée de Ibsen. Li a Aranha Branca, romance policial. Li um livro de contos de uma boa escritora suíça-romanda (quer dizer, da Suíça-Francesa), chamada Clarisse Francillon. Li "La machine infernale", de Cocteau, teatro, versão da tragédia de Édipo. Li um romance de Simone de Beauvoir, que está ao lado de Sartre no movimento existencialista, "L'invitée". Acompanho na Gazette de Lausanne um folhetim chamado "Fabia". Esse amigo da revista me escreveu dizendo que Nelson Rodrigues fez uma peça chamada "Álbum de família", que a polícia proibiu, mas já está à venda. E diz que Marques Rabelo deu uma entrevista dizendo que "temos de passar o bastão de 'geração moderna' para os que vêm chegando em novas levas", e que "nosso tempo já passou, o que fizemos foi isso que está por aí, se foi pouco a culpa foi nossa e o prejuízo do povo — os outros que chegam que prossigam".

Fernando, um grande abraço para Heleninha e para você; me escreva. Se vocês viessem morar em Berna, arranjaríamos uma casa para vocês em Gryphenhüberliveg, eu daria a Elianinha mil amiguinhos suíços e ela mandaria em todos eles; depois nós iríamos almoçar aqui em casa, eu mandava Rosa fazer um gateau aux pommes. A única pena é que eu não receberia mais carta de você... (Agora que entrou na minha cabeça a história de vocês fazerem traduções, ela não me sai mais "da ideia" e estou pensando). Um abraço.

Clarice

Scanned with CamScanner

Tenho uma vaga ideia de que o conto não presta pra nada... Não se constranja com isso.

15 agosto — Ontem ouvi pelo rádio a Cantata de Narciso, de Paul Valéry, com música de Germaine Tailleferre (?). A cantata é linda e está num livro dele chamado "Mélange".

Scanned with CamScanner

New York, 17 de setembro de 1946.

Clarice,

Quase que meu silêncio desta vez em relação a você vira de novo caso de consciência, como naquela ocasião em que saímos do Brasil. Graças a Deus uma operação na garganta a que me submeti há poucos dias (ainda estou de repouso em casa, saí do hospital anteontem) pode com um pouquinho de boa vontade responsabilizar-se. Mas a verdade é que atravessei um período mais ou menos intenso de "bom jeito" e precisava terminar a todo custo um capítulo enorme. Eu estava macio que só vendo, a coisa foi de uma felicidade tão grande para mim (embora o trabalho, o medo, o cansaço, as dificuldades) que terminei como se estivesse escrito um romance inteiro. Agora estou vazio, seco, estéril, inerme, oco, esgotado e mais toda essa desvitalizada coleção de adjetivos.

Recebi, porém suas duas cartas, a pequena mensagem amiga, o fogo rasteiro que realmente nos incendiou em saudade de você, envolvendo até mesmo a Elianinha que fez o impossível para picar a carta em pedacinhos sem conseguir — e a sua outra carta com o conto, de que gostei muito. Fiquei muito encabulado quando dei com aquela página de minha carta copiada por você, tive a impressão de que o que eu dizia sobre os movimentos simulados era também um movimento simulado. Em todo caso me será útil, e muito obrigado pelo trabalho.

Clarice, estou tão sem engenho e arte hoje! Com minhas amígdalas parece que estirparam definitivamente minha

Scanned with CamScanner

possibilidade de comunicação. O que aliás seria muito engraçado: escreveu até 1946, ocasião em que uma operação cirúrgica cortou-lhe a vocação literária, neutralizando-lhe em saúde e tranquilidade — a posteridade haveria de me dedicar.

Clarice, estou me sentindo tão menino hoje! Minha idade mental não ultrapassa agora a de um menino de doze anos. De modo que acho que a solução para o meu caso seria dedicar o resto da vida a escrever o Diário de Marques Rebelo. Ah, antes que as asneiras que vou escrevendo me tirem a possibilidade de mandar esta carta, deixa que eu conte uma coisa capaz de garantir que ela seguirá. Foi o sonho que tive com você anteontem, sonho ainda de hospital e talvez influência ainda de anestésicos, de qualquer maneira muito importante.

Sonhei com você e com o Octavio de Faria. Eu e você estávamos parados numa praia muito esquisita, toda verde, a água refluía para o mar não em ondas mas em escumas (procuro um exemplo e não encontro), enfim era um mar bem estranho e iluminado, verde-claro, atrás de nós tudo era escuro e negro como o vazio, só o mar existia. Estávamos parados, eu te contava que tinha acabado de ler os originais de um novo livro do Octavio, um livro completamente diferente. Eu falei assim: "O mais impressionante, Clarice, é que tudo o que o Octavio criou *agora* existe e antes não existia." Você não falou nada, estava de lado olhando o mar. Continuei: "Tudo tem um nome e mesmo a fera tem um nome que o Octavio não sabe." Então eu escutei um ruído que podia ser o vento ou o murmúrio do mar, como o eco de um gemido do outro lado. Você não tinha escutado e continuava impassível como uma estátua. Falei de novo: "Tem um nome, Clarice, esta fera tem um nome." De novo ouvi o ruído, desta vez mais nítido,

Scanned with CamScanner

áspero (era como um instrumento de música em que alguém soprasse com força), você se voltou, parecia também ter escutado. A minha alegria já não tinha limites, nós nos olhávamos, perplexos e deslumbrados, e eu gritei, certo de minha vitória: "Tem um nome, EU SEI o nome da fera!" Foi quando se deu o inesperado: ao longo do meu braço esquerdo, até a mão, até o dedo polegar, um risco, como de lâmina, deixou atrás de si o sangue brotando do corte que atingira também a unha, ela se abrira em duas. Fiquei olhando aquela linha de sangue no meu braço, depois nos olhamos estarrecidos. Aquilo significava que havíamos descoberto que *tudo existia*, que era a vingança do que existia contra o meu conhecimento de um nome que nos salvaria ou perderia. Octavio havia chegado, estávamos agora numa sala que tanto podia ser aquela de meu apartamento no Rio como uma sala de espera qualquer. Corremos para ele, eu contei-lhe tudo, invoquei você como testemunha. Octavio não acreditava e nos fez jurar. Juramos, eu mostrei o sinal no braço, a unha partida. Então quis me lembrar do nome e não me lembrei. Perguntei a você, você me disse que eu não havia falado, havia apenas pensado, que você também tinha pensado, mas esquecera. "O importante não é o nome, Octavio, o im portante é que tudo existe", você dizia, eu dizia, e ele sacudia a cabeça, dizendo que sem o nome não tínhamos nada a fazer senão continuar a escrever, a viver e a esperar. Neste instante eu acordei, sozinho no hospital, eram três horas da manhã. Tive vontade de estender o braço e apanhar o copo d'água, minha garganta queimava. Mas faltou coragem para o menor movimento com aquele braço, eu não tinha coragem nem de fechar de novo os olhos para que o sonho não voltasse. Nunca tive um sonho tão estranho na minha vida, e o que eu contei

Scanned with CamScanner

não dá nem uma pálida ideia do "ambiente" dele. Se você se dá a devaneios psicanalíticos, me mande dizer o que achou.

Como eu já disse, gostei muito do seu conto: admiravelmente bem-escrito, não falta nem sobra nada. Se permite, duas ou três sugestões: onde você fala pela primeira vez que o homem carregava um saco, sugiro que diga saco de linhagem, ou de pano, etc... "... tirou a pá do saco" me soa desagradável. Parece que não há mais nada. É em verdade um conto tão bonito, Clarice, um conto que só se escreveria na Europa, na Suíça. Por ele posso perceber uma coisa muito mais importante do que a própria importância do conto: que você está escrevendo bem, com calma, estilo seguro, sem precipitação. Talvez porque agora você já não esteja sofrendo muito, mas sofrendo *bem*: é uma diferença bem importante, para a qual o Mário sempre me chamava a atenção. A gente sofre *muito*: o que é preciso é sofrer *bem*, com discernimento, com classe, com serenidade de quem já é iniciado no sofrimento. Não para tirar dele uma compensação, mas um reflexo. É o reflexo disso que vejo no seu conto, você procura escrever bem, e escreve bem. Me deu vontade de enunciar agora um truísmo: "O problema para quem escreve é antes de tudo um problema literário." Álvaro Lins.

Ia te mandar também um conto meu chamado "O Espelho do General", mas desisti: creio que o conto não paga o trabalho que me dará de passar a limpo e que te dará de ler. Tudo o que tenho feito cada vez corresponde menos ao que queria fazer. Apesar disso meu livro vai indo: página 178. E o seu? Conte mais coisa, estou curioso.

Acabei de ler The Rainbow de Lawrence e iniciei Woman in Love um tanto decepcionado: acho meio artificial. Li o Journal de Julian Green, as poesias de Laforgue, e comecei The Bal de

Scanned with CamScanner

Comte D'Orgel de Radiguet. Li também um livro que gostaria que você lesse, se ainda não conhece: é o Book of Practical Cats, poemas de T.S. Eliot, uma delícia, te joga numa infância que eu pensava não fosse mais possível. Recebi vários jornais do Brasil: ótimas crônicas da Rachel, boas crônicas do Rubem, e ainda crônicas do Paulo e do Ledo Ivo, que se casou, segundo a carta do Otto, com a Leda há poucos dias. Sagarana continua elogiado, Antonio Candido meteu o pau no livro do Adonias (não vi, Otto me contou) e o Hélio bebe, solitário em Marrocos, um barzinho de Belo Horizonte. Recebi ontem uma carta do Otto e outra do Hélio, depois de muitos anos de silêncio. O Paulo, nada.

Parei para almoçar e depois para pensar: pensei que agora posso fazer um movimento rápido no romance e encerrar a primeira parte. Em seguida abrir a segunda com uma crônica da família: "Em 1896 chegou ao Brasil ...", etc., e dar a origem da coisa. Não sei por que me veio essa ideia. E a terceira parte apanharia de novo a família, já alguns anos depois. Você me pergunta se o personagem é corajoso. Não, porque não se trata de um personagem — é uma família: por uma família inteira e por mais uma porção de gente que gravita ao redor e recebe influência dele, procuro definir apenas um personagem, que nem eu conheço, nunca vi por dentro e não sei a que leis se subordinam seus movimentos. Imaginei um diário desse desconhecido, que é o mais importante da história e o que aparece menos. Mas acho que não será preciso. Enfim, é tão bom imaginar, Clarice.

Toda carta que eu escrevo a você acaba sempre perigando de não ir. É que eu vou escrevendo, escrevendo, e cada vez mais ficando asnático. Depois é o tamanho que me assusta. Recebi

Scanned with CamScanner

uma carta muito boa do Otto e outra do Hélio, como já disse, fiquei muito feliz. Receber cartas é muito bom, Clarice, me responda logo.

Também pensamos em fazer traduções, pois o dinheiro é curto, você não errou. Mas em matéria de tradutores, atualmente, a oferta é maior que a procura. Fui para o Consulado porque no Escritório dei uma informação num processo sobre assinatura do ponto que meu chefe achou desrespeitosa e brigou comigo. O filho do Araújo já nasceu, com grande regozijo da colônia. Começo umas crônicas sobre os E.U. que sairão no Brasil ainda não sei em que jornal. No fim do mês nos mudaremos daqui desse doce estábulo onde moramos e ainda não temos lugar para onde ir. Fernando Sabino é realmente um ser de comovente estupidez: no Brasil, tinha casa, amigos, emprego melhor, automóvel (se bem que...), chope no Alcazar, Rubem Braga, Moacir, livros na estante, cartas da família, doenças do Pagé, discussões com Nicodemus,* sol na varanda, café na esquina, jornais pela manhã. Aqui ele não tem nada disso e ainda ganha menos, trabalha mais, se literatiza abominavelmente, finge que sabe inglês, é empurrado de tarde no subway, leva desaforo pra casa, come comida sem sal, toma café sem açúcar, e para o mal dos pecados nunca saberá com antecedência quando é que vai voltar.

Até logo, Clarice, exijo resposta imediata, mesmo que não tenha feito nenhuma pergunta. Aqui vai uma: quantas páginas já tem seu livro? A dois espaços ou a um espaço? Conte detalhes. Acho que estou fumando demais, segundo o médico dois cigarros por dia será muito para essas famosas amígdalas.

---

*Apelido fraternal de Paulo Mendes Campos.

Scanned with CamScanner

(Amígdala Montamara, famosa pianista italiana?) Deus nos abençoe, Clarice, neste penúltimo século de civilização.

Um forte e saudoso abraço para você, deste decadente

Fernando

Me escreva logo. Estou com tanta saudade do Brasil, hoje, nesse 21 de setembro chuvoso. Soube das desordens por lá? Parece que a vida anda bem difícil e o mundo cada vez mais inabitável. E nós fomos esquecer o nome da fera...

Fernando

Scanned with CamScanner

Berna, 13 outubro 1946.

Fernando,

que bom receber carta sua.

Eu não sabia que você tinha amígdalas... Minha amizade por você teve presença por tão pouco tempo. Acho que deveríamos apagar tudo e principiar pelo princípio. Começo um pouco timidamente dizendo que fiz operação de apendicite. Quem sabe a sinusite não era amígdalas?

Seu sonho, Fernando, nem quero psicanizá-lo, e nem lamento que tenhamos esquecido o nome da fera, se bem que por dentro eu diga decepcionada: pronto, nunca mais. Mas se nos lembrássemos do nome dela estaríamos no mesmo: certamente ele não seria uma palavra clara mas uma ignorada, uma que de novo a gente teria que dizer: é um símbolo. Se bem que dessa vez essa palavra fosse o último símbolo, o mais perto do nome real, e não o símbolo do símbolo do símbolo, como são as outras palavras. Mas acho que já estou desvairando e continuando o sonho do sonho do sonho.

E outra coisa, meu caro confrade: seu sonho está muito bem-escrito. Não estou falando em "descrito", porque por mais bem-descrito que fosse não seria o original que é o sonho, seria mesmo descrito.

Uma noite dessas também sonhei uma coisa. Não foi terrível como o seu sonho (a ideia de uma unha partida em dois é o mesmo para mim que apagar quadro-negro com folha de papel... até nisso sua "técnica" de horror foi bem-sucedida). Meu sonho não

Scanned with CamScanner

foi tão terrível como o seu mas também me deu uma angústia de símbolo. Sonhei que estava num lugar de cores apagadas, tudo meio dormente, e que eu ia subir uma escadaria imensa, alta, alta. Eu me aproximava para subir e com horror via que a escadaria era apenas pintada — nem pintada, desenhada a lápis com perspectivas certas em claro e escuro, parece que em cima de papel móvel porque havia vento. Nem lhe posso descrever de como comecei a subir e que dificuldade sentia: era uma imagem de escada e não escada e eu pisava em degraus desenhados e sem profundidade. Peço-lhe que não faça psicanálises... Acho que a explicação é de que me falta "realidade".

Aliás o Lauro, numa carta que recebi dele, fala em relação ao Lustre em "escritor a ficar pedalando indefinidamente no vácuo", o que está bem-dito, em relação a quem é. Não é truísmo o seu — o problema para quem escreve é antes de tudo um problema literário — mas pergunto-lhe agora: é ainda um problema literário a falta de pés no chão ou é anterior a ele? Acho que estou divagando e nem responda.

Estou muito contente com seu período de "bom jeito". Gosto muito de "em 1896 chegou ao Brasil..." Também andei procurando "anos atrás". Meu livro há meses está parado por falta de movimento íntimo e "êxtimo". Espero em Deus acordar deste mau sonho que está se prolongando mais do que posso às vezes suportar. Mas às vezes nem é difícil suportar. Às vezes estou num estado de graça tão suave que não quero quebrá-la para exprimi-la, nem poderia. Esse estado de graça é apenas uma alegria que não devo a ninguém, nem a mim, uma coisa que sucede como se me tivessem mostrado a outra face. Se eu pudesse olhar mais tempo essa face e se pudesse descrevê-la, você veria como é esse o nome da fera que você esqueceu no sonho.

Talvez seja orgulho querer escrever, você às vezes não sente que é? A gente deveria se contentar em ver, às vezes. Felizmente tantas outras vezes não é orgulho, é desejo humilde. Enquanto isso, estou me divertindo tanto quanto você não pode imaginar: comecei a fazer uma "cena" (não sei dar o nome verdadeiro ou técnico); uma cena antiga, tipo tragédia idade média, com... coro, sacerdote, povo, esposo, amante... Em verdade vos digo, é uma coisa horrível. Mas tive tanta vontade de fazer que fiz contra mim. Não está pronto e está tão ruim que até fico encabulada. Mas você não imagina o prazer... Trabalhando nesta cena, estou descobrindo uma espécie de estilo empoeirado — uma espécie de estilo que está sempre sob nosso estilo e que é uma mistura de leituras meio ordinárias da adolescência (não a sua, por Deus, talvez de sua infância...), uma mistura de grandiloquência que é na verdade como a gente já quis escrever (mas o bom gosto achou com razão ridículo), uma mistura disso — está ruim como o quê, mas com que prazer descubro as tiradas — parece que não há sequer invenção. É tão engraçado... Talvez, se chegar a um ponto em que a grandiloquência pelo menos tenha o pudor da gramática, eu lhe mande. O verdadeiro título dessa grande tragédia em um ato seria para mim "divertimento", no sentido mais velhinho dessa palavra.

Recebi há tempos carta de Rubem Braga que diz: tenho saudades de Fernando e também muita, ou mais, de Helena, menina engraçada... Recebo carta de Sarah, mulher do Lauro Escorel, de Diva, aquela moça amiga do Lúcio, lembram? Ela é agora minha amiga, me mandou numa das cartas um amor-perfeito. Fernando, eu queria muito ler outros contos de Helena, seria possível? Não escrevo diretamente para ela sobre o conto para não amolar, mas foi tão bom, fiquei tão honrada...

Scanned with CamScanner

"Tirou a pá do saco" também está me soando horrível... Dá impressão daquelas frases-brinquedo que têm molinha escondida: tanto pode ser "tirou a pá do saco" como "pá saco tirou".

Página 178 é uma bela página de romance para se estar. Desejo que você não esmoreça, porque é tão bom estar de "bom jeito". Acho que eu devia abandonar minha "tragédia" em um ato...

Demorei tanto a responder por motivos exteriores ao prazer que tenho em receber carta sua e ao gosto de lhe responder. Por que é que você hesita em cada carta, sobre se deve ou não mandá-la? Acho que sou tão seca que corto o movimento das pessoas. E só quem é assim é que pode compreender como é ruim ser assim.

Estou aqui em pleno outono, e apesar de ser outono, apenas por ser "pleno", tem o mesmo fulgor de primavera plena, de inverno pleno — a impressão que dá é que alguma coisa está madura. Talvez sejam as maçãs,

que

são

redondas

e

vermelhas

E depois dessa extrema poesia, peço, porque estou com frio, uma esmolinha pelo amor de Deus. E para rimar digo adeus, que é rima pobre e nua, mas, ai de nós, absoluta. Recebam um abraço de saudade,

Clarice

Fernando, você poderia me mandar o Espelho do General? O nome é uma beleza. E o general é velho, e é silencioso.

New York, 30 de outubro de 1946.

Clarice,

Estou para te escrever, aguardando apenas tempo, descanso e calma. Gostei muito de sua última carta. Tenho conversado muito sobre vocês com o Araújo, de quem me tornei amigo, atendendo a sua intimação, estamos trabalhando juntos.

Desde já um abraço, extensivo ao Maury, do

Fernando

Scanned with CamScanner

New York, 15 de dezembro de 1946.

Clarice,

Estou muito triste por ter passado muito tempo sem te escrever e não ter ainda respondido à sua carta. Não me esqueci.

Em compensação participo de coração da alegria da Helena recebendo resposta sua. E novas notícias da obliquidade de Ostring, que tanto pode ser clara e matinal como um campo de tênis, como pode ser nada mais que uma rua tortuosa e antiga para alimentar as luisenstrasses de minha imaginação.

Há uma razão mais forte do que o término de minha novela, para o fato de eu ainda não ter te escrito: o É da máquina, cansado de sua função afirmativa ou de rechear palavras brancas de meus diálogos, resolveu abdicar; pensei em te escrever *val$ndos$ do cifrão ou d& qualqu&r outro sinal qu* pud'ss: com vantag?m substituir as funço&s d+ tão nobr& lwtra, mas tiv2 dº concluir qu7 uma vogal d6 m;nos só faria aument]r a maudad3 min7ral das consoant-s, d"sd" qu% o nosso coração ´& f%ito d& vogais*. Assim resolvi consertar eu mesmo esse tipo popular de minha máquina, pondo-o de novo em atividade, de maneira um tanto irregular, como você pode ver. Em verdade te digo que minha novela é cheia de *Es*.

Gostei muito de saber que você está escrevendo uma "cena" com coro, sacerdote, esposo, amante. Não digo que sempre te imagino fazendo cenas, mas sempre te imaginei nos intervalos trabalhando numa sensação mediterrânea de surpresa e alegria em tragédias de gradiloquência divertida. Sua explicação sobre essa linguagem que é como a gente já quis escrever está excelen-

Scanned with CamScanner

te e eu compreendi perfeitamente o clima de deslumbramento e leviandade da coisa, destilando sem que a gente perceba ou queira uma íntima humanidade.

Digo mais: desconfio que será uma trilogia, nem trágica nem triste, mas certa, exata e indispensável como são esses livros que a gente escreve para desmoralizar nossa própria necessidade de escrever, fazendo na cozinha uma careta para as visitas que estão na sala.

Não sei se você está entendendo: o "Macunaíma" do Mário, para dar um exemplo, foi escrito assim; o "Anjo de Pedra" do Octavio, se acabou educado e distinto como a mais nobre das visitas, nasceu de uma ideia que ele teve na cozinha enquanto a "Tragédia Burguesa" esperava lá fora: mas não é exatamente a mesma coisa.

Mais exatamente, seria o espírito com que foi escrito o Dom Quixote; o espírito com que foram escritos os melhores poemas do Drummond e os piores do Oswald de Andrade. Se não for isso, você pelo menos poderá dizer no fim que se divertiu. A seriedade excessiva às vezes atrapalha: a molecagem às vezes dá surpresa e fica mais séria do que a pior das seriedades. Esta vida é uma molecagem, diria Augusto Frederico Schmidt diante de mais um amor ou um poema fracassado, se ele fosse mais sério para amar ou mais moleque para fazer poemas.

Não sei se te falei a respeito de minhas molecagens literárias: estou perpetrando um livro chamado "Aprendiz de Feiticeiro", falei nele? Pois a última novidade é um negócio chamado "Reabilitação do amadorismo": a necessidade que o artista tem de ser essencialmente um amador, quanto à técnica, estilo, etc. Assim como Tolstoi era um amador e Machado um profissional: a esseciva consciência profissional da arte amesquinha o artista e cada defeito a menos é um pecado a mais. (Olha só como eu

escrevi excessiva.) Neste sentido, Flaubert e Maupassant acabarão cedendo lugar a outros dois mais imperfeitos na técnica mas de mais nobreza artística.

Quando o escritor é muito inteligente (a consciência da própria inteligência já é um sentimento profissional de mesquinhez) ele faz com que o personagem é que fique mesquinho: em geral usando a primeira pessoa, repare. O Amanuense Belmiro não é um admirável mesquinho? O escritor nos ludibria. As deficiências de Machado, seus preconceitos, sua pequenez humana já não são dele mais, são do Braz Cubas, são do Bentinho. Lima Barreto era um amador. Henry James, um profissional, nunca seria capaz de escrever um livro tão cheio de defeitos técnicos como "Morro dos Ventos Uivantes": para o mal de seus pecados, que serão redimidos pelo esquecimento. Encontrei em Arnold Bennett ideia semelhante a respeito do amadorismo e da nobreza artística.

Mas isso não te dá ideias do que seja o "Aprendiz": não é coisa séria, como pode estar parecendo: é molecagem. Há um projeto de lei regulamentando o romance: palavras que serão proibidas, como por exemplo todos os adjetivos de grandeza: imensa saudade, profundo abatimento, tristeza enorme, etc. Cenas interditadas, como casamentos, personagens à janela, ou arrumando malas, etc. Recursos não permitidos: narrativa à mesa de um bar, trechos de diário, troca de cartas. Enfim, o meu projeto inclui mais de mil artigos, estou absolutamente sem bossa para te dar uma ideia dele, mesmo porque ainda não foi escrito, como tudo mais desse livro. Mas creio que você pode fazer uma ideia.

Há também um capítulo dedicado às "Tentações da Facilidade": técnica de citações, de escolher epígrafes impressionáveis, de começar e acabar um capítulo. Há mesmo um estudo

das "necessidades de fim de capítulo": atirar o personagem "de bruços sobre a cama, chorando amargamente", deixar o herói subjugado por um "afluxo de recordações irrefreáveis", para no próximo capítulo poder contar a história.

Há uma tentativa de classificação de romancistas, em várias espécies de categorias. Por exemplo: os que começam e acabam (José Lins do Rêgo), os que acabam e não começam (Cyro dos Anjos), os que começam mas não acabam (Octavio de Faria) e os que nem começam e nem acabam (Lúcio Cardoso). Outra: os romancistas redondos, os romancistas quadrados, os romancistas cônicos e os romancistas piramidais. As locuções verbais da literatura brasileira: Álvaro Lins é o Apesar de Tudo da crítica nacional; o Ainda da poesia brasileira é o Schmidt. O Ainda Mais é o Carlos Lacerda e o Ainda Bem é o Tristão de Athayde. Contra o Qual é o Octavio, Oxalá é o Ribeiro Couto e o Marques Rebelo é o Ora! da nossa literatura: tanto pode ser ora pro nobis como ora bolas.

Tem um capítulo sobre a técnica do lugar-comum, e os dez mandamentos de um romancista introspectivo. Estou fazendo força para me lembrar, mas não lembro, e estou lembrando errado.

Uma autêntica molecagem, como você vê. Mas aconteceu que comecei escrevendo sobre a necessidade de uma revisão no valor das palavras, e me vi estudando a sério, consultando livros e dicionários, tendo de reprincipiar estudando latim!

Enquanto isso terminei minha novela: é a história de uma cleptomania não sei afinal de que personagem. Acabei pensando muito feliz em te mandar enquanto a ideia de ter acabado e a necessidade de ficar feliz me entusiasmavam. Mas tenho ainda de passar à máquina, são quase noventa páginas — e tenho medo de ir esfriando enquanto trabalho agora: posso acabar

profissionalizando a sensação tão querida e tão nobre de ter escrito alguma coisa sem importância e que absolutamente não tem nada a ver com o que eu sempre teria desejado escrever.

Pela sua carta tive a impressão que você finalmente vai-se ambientando aí na Suíça, ou pelo menos disfarçando o tédio com a presença de um amigo eventual, a chegada de um parente que a gente não se lembrava de ter ou com a exigente realidade de um automóvel inglês parado na porta. Também comprei um automóvel, acho que já te contei: pois o coitado já sofreu o seu primeiro desastre, numa noite em que eu contava uma anedota, a mais triste que já vi na minha vida, e de tão distraído não pude ver o outro automóvel que cresceu para mim com a bravura dos touros crescendo para a arena quando se lhes abrem o curral, conforme reza uma antologia da língua portuguesa.* E lá se foi meu para-lama. O que pode fazer um homem em New York sem o para-lama de trás?

Não, não te mando "O Espelho do General".** Simplesmente porque percebi que você pelo título teve uma impressão inteiramente diferente da realidade a respeito do conto. O título inspira mesmo, pelo visto assim na sua carta, um general que tinha espelho no quarto e todas as manhãs se olhava, de frente, de lado, puxando a pele do rosto, consertando a posição do quepe, coisas assim. Pois não tem nada disso. É um espelho de picadeiro num esquadrão de cavalaria, para os cavaleiros corrigirem a posição na sela. Todo de cristal, foi encomendado na França, custou mais de cem contos e foi quebrado no mesmo dia.

**O Cêrco de Leide*, de Luiz Guimarães Filho, em "Antologia Contemporânea" de Cláudio Brandão (leitura obrigatória em aula de português no meu tempo do Ginásio Mineiro, que até hoje sei de cor).
**Em "O Homem Nu".

Só isso — está decepcionada? Aliás este espelho não constitui mais problema e já foi inteiramente esquecido, por mim, pelo tenente que morreu na queda e pelo general que já foi reformado, seguindo o destino de todos os generais. Você nunca foi tentada a escrever sobre alguém que pertencesse ao exército da salvação? Eu estou pensando muito nisso ultimamente.

Sim, o inverno chegou, ingloriamente, frio e sem neves. Meus dedos estão duros de frio neste domingo embaçado, mal posso escrever. Leio os jornais do dia, verifico que mais uma mulher foi baleada pelos bandidos, acharam mais 8 corpos de vítimas sob os escombros do edifício que ruiu, o senador Bilbo nega que tenha recebido dinheiro por conta dos contratos do governo, o suplemento literário acusa uma nova edição de Macbeth ilustrada por Salvador Dali. Acabei de ler "Mrs. Dalloway",* gostaria muito de ter escrito um dia um livro assim, por acaso. Descobri um poeta americano (judeu) que escreve contos, chamado Isaac Rosemberg, ouvi falar nos discursos de Getúlio, concordei com um artigo do Sr. Dwilight McDonald sobre a Rússia chamado "The Root is Man", de fundo acentuadamente católico (o autor não é) e continuo sacudindo todas as manhãs o meu ócio consular com a poeira das estantes às quais como bom empregado fui encarregado de arrumar. Te contei que descobri numa História Natural uma flor chamada Aélia Purpurata? Uma que nega a existência do Ministro da Agricultura, do livro de telefones e da máquina de calcular. Enquanto isso Eliana continua passeando pela casa falando papai, papai — papai agora é um cachorro de madeira que papai comprou para ela e que quando ela puxa vai dando com a mola uns latidinhos muito engraçados. Vou te mandar um retrato (dela).

*De Virginia Woolf.

Ainda não sei quando voltarei ao Brasil e a prova disso é que comprei um chapéu. É o inverno que chega, para mim, e para New York. "Não sou tão velho assim!" disse um dia o Ayres da Mata Machado Filho. Nós ouvimos e passamos a dizer: "Num sótão velho assim, morava o ceguinho Ayres, etc." — de onde saiu um samba que o Hélio cantava muito bem e o Otto muito mal.

Por que estou me lembrando dessas coisas? Porque estou com saudade, saudade dos meus amigos entre os quais você naturalmente está incluída, saudade de uma rua e de um nome, de um jeito de olhar que eu já tive, da voz de minha mãe me chamando para o almoço. Estamos no inverno. Você se diz no outono mas só me lembro de uma tarde rebelde a todas as estações que um dia te trouxe numa ventania lá perto do Cinema Odeon. Depois havia um romance italiano em que a porta se abria e o vento entrava sem pedir licença. Na Suíça deve haver muito vento, há muito vento nas praias guanabarinas das quais você é Emily Brontë, segundo o Tristão. Suas cartas são trazidas pelo vento; quando você fala em maçãs redondas e vermelhas, o vento deve estar sorrindo e ventando. Clarice, não me vá escrever E O Vento Levou!

Não, ainda não sei o nome da fera de meu sonho, não sei nem quero saber, é qualquer coisa com que não se deve mexer para que tudo não desande, só os deuses sabem e esse outro lado da face não é mostrado nunca a pobres mortais como eu. Há muito tempo que tenho um título para um livro, "O Outro Lado": o que ainda não fui capaz é de saber que lado será esse. Os meus Movimentos, só para contrariar o título, ou para confirmar, pois são simulados, há muito que pararam, por falta também de movimento, como o seu. Não foi possível

Scanned with CamScanner

o "em 1896 chegou ao Brasil". Uma mulher tomou um trem e foi-se embora muito infeliz, como devem ser as mulheres que tomam trens e assim o livro acabou antes de acabar, acabou quase antes de ter começado, você nem pode calcular, Clarice, o desapontamento em que fiquei.

Em compensação, ao tomar conhecimento de seu sonho, o da escada desenhada no papel, em contraste de preto e branco que você era obrigada a subir, não tive contemplações, achei impressionante e plagiei-o imediatamente na minha novela, você vai reconhecê-lo quando ler. Espero que um dia me perdoe por esse furto, levando em consideração o fato de a novela se chamar "O Bom Ladrão".

Você me pergunta por que hesito a cada carta em mandá-la. Não tire disso conclusões pessimistas a respeito da destinatária. Hesito simplesmente porque acho pouco delicado eu escrever cartas tão longas, as suas sendo tão mais curtas. Mas nessa não hesito: peço apenas que você me responda logo, com muitas notícias, contando muitos casos. E me apresso em colocar o ponto final, com um abraço de saudade.

Fernando

Continuo com o Araújo; nos perguntando mutuamente sobre vocês. Correu a notícia de que talvez vocês viessem até cá, é verdade? Recomende-me ao Maury. Dê notícias do Brasil, se tiver. Os E.E.U.U. parecem mais perto mas não são.

Perdi aquele meu título "Esq." nos envelopes? Fiquei muito triste.

Berna, 8 fevereiro 1947.

Fernando,

quando recebi sua carta datada de 15 de dezembro, gostei tanto, respondi logo... e depois não sei onde a guardei, não achei mais. Foi pena, porque eu estava no ponto máximo de entusiasmo pelo aprendiz de Feiticeiro e pelas coisas que você diz a respeito da necessidade de desmoralizar nossa própria necessidade de escrever. Continuo inteiramente entusiasmada e verdadeiramente grata por coisas que você diz e que me inspiram muito. Só que na outra carta eu demonstrava isso com palavras imediatas e agora sou levada por um horrível espírito de síntese a resumir. Depois fui no dia 4 de janeiro a Paris e voltei no dia 4 de fevereiro. Queria escrever de lá, contando as impressões bem frescas, mas caí na bobagem de querer juntar mais impressões ainda, e acontece de novo que só posso resumir ou tomar um ar detestável de descrição, que não seria detestável se eu soubesse descrever. Encontramos lá Schmidt e a mulher (que é prima do Maury, coisa descoberta em Paris...), conhecemos bem o Santiago Dantas, conhecemos o Ceschiatti (de quem gostamos muitíssimo), vi uma vez o Pedrosa,** por acaso, num almoço de brasileiros. Soube de coisas que me deixaram confusa, como por*

---

*O poeta Augusto Frederico Schmidt.

**Alfredo Ceschiatti e José Pedrosa, escultores mineiros, ambos meus amigos. São de Ceschiatti as vinhetas da capa e da contracapa do presente livro (esta última originalmente ilustração, inspirada em Clarice Lispector e no perfil do autor, da novela *O Túnel*, em "A Vida Real").

exemplo: a Albertina do Proust ainda existe e tem um restaurante, só que Albertine é um Albertino, sempre foi, e hoje está bem gordo, com grandes bigodes. Albertine era um rapazinho empregado no hotel Ritz, e Proust fez uma ótima transposição colocando o caso todo com uma mulher. Fiquei muito confusa. Tinha-se marcado um dia para ver Albertino, mas ficou difícil e eu não insisti muito porque não queria amolar Proust.*

Outra coisa que me deixou confusa foi saber que Mauriac está, nesse ponto, no mesmo caso que Proust. Como explicar? E Julien Green também. E Jean Cocteau é sabido. Estou procurando um pensamento para pensar a respeito mas ainda não encontrei. Me arranje um. Por intermédio do Schmidt e do Santiago, conhecemos um rapaz que tem uma livraria e que por si mesmo não tem importância, mas era um amigo íntimo de Valéry, de Léon-Paul Fargue e de Collete. Eu perguntei sobre Valéry e ele respondeu coisas que eu não tinha perguntado e que não me interessam muito. Que Valéry era muito pornográfico, mais quel esprit! Il était un roi! e ele era amante da cunhada. Não me interessa. Fomos muito ao teatro: Hamlet, traduzido pelo Gide, trabalhado pelo Jean-Louis Barrault, "L'aigle à deux têtes", de Cocteau, "Les Parents Terribles", de Cocteau, "Les Mal Aimés", de Mauriac, etc. Me cansei muito, falei muito, mais do que gosto de falar, ouvi muitas bobagens, fui de novo ao museu Rodin, ao Louvre, comprei perfume e agora mesmo estou perfumada e contente. Voltei com uma necessidade quase cruel de trabalhar e de ler, uma vontade de estar só e de não contar que estive só...

Está cansando esse espírito de dar entrevistas sobre a solidão. Esse tempo em Paris me deixou menos piedosa, quer dizer, sei

*XVII — CLARICE, em "O Tabuleiro de Damas", 5ª edição, revista e ampliada.

muito mais distribuir minha piedade agora, sou muito mais ruim. Quando voltei, as pessoas aqui me acharam com ar de menino e moleque, e não de "feminino", de Vogue. Foi o que me disseram. Je m'en fiche. Aliás estou num "m'en fichismo" muito agudo. O que você disse sobre o amadorismo me agrada inteiramente. Em Paris há muito o amadorismo literário. E o capítulo sobre as Tentações da Facilidade, no Aprendiz de Feiticeiro, como é bom! Como vai a história da cleptomaníaca? Depois que transformei o Espelho do General de espelho particular para espelho de cavaleiro corrigir posição, achei ainda melhor. Mande logo, Fernando, porque esse título está me assombrando e ficando gigantesco.

Já dei vários nomes à fera, mas cada vez que dou um nome ela sacode os ombros de cobra e diz muito budista: que importa...

— Tive um verdadeiro cansaço em Paris de gente inteligente. Não se pode ir a um teatro sem precisar dizer se gostou ou não, e porque sim e porque não. Aprendi a dizer "não sei", o que é um orgulho, uma defesa e um mau hábito porque termina-se mesmo não querendo pensar, além de não querendo dizer.

Aqui está muito frio e com neve. Eu contei que falei com o Rio por telefone? Foi tão bom. Foi no dia 31 de dezembro, antes de sair para uma festa. Tinha nevado muito e a neve estava muito fresca, eu estava de vestido comprido e muito emocionada, e infelizmente com sapato muito fino, e levei a queda mais maravilhosa do mundo — voei um pouco e fiquei tão surpreendida. Gostei muito de estar de vestido preto por causa da neve — foi quando Erico Veríssimo passou e escreveu o gato preto em cima da neve. Na festa, por ocasião do telefonema e da emoção do voo, fiquei com um sono estranho, e de vez em quando dormia um pouco. Contei que vamos mudar para uma casa com lareira? Acho que contei. É uma casa pequena, um apartamento, só que

Scanned with CamScanner

em dois andares, com uma escada no meio (só isso me deixa feliz), e meu quarto tem aspecto de atelier de artista pobre do século suponhamos 18, com uma das paredes inclinada e o teto inclinado. O apartamento fica na parte velha da cidade, e a rua se chama Gerechtigkeitsgasse. Rua da Justiça.

Em Paris comprei vários livros de Kafka, journal de Julien Green, e muitas outras coisas boas. Vimos uma exposição enorme de Van Gogh, uma beleza.

Fernando, estou tentando terrivelmente escrever uma carta de notícias mas não consigo mesmo. No dia em que eu conseguir escrever uma carta de notícias talvez possa escrever uma história com um verdadeiro enredo. Leram minha mão e disseram que não sou muito feliz. E que não vou ser muito feliz. Que coisa. Muitas coisas não quiseram me dizer e é isso que está me incomodando. Disseram também que sou uma pessoa muito controlada.

9 de fevereiro — várias coisas aconteceram de ontem para hoje: mudei a fita da máquina, mas parece que dá no mesmo; fui ver a Sinfonia Pastoral, que é muito bonita. (Recomendo La Belle et la Bête, de Cocteau, com Jean Marais); dormi; acordei num domingo com neve e sol; li pedaços do journal de Julien Green, onde encontrei coisas assim: "9 septembre. — Difficultés habituelles. Quand j'écris trois phrases sans interruption, je suis presque sür que l'une d'elles va 'sauter'. Crainte incessante de faire dérrailler ce livre en me trompant une fois d'un mot." Encontrei isso também, que achei muito meu, porque sempre penso, com muita estranheza aliás, que talvez a vida seja a morte*

*"9 de setembro — Dificuldades habituais. Quando escrevo três frases sem interrupção, fico quase certo de que uma delas vai 'sobrar'. Medo incessante de 'descarrilar' este livro, me enganando com uma palavra."

e quando a gente morre, acorda e vive, com medo de morrer, quer dizer, de tornar a viver — o que não está ligado a este pedaço de Julien Green, mas me lembra muito: "23 février — Souvent, en pensant à la mort, je me dis que ce sera comme um réveil. Il y aura quelqu'un qui me dira:'Eh bien! tu as vu ce que c'était. Qu'est-ce que tu en penses? Ce n'était pas la peine d'avoir peur!' Et l'on m'interrogera comme on interroge un voyageur qui revient de loin... Mais je ne me souviendrai que de l'amour." Não é exatamente igual, porque ele continua pensando na vida como na vida, e apenas que depois da morte ele continua a viver. Em muita coisa me sinto tão parecida com ele, que paro para respirar profundamente e, ao mesmo tempo que me dá uma sensação muito boa de comunicação, me dá uma sensação intolerável de prisão, como cada vez que sou "compreendida".*

— Por um jornal do Rio, num artigo que resumia os suplementos de domingo, soube que você escreveu sobre política. É verdade? O quê? Como? Eu também publiquei algumas coisas, na Manhã e no O Jornal.

São pequenos trechos, algum poema, tudo ligado pelo título geral de "Children's Corner". Talvez eu mande para você, mas não vale a pena. E talvez, no fim da carta, eu transcreva uns dois pequenos trechos para você.

Heleninha como vai? tem escrito? e Eliana? Vocês estão contentes em viver em N.Y.? Eu cessei de me interrogar sobre se estou ou não contente de viver na Suíça. Cheguei à conclusão que não importa. Agora não sei lhe explicar se não importa viver aqui

---

*"23 de fevereiro — Frequentemente, pensando na morte, me digo que será como um despertar. Haverá alguém que me dirá: 'Bem, você viu o que era: que é que você acha? Não era para ter medo!' E me interrogará como se interroga um viajante que vem de longe... Mas eu não me lembrarei senão do amor."

ou ali, ou se não importa estar ou não contente. Ambos. Escreva logo! estou com saudade de suas cartas. Abraços para vocês.

Clarice

Araújo, numa carta a Maury, falou sobre Kafka. Num momento de entusiasmo escrevi para ele uma carta sabre Kafka, "em verdade" muito pedante. Coisa que tem me feito não pensar muito na carta... Me desculpe junto dele, se você tiver ocasião, pois você me conhece e ele não.

Fernando, você já pode escrever para meu novo endereço:
Fulana de Tal
(de la Légation du Brésil)
GERECHTIGKEITSGASSE, 48
Berna

Scanned with CamScanner

New York, 27 de junho de 1947.

Clarice,

Ainda não escrevi a você porque não escrevi a você. O que parecer possa uma explicação mal-educada é a pura expressão da verdade, que afinal de contas acaba redundando mesmo em má-educação: quando recebi sua carta eu estava no Brasil. Bem, pensei logo em responder, mas achei que seria melhor mandar notícias mais detalhadas das coisas por lá, e portanto era preciso primeiro vivê-las. Fui fazer meus exames na Escola para terminar o curso. Tanta trapalhada, o tempo passando, as coisas se complicando, a carta para Clarice mudando de tom e ganhando mais uma página a cada acontecimento novo. Só que tem que escrevê-la mesmo eu não escrevia, embora diariamente pensasse em você. E o fato de não ter escrito crescia como uma ameaça, se fazia esse sentimento de culpa tão cacete, comum nos que têm fraqueza de caráter ou como eu não têm caráter nenhum. O que estará pensando Clarice a respeito dela, ou melhor, de sua falta? eu me perguntava, perguntava à Helena, perguntava às paredes, mas só o eco me respondia: nhãam...* Toda manhã me prometia que naquele mesmo dia escreveria, e à noite ia dormir com mais culpa no cartório, para fazer mais dura a pena de quem é tabelião. Agora, aqui estou. Sentado diante desta máquina do Consulado, numa posição nem tanto diplomática que alguém aqui já reputou de engraçada (porque

*"Morrerei hoje, amanhã? / E o eco me responde: — Nhãam...", do poema *O Eco e o desencorajado*, em "Remate de Males", Mário de Andrade.

estou quase dentro de uma gaveta), escrevendo a você. Quanto às explicações pelo meu longo silêncio, para resumir, ele tem a mesma causa que teve aquele de justamente um ano atrás: falta de disposição para escrever cartas, falta de tempo, falta de espaço, falta de tudo, inclusive a já referida de caráter. Espero que você me desculpe.

Mas eu estava no Brasil quando recebi sua carta, que o Araújo me mandou. Minha viagem ao Brasil foi assim: consegui um lugar num avião de carga, logo então consegui dois, e aí fomos nós três, isto é, Helena, Eliana no colo e eu. Passei três meses com o Otto e o Paulo, conversei muito, discuti, briguei, aprendi.* Sobretudo matei as saudades, por fora. Estive muito com o Lúcio,** de cuja conversa ressurgiram velhas mágoas e velhos mal-entendidos, que tentamos explicar, mas que ficaram mais mal-entendidos ainda.

Gostaria de te pintar um quadro exato da situação que encontrei no Brasil. Mas não adianta: você ficaria na mesma. As coisas lá também acabam ficando na mesma.

De vez em quando um acontecimentozinho para sacudir o tédio, como o eclipse (ou a eclipse?) de Bocayuva e o desastre no qual o Otto quase (desculpe) eclipsou-se. Ele voltava de Bocayuva num avião do Exército Americano: o avião foi descer, vinha outro descendo, então não desceu, mas com o baque todos os passageiros foram ao chão. O mais ferido, como é natural, foi mesmo o Otto, que usou durante algum tempo a cabeça enfaixada (quase ia escrevendo embaixada — você veja como é essa história de escrever em consulados) e ficou mais

*"Viajei, briguei, aprendi", do poema *A Bruxa*, em "José", Carlos Drummond de Andrade.
**Lúcio Cardoso.

Scanned with CamScanner

trágico ainda e dizem mais simpático. Do Paulo não posso dar notícias por escrito para não fazer corar a posteridade. De política, tudo mau, o que quer dizer tudo na mesma, com o fechamento do Partido que se pensava ser uma revolução e afinal ficou nisso mesmo. Há um movimento cada vez mais forte do grupo católico, com Fernando Carneiro, Gustavo Corção, Sobral Pinto, Carlos Lacerda que aderiu e o Tristão escrevendo coisas fulminantes contra o fascismo na América, de esquerdismo avançadíssimo, para o imenso pasmo dos padres do lugar. Não, não é verdade que escrevi sobre política: apenas tudo o que se escreve para jornal tem de acabar saindo uma politicazinha no meio, a gente queira ou não queira.

Gostei muito do seu artigo "Children's Corner", depois te escrevo com ele na mão para dizer o que achei, pois não o tenho aqui. Mas digo já que minha impressão foi ótima e não seria nada mau que você continuasse publicando de vez em quando o que está escrevendo, para não perder o jeito e não adicionar mais um mistério ao mistério que você já é. Ando muito curioso por saber o que você está escrevendo. Por favor, não deixe de contar.

Tive notícias suas pelo Schmidt que foi lá em casa, refestelou-se numa poltrona e me contou o livro que o Mauriac vai escrever por sua sugestão (dele). Voltou de Paris abismado com o Claudel, que diz está velhinho rezando terço debaixo da toalha na hora do jantar; com o comunismo que "varre como uma onda de fogo a França de alto a baixo", conforme declarou numa entrevista contra os mesmos e que a Tribuna Popular aproveitou transcrevendo só esta frase; com a política imigratória do Brasil. De vez em quando também o Araújo me dá notícias suas e do Maury.

Scanned with CamScanner

Não tenho feito nada de aproveitável, por enquanto. Ontem comprei um carro e hoje já estou pensando em vender. Escrevo semanalmente uma crônica para o Brasil, talvez te mande alguma — mas são tão diferentes do que você poderia imaginar que talvez não mande não. O espelho do general decididamente não te mando mesmo, pois estamos dando importância ao que não tem e eu nem sei onde anda o conto, que por isso mesmo deve ser ruim. Acabei uma novela, maior do que esperava, sobre uma cleptomaníaca e seu marido, chamada O Bom Ladrão, que depois de pronta para grande surpresa minha todos se declararam incondicionalmente contra (Otto, Paulo, etc.). Ando pensando em juntar mais duas que tenho prontas e publicar um livro* para me livrar delas. É pau publicar um livro que a gente já sabe que ninguém vai gostar. Enquanto isso meu romance está parado, embora me atormente e ando com medo de estar escrevendo apenas um Irmãos Karamazov avacalhado. Assisti aqui a uma peça de Sartre, "Les Mouches", não gostei. Há um edifício aqui que, anunciam, vai cair, e o mundo, embora ninguém anuncie, também vai cair.

Tenho pensado muito no mundo atualmente, mas infelizmente não sai nem um pensamento aproveitável. Gostei que você gostasse daquele pedaço do Journal de Julien Green, que também me impressionou. Já viu o terceiro volume? Tem também alguma coisa boa. Ando pensando em te mandar uns livros daqui, como o da Djuna Barnes,** que na certa você vai gostar. Vi outro dia uns filmes antigos muito engraçados, alguns tristes, no Museu de Arte Moderna, e assisti aos bailados de Ana Pavlova. E é só.

*_O Bom Ladrão_, _Martini Seco_ e _O Outro Gume da Faca_, em "A Faca de Dois Gumes", 1985 (38 anos mais tarde).
**"Nightwood" (romance meio psicanalítico, elogiado por T.S. Eliot).

Scanned with CamScanner

De casa tenho a contar que a Elianinha já sabe de cor a história de Dona Baratinha que tinha dinheiro na caixinha mas nem assim ninguém queria casar com ela. Helena se lembra sempre de você com saudade. Por sinal que a família promete aumentar, talvez ainda este ano. Recebemos carta do Rubem contando que ia embarcar, na certa já embarcou, para Lisboa e de lá para Paris. Com certeza aparecerá por aí a qualquer momento. Do Brasil, o que tenho para contar daria para encher cinquenta páginas. Passei a Semana Santa indo diariamente ao Mosteiro de São Bento, mas a despeito disso continuo um incorrigível pecador.

Então as coisas que te digo em carta te inspiram muito? É mau sinal. Não se preocupe com a carta sobre o Kafka escrita ao Araújo: li-a, e achei excelente, como inteligência, o que você diz, que é exatamente o que eu nunca tinha pensado e se pensasse não acharia jeito de me exprimir. A sua velhinha no trem também achei admirável, você está escrevendo muito bem. Com a diferença que não é uma velha alegre, é de uma tristeza de fazer pena.

Você me pergunta se estamos contentes de viver em Nova York. Não estou nem contente nem triste. Para dizer a verdade, só voltei para cá porque não queria fazer de minha viagem ao Brasil a título de férias um movimento simulado. Mas há qualquer coisa que me prende aqui. Em outra carta te contarei coisas, descreverei paisagens, darei detalhes sobre o meu apartamento num lugar chamado Elmhurst, falarei de pessoas que conheço, de minha vontade nem de ficar nem de voltar. E você julgue por si mesma.

Por ora preciso que você me escreva, preciso que você mande notícias suas, que você diga que não ficou zangada comigo por

causa do meu silêncio e conte bastante coisas daí. Para que eu saiba afinal se você continua vivendo, se continuamos vivendo, porque viver é de graça, de favor, ninguém pediu licença para nascer nem pagou entrada no mundo, e já que não temos a quem agradecer tanta gentileza, agradeçamos mutuamente. Muito obrigado, Clarice.

Me escreva logo, porque quem inicia correspondência fica sempre com ar de que se esqueceu de endereçar o envelope ou não pregou o selo direito. E também tenho sentido falta de suas cartas (embora seja caradurismo dizer isso, pois eu é que te devia essa parte). Recomende-me ao Maury. Abraço para vocês.

Fernando

Recuso-me a aprender a escrever o nome de sua rua — se você mudar de novo, exijo envelope endereçado para resposta.

Scanned with CamScanner

Washington, 2 fevereiro 1953.*

Helena, Fernando,

*há quanto tempo estou para escrever a vocês todos, mas também esqueci de tomar os endereços, e no catálogo de 1952, que trouxemos, nada encontrei. Quando ia escrever para Comício, soube que tinha acabado (ainda não entendi por quê). Sabendo que Lauro havia recebido seu livro,** Fernando, perguntei se não vinha com seu endereço — e vinha. Por que você não mandou também para nós? Vou então ler o do Lauro, já que até agora não veio para mim.*

Depois de tanto tempo sem escrever, acho que estou dispensada de falar de Washington — felizmente vocês conhecem, e assim não preciso tentar tornar concreta essa cidade vaga e inorgânica. É bonita, segundo várias leis de beleza que não são as minhas. Falta bagunça aqui, e não compreendo cidade sem esta certa confusão. Mas enfim, a cidade não é minha.

Estamos numa casa simpática, com jardinzinho e quintal, janelas verdes, algumas árvores, tudo murcho agora, sem folhas. Todos só falam da maravilhosa primavera em Washington, com tal frequência que começo a sentir alguma inimizade pela primavera. Enquanto isso, Pedrinho está na escola, aprendendo aos poucos inglês, apanha e bate nos garotos da vizinhança, toma

---

*Em 1949 Clarice viajou pela França e Itália, voltando a Berna, e em 1950, ao Rio, onde foi de convivência diária conosco. Em 1951 passou seis meses em Torquay, na Inglaterra, e a partir de 1952 a residir em Washington, até 1959, quando regressou definitivamente ao Brasil.

**"A Vida Real", novelas, 1952.

leite americano e adora hot-dog. Maury trabalha bastante, eu faço compras no mercado; de noite vejo programas de mistério na televisão; tudo calmo, como se vê.

Estou com saudades de vocês todos. Como vai a família Mendes Campos, Lara Rezende, e Rubem? Como estão vocês e as crianças? Seria tão bom receber uma carta. Mas sei bem — a distância é grande, o tempo é curto. Rubem está escrevendo para algum outro jornal, além do Correio da Manhã? E você? E Paulo e Oto? Como vai Tati? João e Miriam** têm uma nova menina, chamada Silvia, nascida em dezembro. Sarinha e Lauro Escorel partem em março para o Rio. Conheci na casa deles Dr. Alceu e D. Maria Tereza,*** duas das pessoas mais simpáticas e límpidas do mundo. — Acho que não tenho mais nada a contar, é uma pena. Se vocês tiverem tempo, escrevam-me ao menos um bilhete. Tenho a impressão de que saí do Rio há vinte anos. Escrevam-me, deem notícias. E um abraço grande da amiga,*

Clarice

Novo endereço:
4521, Ridge Street
Chevy Chase
15, Washington, D.C.

---

*Tati de Moraes, então esposa de Vinicius de Moraes.
**João Augusto de Araújo Castro e Miriam, sua esposa.
***Alceu Amoroso Lima — Tristão de Athayde — e sua esposa Maria Tereza.

Scanned with CamScanner

Washington, 22 fevereiro 1953, domingo

Helena, Joan, Paulo, Fernando,
essa carta é de participação e de queixas.

Participação: temos agora mais um menino, nascido a 10 de fevereiro, e a quem demos o nome de Paulo (sem pedir licença a você, Paulo).

E de queixas. Injustificadas, mas nem me importo com justiça. O fato é que, sem ter escrito a vocês (menos um cartão para Helena e Oto, outro para Rubem, e uma carta para Helena e Fernando), acho que vocês poderiam ter mandado pelo menos um bilhete, desses formais mesmo, dos que se seguem a um "acho que devo escrever". Eu mesma provo que a queixa é injustificada. Mas vocês bem podem ver que nem me incomodo mais de receber "carta obrigatória" de vocês.

Além da participação acima, não tenho muito o que dizer. Vivemos bastante isolados, e agora que Sarinha e Lauro vão embora, Washington vai ficar ainda mais Washington. Do Brasil, recebemos suplementos literários de vez em quando — mas o melhor do suplemento é ser lido domingo de manhã, com o jornal ainda cheirando a tinta — e não adianta muito sequer requentar em banho-maria. Mas é bom de qualquer modo, e sobretudo têm sempre notícias de vocês.

Gostaria de saber se vou receber seu livro, Fernando, e se Oto vai me mandar o dele. E isso é queixa grande.

Se isso interessa a vocês, o tempo aqui tem estado bom com algumas chuvas, e às vezes neve. Não temos ainda podido

aproveitar o quintal e o jardinzinho, que por enquanto são domínio dos esquilos mais apressados, e de vários cachorros vagabundos. Contratamos por duas semanas uma "nurse" preta, extraordinária, que tem uma voz linda e é gorda, grande — ela costumava cantar em igrejas. Ela é a pessoa mais macia que já conheci, e vive sorrindo. Um dia desses vou pedir para ela cantar, o que desde já me dá saudade do dia em que ela for embora (quando meu trabalho em casa vai aumentar bravamente).

Recebi o livro de Otavio que vou ler logo que a casa tome um ar mais normal. Estive a um tempo lendo "Claro enigma",** e fico doente de tanta admiração, é excessivamente ótimo. Ainda não vimos cinema. Ledo Ivo foi ou vai para Paris — por que vocês não vêm por aqui?, embora não sendo Paris. Como vai Rubem? Vou escrever para ele um dia desses. Maury está representando em U.S.A., no México e Canadá, a comissão do convênio de S. Paulo, e trabalha muito, o tempo vai passando, e um dia, com o coração todo embandeirado, chegarei ao Brasil.*

Um abraço nosso para vocês.

Clarice

*Um abraço para Tati. Quando é que Helena e Oto tiveram a criança? É menino ou menina? Como vão os quatro Sabinos pequenos? E Gabriela?****

---

*"Os Loucos", romance, VI da série 'A Tragédia Burguesa', de Octavio de Faria.
**"Claro Enigma", poemas, Carlos Drummond de Andrade.
***Gabriela, filha de Paulo Mendes Campos.

Scanned with CamScanner

Rio, 12 de junho de 1953.

Clarice,

Não lhe escrevi até hoje por falta absoluta de caráter. Se intenção valesse, você estaria recebendo uma carta minha por dia. Até aqui tenho vivido só de intenções, nem todas boas, e com elas é que eu fazia meu infernozinho particular. Mas descobri isso em tempo e resolvi começar. Começo por esta carta.

Não que me seja difícil escrever para você, pelo contrário. Teríamos muito o que conversar. Mas conversar — o difícil é escrever. São sete e vinte da noite de sexta-feira, uma noite meio fria, lá fora estão soltando fogos. Estou num dos quartos de minha casa, os livros empilhados no chão, móveis por cima uns dos outros. É o único quarto da casa em que posso me refugiar. Os outros estão em obras — estou consertando minha casa para vender. Vou vender minha casa e me mudar daqui. O que você já deve ter ouvido falar de mim por aí é verdade: estou vivendo sozinho há dois meses e pretendo continuar. Começando de novo — só que não tenho mais dezessete anos, o que afinal não passa de uma constatação meramente literária. Tudo mais são vidas, como dizia um amigo meu que não morreu. Mas posso lhe assegurar que em Paris não se fala de outra coisa e já ando meio cansado de ver minha vida... já ando meio cansado de ver minha vida. Quero ver a dos outros também. Pensei em fazer uma viagem para descansar um pouco. Paulo e eu quase estouramos por aí, era um jornal do Texas que convidava dois jornalistas brasileiros para conhecer os Estados Unidos, com uma bolsa de quatro meses. Eu não posso ir porque já estive

Scanned with CamScanner

aí — Paulo talvez vá. Antecipamos em conversa o prazer que teríamos em fazer uma surpresa para você. Sonhei com você esta noite, mas não te contei nada.

Por falar em Paulo, há o seu Paulo, de cujo nascimento soubemos com muita alegria. Eu nem deveria falar nisto porque me volta a sensação de culpa por não ter lhe escrito há mais tempo. Mas um dia eu acabaria escrevendo, você sabe. Não sei se deveria ser mesmo hoje, pois esta carta deveria antes de tudo ser noticiosa, e ando meio sem notícias das coisas.

Aqui no Brasil propriamente dito não há nada de novo: briga jornalística de Carlos Lacerda com Samuel Wainer, sobre o chamado "escândalo da *Última Hora*". Aliás, acabo de ter uma ideia brilhante: passarei a mandar para você uns recortes de jornais daqui. Isso me dispensa de ser noticioso e... e. Você já viu? Gide aconselhou que a gente começasse a escrever uma frase sem saber como iria acabá-la, para maior vivacidade do estilo: fui seguir o conselho e hoje em dia sempre que começo uma frase acabo não sabendo *mesmo* como deve ser terminada. Sinto com isso que já se foi a metade do meu estilo, ou melhor, da minha capacidade de escrever. Resta a outra metade, a do começo das frases — que é uma espécie de raiz do que a gente quer dizer. Uma espécie de toco da expressão — se assim posso me exprimir.

O que mais? Isto é um início de correspondência, moça. Pensei em reler agora suas duas cartas para respondê-las, mas não quero ver a data e saber quanto tempo passei sem lhe escrever. Sei que vocês foram embora no dia 3 de setembro, porque tem um conto de Papini chamado *Três de Setembro* que termina assim: "Amanhã, disse eu comigo, é o dia 4 de setembro". Desde então já se passaram quase seis anos — está chegando a época de vocês voltarem, a menos que. Outro dia me contaram a história de alguém que pediu a alguém para publicar um artigo em algum

Scanned with CamScanner

lugar e o artigo começava assim: "Não obstante, é óbvio..." É lógico que não publicaram. Pois estou me sentindo muito não obstante é óbvio hoje: sem jeito para começar ou acabar as coisas. Mas vale como princípio, está bem? Você agora me responda logo, não vá fazer como certas pessoas que recebem uma, duas cartas, mais do que isso, comunicação de nascimento — e nem sequer se dignam de responder.

Depois escrevo mais, contando coisas. Por ora vão só alguns recortes de jornal. Escreva para aqui mesmo, Comendador Martineli, 303, Leblon, pois quando me mudar lhe mando meu novo endereço. Helena e as crianças estão morando com os pais dela — para o caso de eu ter sido muito eufemístico ou hermético ao lhe falar que nos separamos.

25.06.53

Clarice: esta é uma das muitas cartas para você que iniciei e não cheguei a mandar. Depois desta continuo a lhe escrever mentalmente todos os dias. Mas agora vai esta mesmo de qualquer maneira. Tive notícias suas pelo Lauro e soube também que sua irmã lhe manda toneladas de recortes de jornal — tirando assim a minha última oportunidade de me reabilitar com você. Pois apesar desta carta, me escreva, Clarice. Estou precisando receber uma carta e gostaria que fosse sua. Conte coisas, fale de seus planos, na sua falta de planos, fale mal de Washington, em seus filhos, dê notícias do Maury — a quem envio um grande abraço.

E outro para você, do

Fernando

Scanned with CamScanner

Washington, 28 julho 1953, terça-feira

Fernando,

seria muito bom começar a carta dizendo: foi ótimo receber carta sua. Como não é o caso, começarei assim: não foi ótimo não receber carta sua. Mas não faz mal, o tempo não se conta em dias, conta-se em anos — e notícias podem chegar.

Aqui tudo de uma calma amedrontadora. Entrar no american way of life *é uma trégua de ambição e de outras coisas,* "way" *este em que se cai suavemente sem sentir — basta comprar nos mercados onde a gente tem o prazer finalmente accessível de pegar nas frutas antes de comprá-las, basta tomar os espessíssimos* milk-shakes *com a repugnância de quem bebe pomada mas com o prazer de não beber bebida sabotada. Tudo isso acalma, torna uma pessoa humilde sem humilhá-la. Horrível, mas uma trégua. Como você vê, estou num dia tão pacífico que poderia estar escrevendo de um curral, com perdão pela palavra implícita.*

Acho que vou obrigar de algum modo você a me responder porque vou lhe perguntar se você acha possível eu escrever para a Manchete — uma espécie de "bilhete dos E.E.U.U.", *com notícias e comentários variados (livros, acontecimentos, fatos,* etc.), *provavelmente em estilo curto, rápido, na quantidade que a Manchete quisesse ou precisasse — e até no estilo que quisessem — como você vê, não estou sendo nada difícil. É possível uma coisa dessas? Eu assinaria com um pseudônimo qualquer, onde me sinto mais a vontade — até Tereza Quadros poderia ressuscitar, dessa vez sem se especializar em assuntos femininos,*

Scanned with CamScanner

já que ela é tão espertinha e versátil. Acontece que o dinheiro que eu tinha de A Noite, e reservado para os fins mais nobres, já gastei. Gostaria assim de me pôr de novo em movimento, e esse movimento seria escrever para Manchete, se fosse possível, se isso interessasse a eles de algum modo.

Quando eu receber resposta a esta carta, vou ficar um pouco ofendida pois só fazendo uma pergunta de interesse ignóbil e pessoal é que você achará necessário responder. Um abraço grande para você, Fernando.

E saudades da

Clarice

4521, Ridge Street
Chevy Chase
15, Washington, D.C. — U.S.A.

Rio, 8 de agosto de 1953.

Clarice,

Eu estava mesmo precisando receber uma carta sua, Clarice. Me perdoe... Infelizmente a carta que eu queria escrever a você não posso escrever. Escrevi outras, várias, guardei algumas naquela pasta de meu arquivo que tem escrito "Clarice Lispector — Ensaio". Mentalmente lhe escrevo todos os dias.

Muita coisa aconteceu depois do dia 3 de setembro do ano passado, quando você se foi. Atualmente leio menos Henry James e acho que o tempo se conta é em dias mesmo. Como você já deve ter sabido, ou não deve, estou já há alguns meses morando sozinho, e aqui vai meu novo endereço: Rua Canning, 22 — aptº. 504.

Não, hoje não vou ainda escrever para você. Por pouco não apareci aí — é possível que um dia apareça. Viajar, é decidido, faz parte dos meus planos, ou melhor: de minhas perspectivas, até onde posso ainda ter perspectiva. Sua carta, justamente a pior para minha consciência, por ser a terceira sem resposta, me fez um grande bem. A ideia de você escrevendo num dia pacífico como de dentro de um curral me alegrou, pois, como você sabe, eu sou uma verdadeira vaca.

Não fique ofendida, mas falei imediatamente com Hélio Fernandes, diretor de Manchete, que ainda por cima agradeceu muito pela ideia. Escreva duas páginas e meia a três páginas tamanho ofício sobre qualquer coisa, semanalmente. Tem que ser assinado, mas não tem importância, nós todos perdemos

a vergonha e estamos assinando. Ele quer pagar 750 cruzeiros por crônica — ficou de dar a resposta definitiva amanhã, mas de qualquer maneira já está combinado. Não se incomode muito com a qualidade *literária* por ser assinado — um título qualquer como Bilhete Americano, Carta da América ou coisa parecida se encarregará de dar caráter de seção e portanto sem responsabilidade literária. O pagamento é pontual, em cheque, e você deve autorizar alguém por carta a receber em seu nome e depositar ou entregar a quem você quiser. Posso me encarregar disso, e eis a minha chantagem para você ter de me escrever de novo, de curral para curral, até que eu tenha ânimo de responder como devia. Sua carta de hoje já me deu muito ânimo. Preciso que você me escreva mais — é só o que por ora posso dizer. Abrace por mim o Maury e para você também o meu abraço, com saudade.

Fernando

Se você tiver alguma dúvida quanto ao caráter de sua colaboração, me diga. Não se esqueça que tudo daí interessa, principalmente notícias locais.

Se crônica literária for mais cômodo para você, melhor para nós, seus leitores. Eu não devia mandar esta carta. Tenho tanta coisa para lhe dizer.

F.

Scanned with CamScanner

Washington, 30 agosto 1953

Fernando,

fiquei tão contente por receber carta sua, Fernando. Mesmo que não tenha sido a que eu gostaria de receber — com notícias que seria tão bom ter.

De curral para curral, passamos a assunto Manchete. Agradeço o fato de Hélio Fernandes agradecer o fato de eu oferecer colaboração. Fico muito sem jeito de assinar, não pelo nome ligado à literatura, mas pelo nome ligado a mim mesma: terei pelo menos num longo começo, a impressão de estar presente em pessoa, lendo minhas noticiazinhas e provavelmente gaga de encabulamento. É mesmo impossível ressuscitar Tereza Quadros? Ela é muito melhor do que eu, sinceramente: a revista ganharia muito mais com ela — ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista enfim. Se for mesmo impossível, tentarei assinar e tentarei um "à vontade" quase insultuoso.

Se o acordo continua de pé, acho que poderia começar em outubro, ou cerca de, porque aconteceu a vinda maravilhosa de minha irmã Tania — e quero lhe dar setembro com toda a minha alma.

Hoje já não está muito curral, se bem que fosse tão bom ter o aconchego deste num dia de chuva. O que há de sempre prometedor e tranquilizador em Washington é a chuva — chove muito, chove inesperadamente e, melhor, muitas vezes começa a chover no meio da noite. É do que vou sentir saudades daqui.

Tomei algumas aulas de direção e por enquanto guio que dá pena. No começo das aulas o professor me perguntou francamente

Scanned with CamScanner

se era mesmo verdade que eu já tinha alguma vez aprendido. Ao que respondi que infelizmente era. Ao que ele não respondeu nada. Agora que as aulas acabaram e que eu deveria dizer ao carro: à nous doux, *não digo coisa alguma. Maury, ao meu lado, finge uma coragem digna de nota só para não me desanimar. Diz que meu defeito, um defeito à toa, é não ligar muito para o tráfego. Mas um dia guiarei mesmo na loucura do Rio, impávida como se estivesse guiando o primeiro carro inventado. Maury me garante que é ótimo guiar porque estando ao volante se tem direito de dizer os piores nomes. É aliás o que me assusta da parte dos outros volantes.*

Fernando, foi ótimo receber carta sua. E o tempo se conta mesmo em anos. Deus me livre se fosse em dias. É como crescer ou envelhecer que só se vê em anos. Como é que se pode ver a curva tão larga das coisas se se está tão próximo como é próximo o dia? Pois se às vezes a palavra que falta para completar um pensamento pode levar meia vida para aparecer. Com máximas como esta é que Ataulfo de Paiva deve ter entrado na Academia.

Nada de novo. Tenho lido muito mal e pouco, como quase sempre, com a diferença, em relação aos totalmente ignorantes, que sei o que perco.

Fernando, eu queria uma carta sua me dizendo, por exemplo, se estaria certo começar em outubro mais ou menos, como eu deveria mandar, etc. Se você disser que sim, provavelmente mandarei a você uma amostra para ver se é o que eles querem. Você poderia me escrever hoje ou amanhã, uma carta qualquer, mas carta.

Maury manda um grande abraço para você.

Saudades de

Clarice

Scanned with CamScanner

Rio, 1 de setembro de 1953

Clarice,

É lógico que não pode exigir resposta quem esperou três cartas para responder. Mas há uma lógica diante da qual os números não prevalecem, e é essa lógica que me tem feito viver ultimamente. Em nome dela peço a você que me responda.

Pelo menos, há o assunto "Manchete" — já que, pela sua lógica, foi o que me levou a responder logo sua última carta.

Mas, evidentemente, temos outros assuntos. Gostaria de saber o que você afinal está fazendo aí, além de tomar milk-shakes. Se tem escrito — o que, quanto, como; é favor me ensinar a fórmula. Se tem lido e gostado, se tem visto coisas, feito amigos e influenciado pessoas.* Em que ficou aquele seu plano de vir ao Brasil? São quase duas horas da manhã de 2 de setembro. Amanhã faz um ano que vocês se foram. E depois de amanhã é o dia 4 de setembro.**

Como você vê, ainda não retomei o jeito de escrever cartas, mesmo à mão — é preciso que você me ajude. Tenho coisas a contar — e serei fartamente noticioso. Darei notícias de tudo e de todos à primeira provocação. Por ora me limito a te provocar: "Manchete", por exemplo: já ficou tudo resolvido, por que até agora você não começou? Se não concordar com

*Referência ao "best-seller" então na moda, "How to Make Friends and Influence People" ("Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas") de Dale Carnegie.
**Outra referência ao conto 3 de Setembro de Giovanni Papini.

Scanned with CamScanner

algumas das condições, me diga, pois eles estão interessados. Enfim, escreva, moça. Esqueça aquele meu estúpido silêncio, seja humilde, pague o mal com o bem. Abrace por mim ao Maury, com muita saudade,

Fernando

Rua Canning, 22 ap. 504 — Ipanema

Scanned with CamScanner

Rio, 10 de setembro de 53.

Clarice,

Chegou minha vez de dizer: fiquei tão contente de receber carta sua, Clarice. Eu ando mesmo precisando que você me escreva, como você pode ver por esta carta meio impaciente que vai junto e que não cheguei a lhe mandar, como é de hábito.

Antes de mais nada, Manchete: estou meio sem jeito de dizer a eles que você não quer assinar, por duas razões: primeiro, porque, a despeito da elevada estima e distinta consideração que eles têm pela formosa Tereza Quadros, sei que fazem questão de seu nome — e foi nessa base que se conversou; não sei se você sabe que você tem um nome. E segundo, porque acho que você deve assinar o que escrever; como exercício de humildade é muito bom. E depois, você leva a vantagem de estar enviando correspondência do estrangeiro, o que sempre exime muito a pessoa de responsabilidade propriamente literária. No fundo isso pode ser sofisma de quem se vê obrigado a assinar o que não quer e está querendo ver os outros no fogo também.

De qualquer maneira, se você insiste, posso tentar convencê-los — mas vai haver briga. Fora disso, embora não tenha estado mais com Hélio Fernandes, sei que o acordo está de pé e você pode perfeitamente começar em outubro, reservando setembro para Tânia, que ela merece. Quanto ao que fizer, mande mesmo uma amostra para mim — isto é, amostra não, a primeira colaboração, já para publicar, pois amostra só se fosse para me ensinar. Como você sabe, o que quer que você escreva será

Scanned with CamScanner

bom — (e não tome isso como elogio, pois o que é bom para os outros nem sempre é bom para nós). Não leve a sério demais senão a pontualidade; seções como esta sempre acabam se firmando por si mesmas, depois de duas ou três vezes. Só lhe aconselho a fazer, pelo menos nas primeiras, o mais variado possível: vários assuntos de cada vez, para despertar logo o interesse. Mas vamos deixar disso, faça o que quiser, qualquer coisa sua interessa, e quem sou eu, prima, para lhe aconselhar.

Pois aqui está chovendo, Clarice, são uma e meia da tarde e hoje não fui trabalhar. Ontem também não fui — com um tempo assim é bom esquecer as obrigações e ficar em casa sozinho germinando. Outro dia recomecei a ler — li Hemingway, li um livro sobre Einstein e acabei nas confissões de Santo Agostinho. Ah, sim — li um maravilhoso livro sobre o fundo do mar — chama-se "The Silent World", não me lembro o autor, um francês chamado capitão não sei o quê,* o livro está emprestado, mas você não deve deixar de procurá-lo por aí.

21 de setembro — Clarice: esta carta ficou paralisada durante dez dias. Saí do fundo do mar e vim afogar-me aqui fora. Não sei por que esta dificuldade em lhe mandar as cartas que escrevo. Talvez porque sinta que elas não dizem o que deveriam dizer. Enfim, hoje mando de qualquer maneira. Escrevi um conto, parece que saiu bom, vou passar a limpo e lhe mandar — com a condição de ser logo devolvido pois é muito *a clef* para ficar sendo lido pelos outros. Não sei se muito cinismo de minha parte, como homem, ou muita dignidade, como escritor — eis apenas o que quero saber de você, por isso vou lhe mandar. No mais, sinto que estou entrando no capital. Comecei a escrever

*Capitão J.Y. Cousteau (sobre o fundo do mar).

Scanned with CamScanner

coisas que deveria guardar comigo, pois preciso delas para viver — inclusive para Manchete, e isso é grave. Atualmente estou empenhado em vender minha casa, onde nunca mais voltei. Está vazia há já alguns meses, mas não creio que dê um conto. Isto não é cinismo, é falta de imaginação. Helena, segundo soube, vai para os Estados Unidos esta semana. Eu estou pensando vagamente em ir para a Europa no começo do ano que vem — mas muita coisa que penso tem ficado no chinelo —, o que prova que ainda tenho chinelos, e isto é essencial.

Parei um pouco, pensei um pouco no que eu poderia lhe escrever para corresponder à alegria que sua carta me deu — não descobri nada. É essencial que você me escreva, Clarice — preciso reaprender a escrever cartas. Conte mais coisas suas: o que está lendo, o que está escrevendo, fale nas crianças, no Maury, no seu automóvel. Pergunte coisas, indague, peça notícias — não me julgue por esta carta, nem pelo que ela diz, nem pelo que deixa de dizer. Afinal, você me conhece bem, e eu prometo escrever outras melhores.

Um grande abraço para o Maury.

Com muita saudade,

Fernando

Washington, 5 outubro 1953, segunda-feira

Fernando,

não tenho feito muitos amigos (salvo uma enfermeira da maternidade que gostou de mim e depois de quase oito meses de Paulinho nascido vem me visitar na folga — hoje toma chá comigo), e não tenho influenciado nenhuma pessoa. Tomo menos milk-shake e levo uma vida diária vazia e agitada. Passo o tempo todo pensando — não raciocinando, não meditando — mas pensando, pensando sem parar. E aprendendo, não sei o quê, mas aprendendo. E com a alma mais sossegada (não estou totalmente certa). Sempre quis "jogar alto", mas parece que estou aprendendo que o jogo alto está numa vida diária pequena, em que uma pessoa se arrisca muito mais profundamente, com ameaças maiores. Com tudo isso, parece que estou perdendo um sentimento de grandeza que não veio nunca de livros nem de influência de pessoas, uma coisa muito minha e que desde pequena deu a tudo, aos meus olhos, uma verdade que não vejo mais com tanta frequência. Disso tudo, restam nervos muito sensíveis e uma predisposição séria para ficar calada. Mas aceito tanto agora. Nem sempre pacificamente, mas a atitude é de aceitar.

Para quem se "sente" calada, estou falando um bocado, não é? Você vê, Fernando, é assim que às vezes a gente escreve carta: pretendendo apresentar o trabalho da Manchete e falando de outras coisas que não têm nada a ver com o assunto.

Scanned with CamScanner

— Mande o conto, sim? Quero ver se é cinismo como homem ou dignidade como escritor. Não seja cínico, Fernando, quer? Você pode muito melhor que isso. Me diga se está escrevendo para outro jornal, além da Manchete. Diga como estão as crianças. Estão no Rio? Você as vê sempre?

Queria saber se já nasceu o segundo filho de Joan e Paulo. E também não sei até hoje se Helena e Oto tiveram outro menino ou menina e quando. Os meus dois vão bem. Pedrinho passou grande crise de ciúme do irmão, mas já está aceitando a nova situação de partilha. Paulo (Gurgel Valente) está engatinhando e, de um modo geral, radiante. Maury está tirando um curso de economia na universidade. Larguei de lado o carro, até ganhar novo ânimo: nenhum carro me atrai, é horrível. Quanto às leituras, variadas, provavelmente erradas, a mais certa é a Imitação de Cristo, mas é muito difícil imitá-Lo, e isso é menos óbvio do que parece. Millôr Fernandes mandou cartão prometendo visita e em seguida outro des-prometendo, o que foi uma pena mesmo. No semestre de primavera, pretendo tirar um curso de publicidade (é isso mesmo) na universidade.

Fernando, aí vai a primeira semana de Manchete. Só vocês podem saber se é isso mesmo o que querem daqui. Mesmo antes de saber se está certo, continuarei mandando (até receber resposta) para não haver "solução de continuidade" (por que solução? E por que quer dizer o que quer dizer?) Mandarei todas as terças-feiras — está bem? Na próxima terça já mandarei para Hélio Fernandes, para não lhe dar mais trabalho — mas me diga depressa se o "bilhete americano" está bem assim. Mesmo mandando diretamente para Manchete, vou ter muitos motivos "técnicos", sempre, para receber respostas suas. Vou até perguntar que horas são no Rio, e você avisa depressa. Fernando,

Scanned with CamScanner

veja se pode arranjar um modo de ficar assinando "C.L.", sim? Por que não? E me escreva. Estou esperando carta sua. E não é a horrível C.L. que está esperando, é

Clarice

Desculpe, saiu à maquina, mas repito:

Clarice

É possível (não é certo) que Bilhete Americano vá melhorando — aos poucos tomo pé.

Recebo Manchete muito irregularmente — seria possível eu tê-la de um modo melhor?

Scanned with CamScanner

Washington, 21 outubro 1953, quarta-feira

Fernando,

Este é um bilhete escrito às pressas que deveria ter sido escrito há dias e fui adiando por falta de tempo e preguiça mas agora vai, mesmo rapidamente.

Acontece que estou desde o dia 6 de outubro (quando enviei diretamente a você o primeiro "bilhete americano") mandando outros "bilhetes" cacetíssimos para Manchete. E me ocorreu que estou no ar, sem saber se é para continuar a mandar ou não. Depois do primeiro eu deveria ter parado e esperado resposta. Tive porém receio de que o primeiro, talvez publicado, exigisse continuação — por isso apenas mandei o segundo; e, de repente, me vi mandando ontem o terceiro. E agora?

Francamente, se Hélio Fernandes quiser, paro imediatamente, se possível mais rápido que imediatamente. Hélio Fernandes não precisa hesitar em dizer que não quer — acho mesmo muito difícil mandar notícias, sem saber o que serve ou não; o mais possível é que não sirva. E acontece que só gostaria de assinar C.L.

Você quer me mandar (ou pedir à secretária do Hélio que me mande) duas linhas, se possível com urgência? É que sou tão preguiçosa que choro à ideia de estar tendo trabalho destinado à cesta.

Esteve aqui José Augusto de Almeida que me falou de vocês todos e deu notícias.

Abraço nosso para você.

Clarice

Scanned with CamScanner

Rio, 27 de outubro de 1953.

Clarice,

Não pense que te esqueci. Só ontem consegui falar com o Hélio Fernandes, que agora é importante diretor da revista. Disse-me ele que recebeu sua colaboração, gostou muito, e que ainda não tinha publicado porque está às voltas com problema de espaço. Disse também que ia lhe escrever diretamente para acertar tudo.

Quanto à primeira, que você me enviou, ia lhe escrever sobre e só não fiz logo porque as seguintes tinham sido mandadas à revista e eu primeiro queria saber a reação deles. Já que foi boa, segundo disseram (não tenho um convívio intenso com eles), fiquei quieto. Achei que naquela primeira você tinha dado um tom excessivamente impessoal e noticioso — ainda que notícias de interesse. E o que interessa é Clarice Lispector, pelo menos uma Clarice Lispector dando notícias — mesmo assinando C.L.

Gostei de saber que você está com a alma mais sossegada. O sentimento de grandeza que você acha que está perdendo talvez agora é que você o esteja adquirindo: sua predisposição para ficar calada não é propriamente uma novidade: a novidade é estar aceitando, inclusive o silêncio. É bom isso, dá mais paciência, dá compreensão, dá mais sentido às coisas — e dá grandeza.

Mas estou ficando vago, e ultimamente ando cada vez mais tolerante com a vaguidão das palavras, com o significado que elas têm além delas mesmas e que a gente luta para apreender.

Scanned with CamScanner

Nelson Rodrigues esteve aqui outro dia, trazido inesperadamente por Hélio Pellegrino, conversamos muito e ele me deixou a impressão de ser um perfeito vigarista — coisa que afirma não ser, e neste caso o caso dele é muito mais grave.

Li "Cangaceiros" do Zé Lins e achei fraco, apesar do colorido da linguagem, bem melhor desta vez. Não teve coragem de agarrar o boi, ou os cangaceiros pelo chifre — preferiu caminhos transversos e por isso decepciona.

Ontem (hoje já é 1º de novembro) nasceu o filho do Paulo e Joan, vai se chamar Daniel. Como você vê, estou sendo noticioso. Millôr chegou do Canadá e deu notícias suas colhidas de sua irmã, com quem viajou para o Brasil. Otto e Helena (que não vejo há um ano) tiveram menino, chama-se Bruno. Hélio Pellegrino e Maria Urbana tiveram menina, chama-se... Clarice. Eu não tive nada a não ser uma predisposição feroz para aceitar as coisas como elas são e ir tocando para frente. Escrevi outro conto e cheguei mesmo à conclusão de que não é cinismo, não se assuste: é tentativa de ser honesto comigo mesmo. As crianças estão com os avós, tenho visto sempre. Breve vou viajar. Abrace por mim o Maury, dê notícias dele. Escreva logo, eu preciso. Saudades,

Fernando

Scanned with CamScanner

Washington, 11 janeiro 1954, segunda-feira

Alô, Fernando,

há tempos estou para lhe escrever — o que me atrapalhou foi a ideia de que você não estava no Brasil. Você disse que ia viajar — como quem diz: adeus, não escreva mais. E depois, não sei quem me disse que você não estava no Rio. Que mistério. Onde estava você? Mas as ótimas crônicas na Manchete continuavam — e não entendi mais nada. Aonde você está, heim, Fernando? Que sensação engraçada: não sei se esta carta chega ou não, e gasto quase uma página para dizer isso.

Aqui tudo bem, igual, com uma neve forte, e eu não gosto de neve, o que me parece uma falta de gosto. Acho que a minha última carta foi com palavras de "grandeza" e etc., que me encabularam muito depois. Nunca esqueci de um filme que vi há séculos, em que uma pessoa bota uma carta no correio e se arrepende e sai correndo atrás dos cavalos na neve e não pode recuperar a carta. Enfim, não era tão lindo assim no meu caso, era apenas encabulamento do mau uso das palavras, estou trabalhando mal e mal num romance ou novela, lutando contra uma impressão muito certa de inutilidade. Sinto falta de você que sabe dizer coisas tão boas que animam e põe a pessoa de novo no centro das coisas.

Que é que você tem feito? Desculpe a letra, não sei por que não coloquei o papel na máquina. Fernando, escreva, sim? Diga no que está trabalhando.

Abraço de sua amiga

Clarice

Washington, 25 setembro 1954, sábado

Fernando,

estou com a impressão meio inventada de que você ficou zangado quando eu disse pelo telefone que não queria que você fosse ao aeroporto. Você ficou de telefonar à 1:30, e não telefonou. Fiquei amolada com a minha falta de cortesia, respondendo à sua gentileza com uma sinceridade ou franqueza que ninguém usa. Você gentilmente mostrou intenção declarada ou vaga de ir ao aeroporto, e eu, que tanto faço questão de não usar a alma na vida diária, pois é até de mau gosto, disse que não. Eu já lhe expliquei o motivo de minha rudeza — o que não a justifica — e explicarei de novo.*

Para mim, sair do Brasil é uma coisa séria e, por mais "fina" que eu queira ser, na hora de ir embora choro mesmo. E não gosto que me vejam assim, embora se trate de lágrima bem-comportada, de lágrima de artista de segundo plano, sem permissão do diretor para arrumar os cabelos... Não é por vaidade de rosto que não gosto que me vejam de olhos vermelhos, é por uma vaidade que, por ser menos frívola, é muito mais pecado: é por orgulho ou altivez ou seja lá o que for — enfim, vaidade mais grave.

Depois, também, eu me encabulo de estar sempre chegando e indo embora, o que obriga os amigos a um movimento em torno de mim, um movimento que às vezes nem cabe direito na vida

*Entre janeiro e setembro de 1954, Clarice passou algum tempo no Rio de Janeiro.

Scanned with CamScanner

deles. Então procuro dispensar a gentileza dos amigos, e facilitar a vida diária de cada um que já é bastante cheia e complicada sem uma ida ao aeroporto. Maury diz que eu costumo ter reações pessoais a coisas chamadas "de praxe". Parece que é mesmo verdade. Parece que eu seria capaz de pedir sinceramente a alguém que não apanhasse minha luva caída no chão para não amolar esse alguém, sem entender que incômodo é não apanhá-la, que incômodo é não fazer o que é "de praxe". (O exemplo da luva é só pra exagerar, até que deixo apanharem minhas luvas, senão perderia todas...)

Quanta explicação! E provavelmente você nem ficou zangado com minha descortesia, provavelmente você não telefonou depois porque estava ocupado. É o que espero que tenha acontecido. Esperando também que você não ria das tolas e inúteis complicações de sua amiga

Clarice

Rio, 19 de outubro de 54.

Clarice,

Suas "complicações" não são tolas mas inúteis. É verdade que você não precisa absolutamente se preocupar, não fui ao aeroporto porque você não queria e então acabou-se, e não telefonei porque na hora deve ter acontecido alguma coisa de que já não me lembro, e depois você já não estava. Mas valeu o desencontro porque forçou uma carta tão boa que parecia uma carta de Mário de Andrade e isso é elogio. Respondo agora me forçando um pouco (são 2 horas da manhã, me prometi não passar de hoje) pois quero ver se venço essa minha inércia mental com relação a cartas. Tanto mais que sinto necessidade real de escrever a você e vou deixando passar, talvez porque inconscientemente julgue que nada de importante tenho a lhe dizer, você sempre mereceria mais do que atualmente sou capaz de dizer numa carta. E sei como são importantes as notícias para quem está no estrangeiro.

Infelizmente não tenho nenhuma a dar, senão que tudo vai indo na mesma e se as coisas mudam é porque nada precisamos fazer para que mudem. Nada tenho feito e no entanto várias coisas mudaram. Não me mudei; continuo morando no mesmo lugar, para onde você tem a partir deste momento a obrigação moral de escrever. Preciso do seu estímulo — o de alguém que, não vendo as coisas de perto, tem mais perspectiva. E prometo responder, farto de notícias. Creia-me, esta

Scanned with CamScanner

carta já é uma vitória para quem não sabe mais o que dizer. Só é sincero aquilo que não se diz — e nem isso é meu, li em alguma parte. Como você vê, isso para um escritor é estar no mato sem cachorro. Abrace por mim ao Maury e acredite sempre na amizade do seu

Fernando

Scanned with CamScanner

Washington, 25 outubro 1954

Alô Fernando,

estou escrevendo pra você mas também não tenho nada o que dizer. Acho que é assim que pouco a pouco os velhos honestos terminam por não dizer nada. Mas o engraçado é que não tendo absolutamente nada o que dizer, dá uma vontade enorme de dizer. O quê? Quando não tenho o que dizer, fico com vontade de "passar a limpo" tudo ou então de "apagar tudo" e recomeçar, recomeçar a não ter o que dizer. Ou então viro criança e minha vontade seria depender inteiramente de outra pessoa e esperar dela todos os ensinamentos. Ou então viro mãe e me preparo toda para dizer grave: as coisas são assim e assim, meu filho. Preparo-me bem grave, tenho o gesto maternal de começar a informar — e na hora de abrir a boca não tenho o que dizer, viro de novo ignorante e em vez de dizer o discurso, imploro: por favor, diga! E assim é que, por não ter absolutamente nada o que dizer, até livro já escrevi, e você também. Até que a dignidade do silêncio venha, o que é frase muito bonitinha e me emociona civicamente.

Se você responder esta carta com outra onde você também não saiba o que dizer, vai parecer aquele jogo que você certamente já brincou um dia: o jogo de "vamos ver quem pisca antes", quem aguenta mais tempo ficar com os olhos bem abertos. Quem piscar é castigado. Humildemente, informo que sempre pisquei antes, tenho longo passado a piscar. Pois se agora mesmo estou quase piscando! — Não seja preguiçoso, Fernando, e me escreva,

Scanned with CamScanner

mesmo que nada tenha a me informar. Não sou exigente, quero carta apenas. Também para lhe escrever de vez em quando e mandar para você a minha amizade. Abraço da

Clarice

Com o maior tato e savoir-faire, informo-lhe que deve existir à venda nas boas casas do gênero algum "manual de perfeito correspondente" e que ajuda muito nas missivas sobretudo quando não se tem o que dizer.

Scanned with CamScanner

Rio, 30 de março de 1955.

Clarice, minha amiga,

Seus contos estão comigo.* Por obra de Deus, ou do diabo, você não se livra de meu beneplácito, ou maleplácito. Eles não haveriam de passar em brancas nuvens por aqui.

Pois foi o que aconteceu. Tânia me procurou para saber se eu não poderia entregá-los ao Simeão.** Claro que eu podia — com algum despeito por você não me ter pedido isso diretamente — e me dando oportunidade de lê-los de uma vez. Voltou a sensação de estar em falta com você — cartas não respondidas, notícias não enviadas, ausências, distrações. Me penitencio escrevendo esta carta meio tonto de sono, às quatro horas da manhã, depois de ler todos os contos de uma vez. Mas eu não poderia deixar para amanhã.

A primeira sensação foi de desânimo. Ora, eis que estou empenhado em escrever um romance importantíssimo para mim, mas impiedosamente limitado como realização artística e — o que é pior — desgraçadamente penoso de ser escrito.*** E

---

*Viriam a constar do livro "A Imitação da Rosa", Artenova, 1977.

**Em 1952, durante a temporada de Clarice no Rio, sugeri a inclusão de uma coletânea de contos seus na coleção *Os Cadernos de Cultura*, publicada por meu amigo Simeão Leal, então Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Na edição, sob o título de um dos contos, *Mistério em São Cristóvão*, o primeiro nome da autora saiu na capa com dois SS em vez de C. Consegui fazer com que a edição fosse recolhida, sendo relançada com o título mais singelo "Alguns Contos", de Clarice (e não *Clarisse*) Lispector.

***"O Encontro Marcado", 1956, Editora Civilização Brasileira.

Scanned with CamScanner

me vem você com esses contos, dizendo, como quem não quer nada, tudo aquilo que eu pretendia dizer um dia num terceiro ou quarto romance, enfim liberto, enfim realizado, enfim obra de arte, além do que a gente é e do que é capaz. Você, de certo modo, me dispensa de escrever. Resta o consolo de pensar que se eu fosse capaz, como você, de dizer o indizível, eu teria a dizer certas coisas que você ainda vai dizer. E me limito a ficar esperando.

A imitação da rosa é obra-prima. A mensagem também. A criança e o professor também. Os devaneios da galeguinha! O feliz aniversário tambemzíssimo. E o crime do professor de matemática, me lembro que um dia você me mandou este conto, mas ele não era assim, ele não podia ser tão bom como agora. E os outros dois — a menina ruiva e os obedientes — também são bons, ainda que nem tanto como os outros. Mas você fez oito contos como ninguém nem longinquamente conseguiu fazer no Brasil.

Você está escrevendo como ninguém — você está dizendo o que ninguém ousou dizer. Me desculpe o entusiasmo muito pouco ao seu jeito, mas não é possível deixar por menos. Tive momentos de verdadeira vibração cívica ainda há pouco, lendo seus contos. Minha intenção era ler apenas um e deixar os outros para amanhã, que já era muito tarde. Comecei pelo das rosas e passei ao da mensagem, e fui lendo, não resisti. Li em voz alta, para mim mesmo, o da portuguesinha, que pena Mário de Andrade já ter morrido! e como ele perdeu tempo!

Amanhã eu talvez lhe fizesse umas observações bestas e sensatas, corte aqui esta palavra, esse finzinho podia ser mais assim-assim, etc. — mas trairia em bom comportamento a verdadeira

Scanned with CamScanner

emoção que seus contos me deram. Exatamente a emoção de leitor capaz e na expectativa e desprevenido que vai lendo com medo de não ser exatamente e é exatamente como exatamente!

Não sei se lhe dará alegria esta carta feliz e meio aflita, só sei que poder escrevê-la me dá uma alegria como raramente tenho sentido. Ultimamente têm passado muitos anos — como disse um cronista famoso que existia aqui chamado Rubem Braga, que foi para o Chile — mas não vou começar a dar notícias, hoje só seus contos.

Tenho, sim, umas observações a fazer — não fosse eu esse jesuíta em cama estreita que nada tem feito para merecer o reino dos céus: mas por mais que eu esmiuce e faça o advogado do diabo, não encontro nada de importância. Tem um por razões que deve ser mudado para por motivos. No conto do cachorro morto, a palavra saco tem de ser mudada para fardo, sacola, volume, etc., por razões óbvias, uma ou outra vez. Desculpe a grosseria mas os contos são muito bons demais para a gente ficar com cerimônias. E no mais, só sinto que você não tenha pensado em reuni-los todos, os outros alguns também, para fazer um livro só — que seria exata, sincera, indiscutível e até humildemente o melhor livro de contos já publicado no Brasil.

É o que o Simeão pretende fazer — ele me disse. Mas um livro mesmo — e não nos Cadernos Cultura. Talvez eu convença a ele fazer um livro direito, como o do Murilo Mendes — você chegou a ver? E há possibilidade de ser lançado por uma editora, a Simões, por exemplo, que publicou o livro do Rosário Fusco (que é bom, você leu?). Me escreva dizendo. Em todo caso entrego os contos ao Simeão amanhã. Todos estão querendo ler — Otto, Paulo, etc. — mas não deixo: clandestino o livro me veio, clandestino vai.

Scanned with CamScanner

Vou acabar aqui porque o papel acabou. Não disse nada e nem saberia dizer a esta hora da manhã. Mas 3 dos contos são os melhores que já li em língua portuguesa.

Com o comovido abraço do seu

Fernando

Washington, 7 maio 1956, segunda-feira

Fernando,

este é um ghost chamado Clarice escrevendo para você. Há tanto tempo não nos comunicamos que tenho a impressão de estar fazendo uma viagem difícil até atingir você. O que não quer dizer que não penso em você, em escrever, e em pedir notícias suas e em dá-las! Como vai seu livro? Em que ponto está? Que é que você está fazendo em matéria de escrever? Que pena eu não estar aí e saber tudo em conversa, e poder fazer perguntas e ouvir respostas. Estou copiando meu romance, por assim dizer terminado. Acho que vai se chamar "A veia no pulso". Mas o nome me parece tão solto, às vezes. Quanto eu daria para você ler e me dizer o que devo ou não tirar, se o livro está ambicioso ou pretensioso, só Deus sabe, eu não sei. Já me sinto longe dele, ele não me diz mais nada — e o que escrevi com o coração perturbado, leio agora com a frieza de desprezo. Estou muito mais interessada num conto que fiz chamado "O búfalo" que tem dentro dele uma violência que me faz tremer.

Fernando, que editor você acha que quereria publicar "A veia no pulso"? (o livro tem 400 páginas). Se você me disser o nome de dois ou três possíveis, eu escreverei para eles "oferecendo". Mas queria que fosse um editor que pudesse publicar sem demora, o mais rápido possível — e não promessa para quando houver tempo. Esperas me fazem mal, me atrapalham, fazem de mim uma impaciente. Não tem que ser bom editor, tem que ser rápido — e me deixar então livre. Para quem devo escrever?

Quando o livro estiver copiado com as correções, de qualquer modo mando para você ler antes da publicação.

Fernando, como vão Helena e as crianças? E quando é que você vem por aqui? Estou com saudades de vocês todos. Como estão Paulo e Joan, Oto e Helena? E o Hélio? Mas me diga sobretudo o que você tem escrito, sim? Não demore a responder, um sentimento ruim é o da impaciência.

Maury manda um abraço para você.

Sua amiga de sempre,

Clarice

Alguma notícia do Simeão Leal?

Scanned with CamScanner

Quando o livro estiver copiado com as correções, de qualquer modo mando para você ler antes da publicação.

Fernando, como vão Helena e as crianças? E quando é que você vem por aqui? Estou com saudades de vocês todos. Como estão Paulo e Joan, Oto e Helena? E o Hélio? Mas me diga sobretudo o que você tem escrito, sim? Não demore a responder, um sentimento ruim é o da impaciência.

Maury manda um abraço para você.

Sua amiga de sempre,

Clarice

Alguma notícia do Simeão Leal?

Rio, 8 de junho de 1956.

Clarice:

Eu estava deixando para responder à sua carta tão esperada (e recebida com tanta alegria) assim que tivesse um tempinho livre para escrever longamente, mandando muitas notícias e contando coisas. Mas vi que esse tempinho não chegava nunca e faço agora, às 4 horas da tarde, uma violência escrevendo logo só para acusar recebimento e assim mesmo à mão, para dar caráter de urgência.

Antes de mais nada, o livro: falei à Agir e ao Ênio Silveira, da Civilização Brasileira. Ambos se interessaram, especialmente o último, que praticamente se compromete a publicá-lo, dependendo apenas de ter os originais em mãos para a última palavra. Ele se interessa muito, já me telefonou insistindo. O Otto falou ao irmão do Zé Olympio, que também se interessa (você queira ou não, seu nome tem prestígio pra burro), mas eu acho que no Zé Olympio você não conseguiria a urgência da publicação que lhe interessa. E essa urgência, na Civilização, significa no máximo sair ainda este ano, é o que o Ênio Silveira pode prometer. Acho que você não consegue em nenhuma editora maior rapidez, e na minha opinião você deve aceitar, pois eles distribuem bem e costumam vender. Vão publicar também meu romance, que está pronto, estou passando a limpo. Depois lhe escrevo falando nele e mesmo lhe pedindo para lê-lo, estou pensando em lhe mandar uma cópia, me diga se você terá tempo.

E por favor, me mande logo o seu, estou morrendo de curiosidade — prometo ler e ficar calado, só comentar depois

Scanned with CamScanner

de publicado, se você preferir. Quero também ler "O Búfalo", mas que força de sugestão mental nesse título, puxa! Seu livro de contos está em provas, falei com Simeão agora ao telefone. Deixe por minha conta que vou dar um aperto nele.

Não preciso lhe dizer que continuo com muitas saudades suas, e temos falado sempre em vocês, sem que a nossa tradicional preguiça faça um mínimo que seja para obter notícias. Você me desculpe esse silêncio tão longo, mas a convivência é feita também de silêncio, e distância. Maury como vai? Quando é que ele pensa em tomar férias e vir passear por aqui? Mande notícias dele e dos meninos.

Os meninos continuam meninos. Paulo está na China, Otto cada vez mais chateado por ser diretor da Manchete, se queixa todo dia. Rubem aquilo mesmo de sempre. Bem, mas as notícias ficam para a próxima carta. Esta é só para falar no seu livro — vou ficar aguardando, não demore a mandar. Repetindo você, sentimento ruim é a impaciência. Com muita saudade, seu amigo

Fernando

Desculpe a letra e a pressa. Primeira carta é assim mesmo. A próxima será à máquina. Abraço ao Maury e outro para você, do

F.

Tornei a falar com o Ênio: o livro sairia em outubro ou novembro — dependendo de você me mandar o mais depressa possível.

Washington, 12 julho 1956, quinta-feira

Fernando,

eu pretendia responder imediatamente a sua carta, mas me deu pânico em relação ao livro, um desses frios que se tem quando se vê sem ilusões a realidade. Mas agora o pior do frio passou — e o livro seguirá pelo primeiro portador, e se não houver, pelo correio. Provavelmente mandarei direto para Tânia; mas se ela não estiver com tempo para ler depressa, pedirei que ela passe logo para você. Claro que quero que você o comente comigo antes mesmo da publicação! E pelo amor de Deus, me dê a honra de ser franco. Eu poderia dizer a você já agora o que acho dele. Mas prefiro que você leia antes e depois lhe farei perguntas. O que acho dele faria com que você tivesse preguiça antes de começar.

Estou muito contente que a Civilização Brasileira se encarregue da publicação. Sempre simpatizei com eles, e ainda mais o fato deles irem publicar seu livro também. E, ainda mais, se eles prometem não demorar. Minha vontade de me livrar das coisas é quase doença; por exemplo, me parece que estou para sempre amarrada ao livro de contos do Simeão Leal. Peço apenas que a Civilização Brasileira prometa me mandar as provas para eu corrigir. É possível? Naturalmente pago o transporte. Isso tudo, é claro, se eles ainda quiserem publicar depois de ler.

Me mande seu livro, Fernando. Estou impaciente para lê-lo! Se está acabado e copiado, então o que é que você ainda está esperando pra me mandar?

Scanned with CamScanner

Vou passar o conto "O búfalo" a limpo e mando para você. O título é mais exciting que o próprio conto. Tenho mais dois contos: um sobre um pintinho e uma menina, outro sobre "a menor mulher do mundo".

Fernando, me escreva, está bem? Está me acontecendo uma coisa tão esquisita: com o tempo passando, me parece que não moro em nenhum lugar, e que nenhum lugar "me quer"... Agora que Erico Verissimo e Mafalda vão voltar para o Brasil, fico solta no mundo... (isso é também para comover você). Escreva-me para me dar alguma realidade. E mande o seu livro, o que me dará ainda maior realidade.

Um abraço da amiga

Clarice

Fernando, me dê o nome de alguns livros americanos para eu ler. Não leio nada, e não sei como me aproximar de alguma coisa boa.

Oh Fernando, o livro me parece pretensioso (mesmo que tenha sido escrito sem essa intenção) e cacete e falho. E o título me dá enjoo.

Rio, 19 de julho de 1956.

Clarice,

Continuo esperando o seu livro. Falei de novo com o Ênio, ele continua esperando também. Mande logo, moça, deixe de coisa. Com o Simeão espero falar ainda até o fim desta semana. Meu livro, se eu tomar coragem, ainda te mando esta semana. Leia e seja implacável: não me poupe.

Por aqui não há muita novidade: o livro do Cyro, fazendo grande sucesso político, não tanto literário, mas vendendo a pamparra. Em quinze dias vendeu 4.000 exemplares, prepara-se outra de 6.000, lançamento solene, com sessão de autógrafos, etc. Estive com Octavio de Faria que resolveu não publicar seu livro, isto é, dele, por motivos óbvios, isto é, o tema constitui matéria de escândalo. Mas publica outro, muito maior, já que está pronto.

O melhor de tudo, porém, é o livro do Guimarães Rosa, não o Corpo de Baile, que não li, mas o Grande Sertão — Veredas, que estou na metade e é obra de gênio, não deixo por menos. Adeus, literatura nordestina de cangaço, zélins, gracilianos e bagaceiras: o homem é um monstro para escrever sobre jagunços do interior de Minas e com uma linguagem que nem Gil Vicente, nem ninguém. Meu entusiasmo é de quem não terminou a leitura, pode ser que não se sustente, mas duvido. Se recebeu, leia — senão, me diga que mando. No princípio, dez primeiras páginas, é meio assim-assim, custa um pouco a engrenar, mas de repente a gente se embala no ritmo dele e não larga mais.

Scanned with CamScanner

Livros americanos, assim de cabeça me lembro de um romance chamado The Devil Rides Outside, de John Howard Griffin,* experiência de um artista lost-generation e ateu num convento beneditino no sul da França. Tem também Carlson McCullers, que você já deve ter lido. Henry Miller, The Time of Assassins, sobre Rimbaud. Um livro sobre o fundo do mar, The Silent World, de Captain Cousteau. Não li François Sagan, mas gostei. Tenho lido Saint-Exupéry, Rubem Braga (sobre a situação na Argentina — Diário de Notícias — chegou ontem) e Carlos Castelo Branco, que escreveu duas boas novelas: Os Inquilinos e José do Egito. Os Meninos do Otto ainda não saíram, estão crescendo: diz o Cyro que é literatura sobre os egressos do SAM.

De literatura acho que é só — ah, Paulo chegando da China e da Rússia, com ar de quem faz crítica, mas só a favor, escrevendo sobre associação de escritores chineses, tudo lá é muito bem organizado, uma maravilha — e uma porção de inocentes úteis tipo Mário Cabral, Flávio de Aquino, Jatobá, Geir Campos ao redor concordando — resultado: não tenho estado muito com o Nicodemus, como gostaria. Em compensação vejo sempre o psiquiatra Pellegrino, num período de trégua muito bom, até meio inquietante de tanto tempo que já dura. Millôr publicou um livro chamado Tempo e Contratempo — pif-paf. Vinicius ensaia Orfeu da Conceição com o mulatério desta praça para estrear no Municipal — se ele se distrair acaba estreando mesmo. De políticos, aquilo mesmo: Lott, Jango tomando posse, juscelinadas. Juarez está quieto, todo mundo esperando um estouro qualquer de uma hora para outra. O que mais? Acho

---

*Griffin, *O Triunfo do Espírito*, em "Livro Aberto", 2001.

que de notícia é só. Minhas filhas Eliana e Leonora num colégio do Alto da Boa Vista; gostando muito, todo domingo vou lá. Eliana está escrevendo um romance chamado O Crime do Castelo. E chega de notícias! Me mande o conto do búfalo, o do pinto e o da menor mulher do mundo.

Vou ficar aguardando seu livro, para ao menos saber como mandar o meu — não sei como embrulhar, e selar, e mandar. As provas certamente o Ênio concorda em que você corrija, vejo isso também. Estou tentando falar com o Simeão.

Falei. Seu livro foi para a oficina compor, assim que estiver em provas (breve, diz ele) me avisa, e eu te envio.

E não diga que lugar nenhum "te quer", Clarice. É o que se chama de chantagem sentimental. Você fala essas coisas para me comover, e me comove mesmo. Escreva logo, e mande o livro, os contos e tudo. Voltarei a ser o seu mais fiel destinatário e remetente. Abrace por mim o Maury. Com muita saudade de ambos, seu amigo

Fernando

Scanned with CamScanner

Rio, setembro, 56.*

Clarice,

Seguem aqui as minhas notas. Evidentemente foram feitas de maneira meio arbitrária, sem interromper a leitura, e não tive a preocupação de assinalar tudo o que gostei. Porque gostei praticamente do livro todo — e o tom impertinente das sugestões corre por conta... de impertinência mesmo.**

....

Eu gostaria é de lhe escrever outra carta para lhe dizer de outra maneira o quanto e como gostei do seu livro. Me responda logo, que vou ficar um pouco inquieto, sem saber se fiz bem lhe mandando esta.

Abrace por mim o Maury, e fique certa que já quero um imenso bem ao seu livro, como a vocês.

Saudades do
Fernando

*As duas páginas iniciais desta carta se extraviaram. Continham opiniões e comentários em geral sobre o romance em si, mencionados pela autora em sua resposta.

**Para melhor entendimento, as sugestões feitas por mim nesta carta, ao longo da leitura dos originais, passam a figurar mais adiante (pág. 142), juntamente com as respectivas emendas da autora. Eventualmente o leitor encontrará, por antecipação, em duas ou três cartas que trocamos entre uma coisa e outra, referências a alguns pontos abordados, como o título do livro, o "tom conceituoso", a eliminação do "prefácio", etc., que logo em seguida ficarão esclarecidos.

Scanned with CamScanner

Washington, 21 setembro 1956, sexta-feira

Fernando,

recebi ontem, quinta-feira, sua carta, tendo antes recebido o telegrama que me emocionou muito — para dizer a verdade, parece que me emocionei ainda mais com a amizade que com a referência ao livro. Sua carta está ótima, Fernando. Li e reli. Você tem razão em todos os reparos que fez, e já comecei ontem mesmo a estudá-los e aplicá-los, menos os mais difíceis. Por exemplo, você tocou num ponto que desde o começo da escritura (!) do livro me afligiu: o tom conceituoso, dogmático. Vou tentar explicar, mas explicar não justifica.

1) Eu queria me pôr completamente fora do livro, e ficar de algum modo isenta dos personagens, não queria misturar "minha vida" com a deles. Isso era difícil. Por mais paradoxal que seja, o meio que achei de me pôr fora foi colocar-me dentro claramente. Como indivíduo à parte, foi "separar-me" com "eu" dos "outros". (Está confuso?) Hesitei muito em usar a primeira pessoa (apesar desse tipo de isenção me atrair), mas de repente me deu uma rebeldia e uma espécie de atitude de "todo mundo sabe que o rei está nu, por que então não dizer?" — que, na situação particular, se traduziu como: "Todo mundo sabe que 'alguém' está escrevendo o livro, por que então não admiti-lo?"

2) Outro motivo do tom conceituoso, esse motivo mais íntimo e puramente pessoal, foi (suponho) a necessidade de enfim não ter medo de, afirmando, errar. Foi uma coragem, se bem que trêmula, se bem que incrédula de si mesma. Como você está

vendo, explicar não justifica. Resta uma pergunta a mim, mas sobretudo a você: cortar a primeira pessoa não exigiria uma alteração profunda no livro? Tenho medo de, tirando a primeira pessoa, ter que mexer em muito mais. É preguiça minha, também. Se eu for um pouco bondosa comigo mesma, direi que é mais que preguiça: é exaustão de sentimentos, quanto ao livro e quanto em geral.

Ultimamente, como você uma vez me escreveu citando Rubem, passaram-se muitos anos. Para modificar a estrutura do livro, eu teria que me pôr no clima dele de novo — o que me apavora, pelo menos neste instante. Foi um livro fascinante de escrever, aprendi muito com ele, me espantei com as surpresas que ele me deu — mas foi também um grande sofrimento. Como voltar a ter contato íntimo com ele, sem provocar de novo em mim um estado de exaltação que, por Deus, não quero. Minha vontade seria mesmo viver em estado conceituoso, é tão mais calmo, dorme-se tão melhor.

Tudo o que estou dizendo é meio bobagem, Fernando. O mais provável é que eu pudesse trabalhar friamente no livro. Mas acontece também que tenho receio de trabalhar friamente e tomar uma atitude arbitrária. Sei lá. Me diga se você acha que o "prefácio" prejudica muito o livro. Se você achar mesmo, vou fazer alguma coisa. Enquanto isso vou "meditar" a respeito. Mas meditar comigo é sempre uma coisa esporádica, além do quê tenho que vencer minhas próprias teimosias. Tudo isso podia fazer com que o livro ficasse pronto só daqui a muito tempo. Além do mais meditação é coisa que me deixa com olheiras e com frio — e é neste estado que estou escrevendo a você agora. Queria adiar esta carta para quando estivesse mais esperta. Mas não só não queria deixar sem resposta imediata sua carta que

Scanned with CamScanner

me deu tanta alegria e presença sua, como estava com vontade de falar com você. Na verdade era falar mesmo, não escrever.

Como sempre, você entendeu o livro completamente. (Estou me referindo ao resumo que você fez dele.) E, como eu disse, concordo com todos os reparos. O melhor é não precipitar a publicação, provavelmente as transformações poderão ser feitas citando página e linha. (Nesse caso, você teria o trabalho de modificar, o que me encabula. Se na ocasião você estiver ocupado, podia dar talvez a outra pessoa, mas eu preferiria que fosse você).

Uma coisa que me espantou é que você não falou de algo que me preocupava: o "tom maior" do livro. Bem que tentei evitar, mas "foi mais forte do que eu". Talvez você tenha querido se referir a isso quando falou nas exclamações, gritos, etc.? A cena do ajoelhamento e pedido de perdão (de Martin, lembra?), por exemplo, me constrange um pouco — mas teve que ser assim, e, para dizer a verdade, quando eu a relia, me emocionava horrivelmente e não achava nada falsa a cena, tinha que ser.

Me escreva, sim? Escreva depressa mesmo. E me mande seu livro. Por Deus, Fernando, até parece que estou mesmo falando inutilmente e que você não tem a menor intenção de mandá-lo.

Não sei como agradecer sua amizade, Fernando.

Tanta saudade da

Clarice

Scanned with CamScanner

Rio, 26 de setembro de 1956.

Clarice,

Você está completamente enganada pensando que o "tom conceituoso e dogmático" de seu livro vem da necessidade que você teve de se colocar fora dele e para isso se colocou do lado de dentro, como pessoa à parte — atitude de "todo mundo sabe que o rei está nu, por que não dizer?"

Para começar, não achei o tom de seu livro conceituoso nem dogmático; conceituosos e dogmáticos, na minha opinião, são exatamente algumas frases que marquei e que por isso mesmo fogem ao tom geral do livro, tom este absolutamente adequado ao que você tentou, e conseguiu, dizer. São apenas andaimes, que podem ter ajudado a concepção do livro, mas que devem ser retirados, obra acabada — e neles incluo o "prefácio" e o uso *excessivo* da primeira pessoa (onde assinalei). Todo mundo sabe que um construtor constrói uma casa para outra pessoa morar e para isso ele põe na construção uma placa com seu nome — mas depois da casa pronta não é preciso placa nenhuma para todo mundo saber que alguém (que não mora ali) a construiu. "*Todo mundo sabe que alguém está escrevendo o livro, por que não admiti-lo*?" Ora, seu livro, da primeira à última linha, não é outra coisa senão alguém escrevendo um livro — e isso devido à sua concepção peculiaríssima, à técnica que você adotou, etc. — nunca porque você o diga a toda hora. O importante não é dizer, é saber. Certas coisas não se dizem, porque dizendo, deixam de ser ditas pelo não dizer, que diz

Scanned with CamScanner

muito mais. O importante é que todo mundo saiba que o rei está nu, e não diga nada, para que uma criança possa dizer, "olha, o rei está nu!" — lembra-se da história? Imagine o desfile do rei nu com uma faixa na frente anunciando: "O REI ESTÁ NU".

É o que, guardando as devidas proporções, acho que as frases assinaladas, e só as assinaladas, fazem com relação ao seu livro. Porque no momento em que você entra no livro expressamente como primeira pessoa, deixa de ser a autora para ser personagem também, passa a fazer parte do cortejo do rei. Era preciso então alguém, fora do livro, que está escrevendo sobre esse alguém que está escrevendo o livro... E assim você, para se colocar do lado de fora, fica sempre do lado de fora... e do lado de dentro. Não seria mais prático ficar apenas do lado de fora?

Já a segunda razão que você apresenta, acho perfeitamente legítima. Você não só teve a necessidade de afirmar enfim alguma coisa, como na realidade afirmou. Mas isso nada tem a ver com a sua "presença" no livro, nem com os comentários seus, de autora. Afirmou apesar deles... Tanto assim, que não vi necessidade de nenhuma alteração profunda no livro; de qualquer maneira, assim como está, o livro se impõe, sua estrutura é perfeitamente legítima, as alterações sugeridas não alterariam grande coisa. Em última análise, questão apenas de gosto pessoal, mas que nem para mim mesmo afeta fundamentalmente o valor do livro — e se volto a falar nisso aqui é somente pelo puro prazer de discutir ideias que sua carta suscitou.

Recebi sua carta com muita alegria, Clarice. Eu estava apreensivo, achando que fora um pouco precipitado te mandando em vez de uma carta sobre seu livro, uma carta sobre as frases do seu livro. É que não sei mais exprimir minhas emoções

Scanned with CamScanner

senão trocando em miúdo, no varejo das pequenas coisas — e me seu livro emocionou muito, em bloco. Foi bom que você me desse resposta imediata — e já estou te imitando, ao responder sua carta ainda hoje. E até meio entusiasmado com essa nossa nova pontualidade epistolar, disposto a mantê-la acesa daqui por diante. Espero que você faça o mesmo.

Ênio Silveira me disse que escreveria a você. Este ano, não acredito que o livro saia. Mas insisti muito com ele sobre a sua urgência — ele entendeu, e prometeu considerá-la. Meu livro, ainda não te mandei por uma razão muito simples: só tenho uma cópia (a outra está na editora) e preciso dela para uma coisinha e outra, enquanto espero as provas: parece que fica mais rápido aguardar a publicação (em novembro, parece) que tirar outra cópia. Só lamento que você leia já publicado, porque contava receber uma carta sua no duro, e não dizendo apenas aquilo que não é tarde demais para dizer.

Quanto às correções no seu que você porventura quiser fazer, eu mesmo faço, é só mandar dizer, que estou sempre com o Ênio e não é trabalho nenhum para mim, faço sempre de coração alegre qualquer coisa para você. E quanto à publicação, quando, como, em que condições, etc., como disse, ele ficou de escrever a você. Se não der certo lá, por demora ou qualquer outro motivo, não será difícil experimentar outra editora, inclusive a José Olympio (ou Martins). Negócio de livro está dando bem no Brasil, atualmente. O livro do Cyro (não gostei — você leu? mas isso é uma longa conversa) já vendeu mais de 10.000 exemplares. Você não falou nada sobre o Guimarães Rosa do Grande Sertão — leu? Continuo achando apenas o maior romance já publicado no Brasil — mas isso também é uma longa conversa. O Paulo está querendo fundar

Scanned with CamScanner

uma editora, não sei se já disse (aliás não sei se você recebeu minha outra carta), vai publicar "Flauta de Papel" do Bandeira, crônicas — "Poesias Completas" do Vinicius, e talvez um livro de crônicas minhas.

Estou meio cansado, já é tarde da noite, as ideias estão me ocorrendo meio soltas. O título de seu livro: pensei, pensei, pensei, só me veio também ideia maluca. Na sua carta há uma frase assim: "o melhor é não precipitar a publicação, provavelmente as transformações poderão ser feitas citando página e linha". O seu T minúsculo parece maiúsculo, de modo que no primeiro momento me pareceu que você estava chamando o livro de "Transformações"... Pensei qualquer coisa na base de reconstrução de um homem, mas só me ocorreu "O Homem Feito", que é título de uma novela minha, se quiser eu cedo... Relendo o livro certamente se encontra um título, nas frases próximas de "a veia no pulso" ou alguma ideia parecida. Um título do Hélio, que ele não usou, me vem também à cabeça: "Os Trabalhos do Homem" — mas não resolve. "O Nascimento do Herói" não é ruim, mas acho que não serve, não é? "A Maçã no Escuro" ainda é o melhor que me ocorre, apesar de meio natureza-morta e portanto pouco comercial — como diria o editor. Estão me ocorrendo coisas de fazer rir, desculpe.

Parei para pensar o que é seu livro, no todo, achar um título, fiquei pensando no crime do Martim e acabei concluindo que o livro se chama "O Crime não Compensa". Acho que com essa vou dormir. Enquanto você responde esta (mesmo que não haja o que responder, espero carta sua) vou pensando nesse problema do título para ver se encontro alguma sugestão. Mande seus contos novos, estou ansioso para ler. Não me esqueci do Simeão, na próxima carta mando notícia sobre. Seu livro não é

Scanned with CamScanner

em tom maior. A cena do Martim ajoelhado é extraordinária, me emocionou também. Me escreva, Clarice. Gostaria tanto de conversar com você. Muita saudade do

Fernando

Não acho de grande importância para o livro as alterações sugeridas. Exatamente por isso é que me pareceu que não custava nada fazê-las.

Scanned with CamScanner

Washington, 25 outubro 1956, quinta-feira

Fernando,

eu ia responder logo que recebi sua carta. Mas me deu uma crise de desânimo em relação ao livro, que se tornou geral, então não quis escrever enquanto não passasse — sabendo que, com a graça de Deus, ou o desânimo passaria ou eu passaria por cima dele.

Passei por cima dele. E embora sem crença, comecei a revê-lo. Só que tem sido lentamente: tenho tido pouco tempo. Não sei como você teve paciência com ele. Estou com pouca, ele é descozido, e tão mal escrito que muitas vezes não dá jeito de consertar. Será que você irá ter paciência quando eu mandar as correções citando página e linha? (As páginas com muita correção eu copio inteiras, para serem substituídas). Me sinto encabulada até de ter pedido isso a você. Sinto-me encabulada até de ter pedido a você para ler, mas enfim...

Recebi carta de Ênio Silveira, há algum tempo, dizendo que falará do livro por carta ou pessoalmente (?!). Minha impressão é que, depois de ler, ele não vai querer publicar. Se for o caso, você podia facilitar-lhe a negativa para mim, dizendo que ele não precisa me escrever, que bastará dar o recado para você.

O mesmo, aliás, podia ser feito com Simeão Leal. Parece-me que ele não quer publicar e, como é mais fácil adiar que dizer "não", ele adia. Nesse caso, que é que você acha de eu escrever para ele, dizendo que não precisa mais publicar? Assim ele ficaria desobrigado até de adiar.

Scanned with CamScanner

Fernando, como seria bom conversar com você. Não, ainda não li o livro do Guimarães Rosa, mas vou pedir lá em casa que me mandem. Hoje eu escreveria para você uma carta de 15 páginas ou um bilhete. Vai o bilhete. Tive notícias suas por Rubem que telefonou de N.Y. Ele não sabe se vem aqui. Eu bem que daria um pulo em N.Y. para vê-lo, não sei ainda, é tão difícil deixar a rotina desta casa. Me escreva, sem adiar muito, se possível.

Grande abraço da

Clarice

Scanned with CamScanner

Washington, 12 novembro 1956, segunda-feira

Fernando,

aí vão as correções. Espero que fazê-las não lhe dê muito trabalho ou amolação. As páginas que tinham correções mais complicadas ou mais trabalhadas, eu as copiei de novo: é fácil substituí-las, basta despregar a capa.

Não recebi nenhuma carta de Ênio Silveira, calculo que ele não queira publicar. Você podia dizer a ele para me escrever? Mesmo que seja para dizer que não quer.

Rubem está em Washington desde sábado, temos estado constantemente juntos, ele está ótimo. A visita dele é uma das coisas boas de ultimamente. Aqui está começando o frio, o que sem se querer, muda a vida da gente. Amanhã vamos para Boston por dois dias, "a serviço". Um dia desses, quando eu estiver mais desocupada, copio meus três contos e mando para você ler. Não são bons, são gênero meio engraçadinho, mesmo um que não me parece engraçado.

Fernando, até breve. Diga se as correções vão lhe dar trabalho. Nesse caso, arranjo outro jeito. Um abraço grande de sua amiga

Clarice

Rubem disse que você está ótimo. Que bom, Fernando.

Muita saudade, da mesma

Notas de leitura dos originais,* remetidas em setembro, 1956 (vide pág. 130).

Título — Acho bom, mas pouco eufônico. Soou mal a todo mundo que falei, por causa de "aveia". Qualquer dos títulos das três partes, para o meu gosto pessoal, é melhor. "COMO SE FAZ UM HOMEM", "O NASCIMENTO DO HERÓI", "A MAÇÃ NO ESCURO". Com um pouco de esforço se encontraria no próprio livro título melhor que o exprimisse. Mas, como disse, questão de gosto.

— Ainda não decidi sobre o título... Me disseram que cortasse o "A", e ficaria "Veia no pulso". Mas não só acho que muda o sentido, como fica muito lítero musical: estou enjoada de veias e pulsos. Tive algumas idéias, todas meio ruins. Como: "O aprendizado". Ou "A História de Martin". Vou pensar ainda. Se você tiver alguma iluminação, me ilumine, estou de luz apagada.

Págs. 1 a 3 (pág.13, linha 1) — Achei, em duas leituras, dispensável todo o "prefácio". Meio precioso também. Repete coisas que o

*Caso o leitor de Clarice Lispector se interesse em conferir, tanto as anotações aqui relacionadas, com menção de página dos originais, como as emendas da autora em resposta, elas se fazem acompanhar de indicação da página e linha correspondente na atual edição do romance "A Maçã no Escuro", Editora Rocco, 1998. Quase todas as sugestões foram aceitas. As não mencionadas diretamente por ela levaram-na a recompor a página inteira: das quatrocentas e poucas dos originais, enviou-me em substituição nada menos que oitenta e três, completamente reescritas.

Scanned with CamScanner

próprio livro já diz, as que não diz poderiam ser aproveitadas no texto. Para mim, o livro começa realmente em: "Começa (esta história) com uma noite..."

— *Cortado "prefácio". Substituída a página 3 (está junto das copiadas).*

"Prefácio" cortado:

"Ainda hoje de manhã, sentindo o cheiro da manhã gelada, pensei que cada um de nós oferece sua vida a uma impossibilidade. No entanto sentindo rodar em torno de mim as árvores que estremeciam em frígida graça me pareceu que a impossibilidade está mais perto de nossos dedos que nós mesmos. Pois a realidade pertence a Deus. Pensei depois que temos um corpo e uma alma e um querer e os nossos filhos — e no entanto o que verdadeiramente somos é aquilo que o impossível cria em nós.

Mas são pensamentos que mal se formam, e perdem a forma como a figura de uma nuvem. Embora essa formação e desmanchamento sejam o próprio modo tosco como avançamos. 'Mas por que tosco?', perguntei entre árvores. 'Que raça de homens conheço que me faça por comparação chamar de tosco o nosso único modo de ser?' Assim somos, e não há com quem se comparar senão com o desejo. E que o impossível é a própria realidade, ocorreu-me ao olhar a manhã inescrutável que no entanto eu via tanto quanto olhos podem ver: foi nesse instante que pensei que a realidade pertence a Deus. Assim somos, continuei a pensar, e tão inescapável é a lentidão de nosso formar e desmanchar que o próprio prazer nisso nos dá a graça. E tão lentos somos no avançar que só a impaciência do desejo nos deu a ilusão de que o tempo de uma vida é tempo bastante. 'Para a minha

vida pessoal' — pensei então com a inconsistência de uma promessa — 'pedirei socorro ao que já morreu e ao que nascerá, só assim terei vida pessoal.' E só assim a palavra tempo terá o sentido que um dia adivinhei.

A história que ora se inicia é a história de Martim e do que se poderia chamar de seu indireto avanço no mundo. Quase tudo o que lhe aconteceu foi mais ou menos provocado por ele próprio porque do que lhe aconteceu ele precisava. A concretização de uma pessoa é muito difícil. Mas não irrealizável. Pois, como mais tarde ele eventualmente descobriria, o avanço consiste em criar o que já existe. E em acrescentar ao que existe, algo mais: a imaterial adição de si mesmo.

Esta também é a história de outras pessoas: de duas mulheres, e do incerto arrojamento que afinal constitui a nossa trajetória — pois cada um serve à impossibilidade que adorou. Mas também é verdade que sem servir pouco há a fazer. Nem sequer foi inventado gozo maior que este. Só os tolos se furtam a se consumir. Já que fora do consumo da própria vida começa o que não existe. 'O que não existe' — decidi formando e desmanchando nuvens e perdendo com alguma delícia o pé, nesse ato de fé com que nos entregamos a nosso pensamento — 'o que não existe é inteiramente diverso da impossibilidade'. É que ao sentir o agonizante arrebatamento de uma manhã que nasce ocorreu-me em agonia de amor que a impossibilidade é como se se quisesse atingir o que no entanto seria possível — se ao menos fôssemos outros. E o mais estranho — meditei olhando a enorme folha quieta no chão — é que somos os outros de nós mesmos. Só que — jamais, jamais, jamais.

Quem sabe se esta é a história de uma impossibilidade tocada. Do modo como pode ser tocada: quando dedos sentem no silêncio do pulso da veia.

Este também é o relato de um crime e de desejos antigos. Quanto à realidade, ela pertence a si própria."

Pág. 5 (pág. 15, linhas 20 e 21) — "Roda imaginária do guidon", etc. — Confesso que não entendi bem essa frase.

— *"roda imaginária de um volante" (Cortado "guidon").*

Pág. 6 (pág.15, linha 31) — quinhentos quilômetros é demais. Quem sabe você queria dizer cinco ou, no máximo, cinquenta? Quinhentos quilômetros é mais que do Rio a São Paulo.

— *"cinquenta quilômetros" (não "quinhentos").*

Pág. 9 (pág. 18, linhas 13, 26 e 27) — Remotidão: muito esdrúxulo. E acho que essa palavra nem existe. — "Indeferenciadamente" — idem. "Até que nada aconteceu" já diz tudo. Dispensável a explicação que se segue, empobrece o achado. Eu cortaria de "O que" até "Só então".

— *Sugestões aceitas (quase todas).*

Pág. 10 (pág. 19, linha 14) — "com o rosto" — dispensável. — "Aonde se delineava o horizonte só descobriria", etc., eu diria: "Só descobriria aonde se delineava o horizonte", etc.

— *Sugestões aceitas.*

Pág. 11 (pág. 19, linha 27) — "mas de olhos cerrados" — o mas aí é dispensável, pois era "não de todo desagradável" e assim ele continuava de olhos fechados, presume-se.

— *"De olhos cerrados pareceu-lhe, etc." (Cortado o "mas").*

Pág. 12 (pág. 20, linhas 25 e 26) — Não precisa do "ele".

— *"... como se fosse um embrulho."(Cortado "ele").*

Pág. 13 (pág. 21, linhas 6, 7 e 15) — "coisa rugida" — não se entende bem: coisa feita de rugido, ou semelhante? — "ausência de compromisso do tato" — acho precioso.

Pág. 14 (pág. 21, linha 23) — "Na verdade" — dispensável.

Scanned with CamScanner

— *"Tinha por acaso adormecido... etc."* (*Cortado* *"Na verdade"*).

Pág. 15 (pág. 23, linha 1) — "silêncio" — poderia também ser distância. Quem sabe não é distância?

— *Fica silêncio mesmo.*

Pág. 16 (pág. 23, linhas 12, 13, 14, 15 e 28) — como se "tivesse inaugurado o descampado" — ótimo. — "mudo clarim" — não gosto. — "o lugar onde sua casa fora incendiada" — ótimo.

— *"Embora estivesse cego pela luz: ali nenhum, etc."* (*Cortado* *"mudo clarim"*).

Pág. 20 (pág. 23, linha 14; pág. 26, linhas 36 e 37) — "apalpamento" ou "apalpadela". Apalpação acho que não; "como quando um homem fecha a porta", etc., sobre o domingo — muito bom. Menos o "como quando".

— *"um apalpamento desajeitado" (não apalpação). "Como um homem que fecha a porta e sai, e é domingo."* (*Cortado*: *"como quando"*).

Pág. 21 (pág. 27, linhas 10 e 11; pág. 29, linhas 17 e 18) — "não divisível pelo nº 1" — não gosto. "só — laranja negra", idem. — "clara, bofetada", etc. — muito bom.

— *"Sentado numa pedra, o fato final e irredutível — é que ele estava ali."* (*Cortado* *"não divisível sequer pelo número 1"*).

Pág. 23 — "ave como se fosse levá-la ao correio" — idem.

Pág. 26 (pág. 31, linha 28) — "oficialmente" — idem.

Pág. 28 (pág. 33, linhas 7 e 8) — "amarelo coisa que não é azul" — não gosto.

— *"Homem pensando era aquilo que, ao ver algo amarelo, dizia como máximo de objetividade, em esforço deslumbrado: essa coisa que não é azul." (Ficou mais claro?)*

Pág. 30 (1ª linha e seguintes) — ótimo.

Scanned with CamScanner

Pág. 32 (pág. 36, linhas 18 e 19) — "no fim, amigo do criminoso", etc. — muito bom.

Pág. 36 (pág. 39, linhas 11 e 12) — de "Que é que aquele homem" até "comera nela" — acho dispensável.

— Cortado: *"Uma mesa irreconhecível onde ninguém poderia pôr pratos e comer? Mas ele a reconhecia. Comera nela." Fica apenas: Que é que aquele homem, em duas semanas apenas, terminara por fazer do próprio crime?*

Pág. 38 (pág. 40, linhas 18, 19 e 36) — "rinoceronte" — ótimo. — "de novo a mesa" — dispensável.

Págs. 44 a 45 — muito bom. — "tempo e pedra" — idem.

Pág. 46 — "cinema" — idem. Toda a parte do sermão às pedras, ótimo, um dos pontos altos do livro.

Pág. 53 (pág. 52, linha 9) — "Inatingível, sim, mas havia júbilo no ar como haviam prometido alguma vez em procissões", etc.

(Cortado: "jura-se que", e substituído "haviam prometido" por "tinha sido prometido".)

Pág. 58 (pág. 56, linha 8) — "... se deliberadamente não visse o estranho". (Substituir o "ignorasse").

Pág. 61 (pág. 58, linhas 13 e 16) — "pesar a terra com a mão" — acho convencional. A menos que se dissesse isso. — "o curral caía aos pedaços" — acho meio esquisita a expressão, em se tratando de curral que em geral é um cercado apenas.

Pág. 62 (pág. 59, linha 18) — "Percebia tudo ao mesmo tempo, gingando, gozando a limpidez dos olhos que era a própria luz." (Cortado: "Ele" e "seus").

Pág. 64 (pág. 61, linhas 2 e 3) — "à medida — que se afastava".

Pág. 71 (pág. 66 , linha 10 — "Não me serve, disse, etc." (Cortada: exclamação).

Pág. 73 (pág. 67, linha 20) — "infantilidade dos gigantes" — muito bom.

Scanned with CamScanner

Pág. 74 (pág. 68, linhas 17 e 18) — "cara" — acusação — me parece um pouco convencional.

— *"Era um rosto de quem fez da própria desistência uma arma e um insulto para os outros."* (Cortado: *"ela fizera de sua cara uma acusação."*)

Pág. 77, linha 15 (*pág. 71, linha 2*— *"... aprendera a se defender dela."* (*Em vez de "ignorá-la"*).

Pág. 78 (pág. 71, linhas 17 a 19) — "amêndoas que Ermelinda recebia" — um pouco solto no livro, como referência ao passado de Ermelinda — ou referência a quê? Quem remetia? De qualquer maneira, não acho que tenha importância.

Pág. 80 (pág. 73, linha 2) — "a foice, aproximar o pescoço", etc. — muito bom. — Tudo bom, sobre Ermelinda.

Pág. 84 (pág. 76, linhas 11 e 12) — "Parece que lhe anunciei", etc. até "maligna" — acho forçado.

— *"Que foi? que foi que eu disse de tão extraordinário para você ficar assim?"* (Cortado: *"Parece que lhe anunciei que você nunca mais vai morrer! disse maligna"*).

Pág. 88 (pág. 79, linhas 1 e 7) — "Enquanto isso" — dispensável. Muleta de frase que não acrescenta nada. — "abrutalhamento" — não sei, mas acho que o certo é embrutecimento ou abrutamento.

— *"Erguendo a lamparina acima, etc."* Cortado: *"Enquanto isso". "Com um abrutamento, etc." (em vez de "abrutalhamento").*

Pág. 89 (pág. 80, linhas 13 a 15) — "Como uma sombra longa tem no chão" — não acrescenta nada.

— *"Embora a muda cena do quadro desse ao depósito uma perspectiva. O próprio depósito de lenha cheirava a sapateiro." (Sem parágrafo entre as duas frases).* Cortado: *" — como uma sombra longa tem no chão."*

Scanned with CamScanner

Pág. 90 (pág. 81, linhas 4 e 11; pág. 82, linha 15) — 5ª linha — "Como" — dispensável. — 7ª linha — "não se sabe se se" — soa mal. — "terreno terciário e tudo mais" — ótimo.

Pág. 91 (pág. 81, linha 15) — "é verdade que" — outra muleta dispensável. Usada muitas vezes no decorrer do livro. "de mão de gente" — dispensável. — "Mas-mas" — dispensável um dos mas.

— *"Percebiam-se restos de um trabalho e de uma vontade." "Mas em seus próprios termos." (<u>Cortado</u>: um dos "mas").*

Pág. 93 (pág. 83, linha 25) — se "entendia"? Não entendi... Talvez se estendia? — "Apesar de que da fazenda ele apenas quisera..." eu diria "Apesar de ter querido da fazenda apenas pouso" — soa mais simples.

Pág. 94 (pág. 84, linhas 2, 8 e 9) — "há meses" — talvez havia meses. — "como quando, por tudo ter permanecido", etc. — boa imagem, mal expressa.

Pág. 95 (pág. 84, linha 23) — "se precisasse mais do que — é que", etc. Talvez cortar o "do que".

— *"Se precisasse mais, é que ficava difícil, etc." (<u>Cortado</u>: "do que").*

Pág. 96 (pág. 85, linha 24) — "De como Ermelinda se apaixonou por Martim" — acho desnecessário, está na cara.

Pág. 97 (pág. 85, linha 34; pág. 86, linhas 12 e 15) — "quando reabriu os olhos, seus olhos", etc. — mal expresso. — "pesadez" — não gosto. — "como uma criança não que é graça" — não entendi.

Pág. 98 (pág. 87, linhas 2, 3 e 4) — "Meditar é olhar o vazio" — conceituoso, não gosto. — "Foi então que" — outra muleta, certo abuso dela.

— *"Meditar <u>era</u> olhar o vazio. A moça meditava."*

Pág. 100 (pág. 88, linha 25) — muito bom. — "se procurou" — a sintaxe dessa frase está meio esquisita, talvez pela ênfase desnecessária. Prefiro: "procurou recuperar" — etc. mas isso, etc.

— *"Procurou recuperar o instante para destruí-lo, mas isso foi penoso e inútil." (Em vez de "Se procurou etc.").*

Pág. 101 — "ele era realmente" — acho desnecessário.

Pág. 104 (pág. 91, linhas 22, 27, 28, 29 e 33) — "sabedoria física" — meio precioso. — "a planta é ocupada pelo prazer"? — eu talvez cortasse. — De novo "é verdade que". — "flecha e dardo", etc. — ótimo.

— *"... tinham ganho sabedoria." (Cortado: "física"). "A planta, por exemplo, era apenas prazer."*

Pág. 105 — "pegar a terra com a mão" — aqui, sim. — "Possivelmente" até "mistério" — acho dispensável.

Pág. 106 (pág. 92, linhas 23 e 36) — ótimo, toda a página.

Pág. 107 (pág. 94, linha 8) — "ou de um desastre" — dispensável.

— *"... de uma festa antes da qual" (Cortado: "ou de um desastre").*

Págs. 108 e 109 — ótimo, muito bom mesmo.

Pág. 109 (pág. 95, linhas 23 e 24) — 8ª linha — "se tivesse" — se tivessem.

— *"... as coisas se tivessem".*

Pág. 110 (pág. 96, linha 7) — "ouro do ar" — acho precioso.

— *"E ofuscado, estacou." (Cortado: "pelo ouro do ar").*

Pág. 111 (pág. 96, linha 37; pág. 97, linhas 1 e 2) — "a medida em que" — acho que é "à medida que". — 7ª linha — "as vacas escolhiam" até "elas exigiam" — acho inútil.

Pág. 112 — (*pág. 97, linha 31; pág. 98, linha 6*) — em vez de "porque" prefiro "já que": menos conceituoso. — última linha — "beleza de outono". Referências a estações do ano, pratica-

Scanned with CamScanner

mente ignoradas no Brasil, a não ser quando se impõe mesmo, acho que descaracterizam o lugar-ambiente, num livro em que o assunto já não é necessariamente brasileiro.

Pág. 113 (pág. 98, linhas 8 e 27) — "como quando" — sugiro apenas "e seu peito se inflou". Não é a mesma coisa, mas enfim... — "palmadas no couro seco de uma vaca" — Assim como está não se sabe se o couro seco está dependurado ou na própria vaca.

Pág. 118 (pág. 102, linha 27) — Mesquinheza ou mesquinhez? (verificar).

— *"mesquinhez" (não mesquinheza).*

Pág. 123 (pág. 105, linha 35) — "Como dizer de outro modo", etc. — interferência da autora — aconselhável? Neste caso, pelo menos, acho que não.

Pág. 127 (pág. 108, linha 32) — "não especificamente sexual" — acho ruim.

— *"... Esse modo de ver lhe deu um profundo contentamento físico, a quieta e contida excitação física, etc". Cortados: "não especificamente sexual" e o "Mas").*

Pág. 128 (pág. 110, linha 3) — "pá" — não seria enxada?

— *"enxada" (não pá).*

Pág. 129, linha 19 (pág. 111, linha 4)

— *"enxada" (não pá).*

Pág. 135 (pág. 115, linha 32) — "É que tudo para ele" — não entendi essa frase. Talvez porque falte uma vírgula depois de Martim?

Pág. 136 (pág. 116, linhas 22 e 23) — "a alegria de não aludir" — primeira referência a aludir, que recorrerá mais tarde — aqui não se entende o que você quis dizer.

— *"Lembrou-se a tempo de que não havia como exprimir a alegria e então se construía, etc., etc." (Cortado: "de conseguir aludir").*

Pág. 139 (pág. 119, linha 13) — "a medida em que" — à medida que.
— *"à medida que desciam."*

Pág. 141 (pág. 123, linhas 4 e 5) — "danadamente" — acho de mau gosto esse advérbio.

— *"Estava muito contente de ser uma pessoa, etc." (Substituído o advérbio).*

Pág. 142 (pág. 124, linha 4) — Acho que o episódio da criança com fome não precisa ter dia seguinte, você "colaborou", como diria Ovalle. Perfeitamente dispensável o resto da história, o princípio já diz tudo.

Pág. 146 (pág. 126, linha 31; pág. 127, linhas 1, 11 e 13) — as duas primeiras linhas também me parecem dispensáveis. E a seguinte apenas: "Ela aguardava", etc. — "inescapável necessidade" — adjetivo ambíguo. A necessidade é que não escapa? Ou a pessoa é que não escapa da necessidade? Não estou burro não, estou fazendo o advogado do diabo... — "já que nos habituamos", etc. — "basta nos lembrarmos", etc.: eu fugiria à primeira pessoa, dá um tom conceituoso, que escapa à natureza do romance, pelo menos em casos como esse. Afinal de contas isso é romance mesmo, não é ensaio.

Pág. 151 (pág. 130, linhas 28 e 32; pág. 131, linhas 3, 9, 15, 21 e 22) — "às custas" — fica melhor "à custa de". — "incidental" — soa meio erudito — força incidente ou acidental ficaria melhor. — "aquele homem". Certa dúvida quanto ao tratamento que expressões como essa e a primeira pessoa dão ao seu romance, num tom que não é de romance. Não que você não tenha sido bem-sucedida neste tom, peculiaríssimo à natureza do que você pretendia, e conseguiu com ele. Mas há um certo abuso de "aquele homem" pelo livro afora. Substituir por "ele" não daria na mesma?

Scanned with CamScanner

Daqui por diante vou marcar todas as vezes que a expressão ocorrer, para você ver se não valeria a pena eliminar algumas. — "pois não havia como desejar o que já não existe" — dispensável, não acrescenta nada. — "É verdade que" — de novo. — "e que já eram instrumento de pensamento" — desnecessário. — "uma reconstrução tinha que ser também das palavras" — sei o que você quis dizer mas está ambíguo. Talvez "tinha de começar pelas próprias palavras" — qualquer coisa assim. — "a linguagem é o esforço do homem" — não acrescenta nada à frase, que em si já é completa, e boa, sem isso.

— *Sugestões quase todas aproveitadas.*

Pág. 152 (pág. 131, linha 25) — "com o seu imperdoável significado" — idem. Há excesso de então; na 6ª linha há um também, dispensável.

Pág. 153 (pág. 131, linha 29; pág. 132, linhas 17, 25, 26 e 31) — "então" — dispensável. — "rato roendo amêndoa", muito recherché. Prefiro "como um rato", apenas. — "começando a saber se mover" — porque não apenas "começando a se mover"?

— *Sugestões aproveitadas.*

Pág. 154 (pág. 133, linha 16) — "a boca tinha a retenção de quem já não encontra dificuldade em se reter" — não gosto.

— *"... onde os ossos pareciam falar mais que a carne. Era uma cabeça, etc." (sem parágrafo). (Cortado: "A boca tinha a retenção de quem já não encontra dificuldade em se reter.")*

Pág. 157 (pág. 135, linha 18) — idem, comparação com o acaso, etc. Muito convencional.

Pág. 158 (pág. 136, linha 21) — "oh, apenas tamanho de homem" — acho que você quis dizer "ou apenas", etc.

— *A frase "oh apenas tamanho de homem" queria dizer que essa grandeza não era nada mais que tamanho de ho-*

Scanned with CamScanner

mem. Talvez pondo uma vírgula depois de "oh" fique mais claro? Ou pôr assim: "Essa grandeza — oh, nada mais que tamanho de homem — que fora, etc."

Pág. 159 (pág. 136, linha 30; pág. 137, linha 10) — "sentou-se enfim" — já estava sentado. (pág. 156, começo do cap. 3). — "aquele homem".

— (Sentou-se enfim na cama). Você me lembrou que na pág. 156 Martim já estava sentado. Mas na pág. 157 vi que ele se levantara... Copiei então a pág. 157 e tornei mais claro que ele se levantara.

— "... e ele não" (Cortado: "aquele homem").

Pág. 160 — muito bom.

Pág. 161 (pág. 138, linha 26) — "aquele homem".

— "Martim não podia mais, etc." (Martim em vez de aquele homem).

Pág. 162 (pág. 139, linha 20) — 3 primeiras linhas — não gosto. — menino à escola — muito bom.

Pág. 163 (pág. 139, linha 37; pág. 140, linha 4) — objetividade, galo — idem.

Pág. 164 (pág. 140, linha 26) — "aquele homem".

— "ele" (não "aquele homem").

Pág. 165 (pág. 141, linhas 16 e 30) — "aceitar como seu papel de homem". Eu diria apenas "aceitar o seu papel de homem". — passarinho — muito bom.

Pág. 168 (pág. 143, linhas 31 e 32; pág. 144, linhas 1 e 2) — "a prova da existência do perfume se reduz à palavra de honra de cada um" — extremamente precioso. — "aquele homem". — "levar-lo-iam" — acho que é levá-lo-ia. (o decorrer).

Pág. 170 — ótima, esta página.

Pág. 171 (pág. 146, linhas 25 e 26) — "aquele homem".

— "Porque, afinal, cometera um crime para, etc." (Cortado: "aquele homem").

Scanned with CamScanner

Pág. 172 (pág. 147, linhas 7 e 19) — idem. — "esforço danado" — mau gosto.

— *Cortado: "danado".*

Pág. 173 — ótimo.

Pág. 174 (pág. 149, linhas 9 e 10) — "aquele homem".

— *"muda vigilância de Martim pois ele continuava a, etc."*

Pág. 176 — esplêndida, a explicação de temperamento de Ermelinda. Ermelinda é uma grande figura. — Acho meio desnecessária a confissão de Ermelinda — pedra e passarinho, medo de morrer, etc. Não acho que acrescente grande coisa.

Pág. 177 — "como uma aluna" — muito bom.

Pág. 178 (pág. 152, linha 2) — ótimo. Talvez dispensáveis as exclamações (algumas), daria mais força, a ênfase já está nas palavras. Acho perfeitamente dispensável a frase de "Por assim dizer" até "interrompidos".

Pág. 179 (pág. 152, linhas 15, 16 e 18) — "Como os movimentos passavam, os próprios momentos o levaram", etc., muito esdrúxulo e vazio. Eu diria apenas: "Depositou o balde no chão para dizer alguma coisa". — "o modo que Martim achou foi um modo", etc. Porque não apenas "Martim achou um modo", etc. — menos redundante? — "voltarei" — muito literário. "Vou voltar da encosta ao meio-dia", seria mais natural.

— *Sugestões aceitas.*

Pág. 180 (pág. 153, linhas 7, 28 e 29) — "daquela moça". — "por assim dizer" — ruim. Certo abuso dessa expressão, como de "a verdade que", "foi então que", "assim, pois", "então", etc. Não acrescentam nada e empobrecem a narrativa.

— *"... vida ela tivera, etc." (Cortado: "daquela moça"). Cortado: "por assim dizer". "teria que" (em vez de "tinha que").*

Scanned with CamScanner

Pág. 181 (pág. 153, linha 23; pág.154, linhas 10 e 27) — "dias comuns que são os dias que nos julgam" — redundante. "Dias comuns que nos julgam" seria menos conceituoso. — "aquela moça teimosa" — aqui está bem. — inadequabilidade — esdrúxulo demais, foge à linguagem de ficção. — 17 de abril — ótimo.

— "dias comuns que nos julgam". "de grande mal-estar" (não "inadequabilidade").

Pág. 182 (pág. 155, linha 3 (cortado); pág. 155, linhas 4, 5, 9 e 14) — "eu apenas nasci com ela" — artificial — dispensável. Idem, de "Era errado" até "tão outro" — explicando demais. — "tão mais elegante e tão mais homem que ela", sem aspas, acho que ficaria melhor. — Em vez de "Parecia-lhe que, não fazendo belo par, é que a natureza", etc., eu diria "Parecia-lhe que por isso, é que a natureza", etc. Menos redundante. — "que aparecera tão inesperadamente" — poderia ser cortado.

— Sugestões aproveitadas.

Pág. 183 (pág. 155, linha 19 (cortado); pág. 155, linha 36) — "E quando ela" até "por onde entrar" — idem. — "mas seria dor de doença ou dor de vida" — idem, não gosto.

Pág. 187 — bom.

Pág. 188 (pág. 159, linha 33) — "endemoniadas". A palavra certa é "endemoninhadas".

— Fica "endemoninhadas" (que palavra horrível).

Pág. 190 (pág. 161, linha 19) — "de gelada, fervia" — meio rebuscado isso.

— "A mão da mulher estava gelada."

Pág. 191 (pág. 161, linhas 26 e 27; pág. 162, linhas 14 e 15) — "preparando-se para uma vaidade" — muito bom. — "que é o modo como nos damos" — não gosto.

Scanned with CamScanner

— *"... com a tensão de uma pergunta, incompreensíveis olhos de homem e de mulher." (Cortado: que é o modo como nos damos).*

Pág. 192 — ótimo.

Pág. 193 (pág. 163, linha 24) — "pegando calma nas roupas a emendar". Calma deve vir entre vírgulas para evitar a ambiguidade da frase.

— *"Pegando, calma, nas roupas a, etc." (Calma entre vírgulas).*

Pág. 194 — ótimo.

Pág. 195 (pág. 165, linhas 17 e 18) — "negligenciável" — muito rebuscado.

— *"E quem era ela? Isso de repente se tornara importante, quem era ela? Pois se ele ficasse, etc." (Cortado: "a pergunta não era negligenciável".)*

Págs. 196 e 197 — ótimo.

Pág. 197 (pág. 166, linha 19) — Nós? Insisto em que de vez em quando, como no caso, a primeira pessoa enfraquece a narrativa, dando-lhe um tom conceituoso e de mau efeito literário.

Pág. 198 (pág. 167, linhas 15 e 16) — "piedade de outro homem" — ótimo.

Pág. 199 — idem.

Pág. 202 (pág. 170, linhas 9 e 10) — "no buraco de uma agulha". Basta "de uma agulha".

— *"... com o rosto que uma mulher tem ao enfiar a linha na agulha."*

Pág. 203 (pág. 171, linhas 6, 8, 15, 18 e 20) — "o inferno está repleto" e não repleta. Ótimo. Eu cortaria "A intensão, sim". — "aquele homem de óculos" — aqui está bem, por causa dos óculos. — De novo "aquele homem". — "pois muitas vezes", etc. — acho

Scanned with CamScanner

desnecessário, até "bordo da cama e". — "incontestabilidade" — rebuscalidade muita. Por que não dizer "era incontestável" ou qualquer coisa assim?

— *Fica "era incontestável".*

Pág. 204 (pág. 171, linha 30; pág. 172, linhas 16 e 17) — "jardim encantado" — muito bom. — Tudo muito bom na cena de escrever. — "a dissesse", última linha. Eu cortaria o a.

— *"... palavra que se um homem dissesse... etc." (Cortado o "a").*

Pág. 205 (pág. 172, linha 24) — "intransponibilidade". A palavra existe, não tem dúvida, logo pode ser usada. Mas... Eu diria: "Se fechou austero, intransponível".

— *"... ele se fechou austero, intransponível, como se, etc."*

Pág. 207 (pág. 174, linhas 2 e 16) — "escapa" — escape. — "aquele homem". — "buraco de agulha" — proibição. Ótimo.

— *"escape" (não escapa).*

Pág. 208 (pág. 174, linha 35) — "aquele homem".

— *"... se ele não tinha as palavras, etc." (Substituído "aquele homem").*

Págs. 208 a 212 — muito bom.

Pág. 215 (pág. 180, linha 28; pág. 181, linhas 1 e 9) — "alívio danado" — pobreza de expressão. — "sua companheira na certa era surda" — meio chulo. — "danado" — idem.

— *Sugestões aceitas.*

Pág. 216 (pág. 181, linha 14) — "aquele homem".

— *"... E a Martim — que tanto, etc." (em vez de "E aquele homem").*

Pág. 218 (pág. 183, linhas 10 e 11) — "essa coisa que só o amor permite — não demonstrar amor". Bom, mas convencional, no caso.

Scanned with CamScanner

— *"como se fossem casados. E em breve, ausente, já, etc." (sem parágrafo. (Cortado: "essa coisa que só", etc.)).*

Pág. 219 — "amor esclarecedor". Idem: bom, mas conceituoso.

— *Cortado: "Amor não era cego, amor era esclarecedor".*

Pág. 224 (pág. 188, linha 12) — "podres" acho forte. Estraga a delicadeza da cena. Eu diria "secas", "murchas". Muito bom.

— *"Mas as cascas estão murchas, disse, etc., etc."*

Pág. 225 (pág. 189, linha 3) — "mandíbulas da ambição" — muito bom.

Pág. 227 — idem.

Pág. 229 — idem toda a cena dos dois.

Pág. 231 (pág. 194, linha 10) — "o destino para o diabo" acho falso. Tudo muito bom até aqui, talvez você achasse coisa melhor para o Martim dizer: "que destino que nada!", qualquer coisa assim mais natural.

— *"Que destino, que nada! disse ele afinal, furioso."*

Pág. 237 (pág. 199, linhas 17 e 27) — os tambores. Na primeira referência talvez estejam um pouco longe. Quando li pela primeira vez, não me ficaram e esta segunda referência aos tambores me pareceu sem sentido. Talvez desatenção minha, não sei. A ideia é muito boa. — "mal se calcula", etc. — acho conceituoso.

Pág. 243 (pág. 202, linhas 24 e 25) — "me pesei" — eu cortaria o "me".

— *"Depois pesei na balança da farmácia, etc." (Cortado: "me").*

Pág. 245 (pág. 205, linha 35 e pág. 206, linhas 10 e 11) — ótima, a menina. "Seu tolo" é ruim. "Seu bobo", talvez. — "de que é que nós mesmos" até "gelamos". Esta frase parece charada infantil. Além de rima.

— *Sugestões aceitas.*

Pág. 247 — A esta altura me ocorreu saber onde é que Martim comia? Com as mulheres? com Francisco? sozinho? Não se sabe. E a ausência de Francisco chega a ser inquietante.

— *Fernando, esqueci de pensar onde Martim comia. E quanto à ausência de Francisco, você tem razão, mas não consigo mais mexer muito no livro.*

Pág. 252 — Você não disse como, quando e onde Martim se sentou, antes de começar a curtir a pele — parece que ele a está curtindo de pé, sem jeito junto à porta.

Pág. 253 (pág. 212, linha 27) — "explodiu Victoria com dor" — acho exagero.

— *"Que diferença faz! explodiu Victoria." (Cortado: "com dor").*

Pág. 259 (pág. 216, linha 30; pág. 217, linhas 9, 11 e 16) — assegurar no sentido de tranquilizar — verificar se está certo. Acho que não se usa em português. — "aquele homem". — "tentássemos" — primeira pessoa novamente. — "negamos", etc., idem.

Pág. 261 (pág. 218, linha 28) — "atraso do alfaiate" — esplêndido isso.

Pág. 264 (pág. 221, linha 7) — "aquele homem".

— *"... única coisa de que até hoje ele podia, etc." (ele em vez de aquele homem).*

Págs. 264 e 265 — muito bom.

Pág. 266 — ótimo.

Pág. 269 (pág. 225, linhas 19 e 20) — "conservar a riqueza (o náufrago) *ou* afundar-se com ela"? Não será *perder* em vez de conservar?

— *"... escolher entre perder a pesada riqueza ou, etc." (perder em vez de "conservar").*

Págs. 270 a 277 — ótimo, Victoria na cama.

Scanned with CamScanner

Pág. 279 (pág. 230, linha 23) — idem, os sapos.
Pág. 280 (pág. 231, linha 8) — "o homem ficasse denunciado". Muito bom. Dispensável a frase do criminoso que mata mas não para que ficasse morto.

— Cortado: *"Como um criminoso que perplexo dissesse: eu o matei mas não para que ele ficasse morto."*

Pág. 290 (pág. 242, linhas 30 e 31) — "dois macacos que vi" e "a impressão *que tive*" — insisto em não gostar da primeira pessoa.

— *"E agora os dois estavam abraçados na cama como dois macacos no Jardim Zoológico, e nem a morte separa dois macacos que se amam." (Cortados: "que vi", "a impressão que tive foi a de que").*

Pág. 292 — muito bom.
Pág. 294 (pág. 253, linha 7) — "chuva" — idem.
Pág. 295 (pág. 246, linha 17) — ressaca?, referência ao estado físico? Mas ressaca só se relaciona à farra ou bebedeira, e ele não bebeu. Prosaico demais.

— *"O cansaço" (não "A ressaca").*

Pág. 296 (pág. 247, linhas 28, 29 e 30) — "Ela como se se tivesse preparado para assistir", etc. Se se — não gosto. Talvez "como se tivesse se preparado" ou "como estivesse preparada". — "mornidão". Lentidão — me parece melhor.

— *"Ela, como se estivesse preparada para, etc."; "com a lentidão do homem" (não "mornidão").*

Pág. 297 (pág. 248, linha 27) — *Maré* em rio? Ou é ignorância minha? Verificar.

— *"Mas eu não quero devagar, pensou, etc." (cortada exclamação). Fica: "... perceberam apenas o gorgulho do rio." (Cortado: "de maré mais alta").*

Pág. 301 (pág. 252, linhas 7 e 8) — "indecorosidade" — rebuscado.

Scanned with CamScanner

— *"E mesmo agora já nem sobra mais tempo: a senhora é a pessoa que sabe disso, etc., etc." (Cortado: "para que essa indecorosidade possa acontecer").*

Pág. 303 (pág. 253, linha 32) — "perplexa e tranquila" — é precioso, porque são coisas muito diferentes, não se completam. Só se você dissesse: perplexa, mas tranquila. O que também não podia ser. Logo...

— *"e ela então dissesse: é impossível." (Cortada exclamação). "Como sou infeliz, disse-se então tranquila." (Cortado: "perplexa e").*

Pág. 304 (pág. 253, linha 37) — "gordo e veloz" (o rio) — Eu acharia melhor "gordo e lento".

— *"corria gordo e lento..." (lento em vez de veloz).*

Pág. 310 (pág. 259, linhas 26, 27, 28 e 29) — "infernos a que não se tinha descido" — quem?

— *"e que havia infernos a que ela não tinha descido, etc."*

E "ignoramos" (e não ignorávamos).

Pág. 311 (pág. 259, linha 34 (cortado); pág. 259, linha 34 (cortado); pág. 260, linha 7 (cortado)) — "a outra sabia", etc. "O gato era o próprio outro", etc. — Não gosto. Acho muito sutil demais, chega a não querer dizer nada para mim. — "Martim passou" até "paciente" — acho dispensável. — "súbita raiva", bofetada — acho exagero isso.

Pág. 312 (pág. 260, linha 18) — "palavras perdidas", etc. — muito bom.

Pág. 313 (pág. 261, linha 35; pág. 262, linha 1) — Certo abuso de pontos de exclamação na fala de Victoria. Ficaria tão enfático, ou mais, e gritado da mesma maneira, tirando alguns. Estou certo de que melhoraria o efeito. Muito grito, muita cólera e muita raiva (Martim) de efeito puramente literário, mas inverossímil

Scanned with CamScanner

e exagerado. — "almas se trocam"? se tocam? — "Eu, disse ela". Não precisa do disse ela.

Pág. 314 (pág. 262, linhas 33 e 35) — "vacas sagradas", ótimo. — "insatisfatório como fumar cigarro apagado" — acho meio chulo.

Pág. 316 (pág. 263, linhas 33 e 34; pág. 264, linha 4) — "viver a árvore alta" e "erro de uma planta" — ótimo.

— *"Medo? Ela? Seu impulso foi o de rir, etc." (Cortados: exclamação de "ela" e a palavra "bruto").*

Pág. 318 (pág. 265, linha 28) — "a impossibilidade de circunstâncias que até então a protegera tanto" — frase meio confusa.

Págs. 318 a 319 — Não gosto do tom "ouviu? entendeu? compreende?" na fala de Victoria. Excesso de naturalidade, soa falso certo abuso disso. A fala de Victoria, a meu ver a parte mais fraca de todo o livro, me parece muito extensa.

Pág. 320 — idem. "diga, não era isso? ouça!"

Págs. 320 a 321 — O que Victoria conta é bom, mas a maneira que conta me parece retórica, foge à psicologia da personagem, pretende mais do que realmente é.

Pág. 323 — Confirma-se na segunda leitura que a fala de Victoria não está à altura do resto do livro, merecia tratamento mais sóbrio e cuidadoso. — A cólera de Martim tem que ser explicada e justificada, do contrário soa falsa e fica sendo mero recurso literário, gosto da nossa literatura de ficção chamada de "introspectiva".

Pág. 326 (pág. 271, linha 2) — "do que o outro dar" — soa esquisito.

— *"ninguém pode pedir mais do que o outro pode dar, etc." (Acrescentando o "pode").*

Pág. 327 (pág. 271, linha 34; pág. 272, linha 5 (cortado)) — "par de sapatos" — muito bom. — "arrebatamento da perdição" — não

Scanned with CamScanner

está claro isso. — "na dor não se deve esquecer o guarda-chuva." Bom, mas adequado para quem fala e para o momento. Se Martim soubesse dizer coisas assim, já estaria salvo há muito tempo.
Pág. 328 (pág. 272, linha 16; pág. 273, linha 1) — "Ouça!" — é exclamar demais. "Eu vivi na cidade" — que cidade é essa?

— *"Ouça." (Cortada a exclamação). "Eu vivia no Rio, continuou, etc." (não "na cidade").*

Pág. 329 — O tom que Victoria usa para contar como veio para o sítio, a meu ver, devia ser o de seu "estouro" — que continuaria estouro, apesar de tudo.
Pág. 330 (pág. 273, linha 37; pág. 274, linha 2; pág. 274, linha 7 (cortado); pág. 274, linhas 10 e 11) — Continua o abuso de exclamações ("costeleta cheia de gordura!", etc.) que nada acrescentam, em ênfase, ao que está sendo dito. — "Calou-se como se tivesse dito", etc., etc. Não ficaria melhor "Calou-se" apenas? — "entende" — eu cortaria. — "acontecendo" — idem, a exclamação. — "o senhor por acaso me entende?" — aqui sim, já não é retórica, apenas.
Pág. 331 — bom. — Referências à primavera e ao inverno da "cidade". Que cidade será? O Rio? (Mas isso não tem muita importância.)
Pág. 332 (pág. 275, linhas 9, 14 e 15) — "as carnes". Eu diria simplesmente "a comida". — "em qualquer lugar", etc. — bom.

— *"... a comida fosse..." (em vez de "carnes fossem").*

Pág. 333, (pág. 276, linha 11; pág 276, linha 21) — Exclamações.

— *"morar aqui, concluiu, etc." (cortada exclamação de "aqui"). "... como eu quis encontrar na ilha." (cort. excl. de ilha).*

Pág. 334 (pág. 276, linhas 32 e 33) — "artérias de juiz" — idem.
Pág. 335, linhas 8 e 9 (pág. 277, linha 27; pág. 278, linha 23).

— *"ele me é devido, ele se, etc." (cortada a exclamação de "devido"). "... pode chamar de destino." (cort. excl. de "destino").*

Scanned with CamScanner

Pág. 337 (pág. 279, linha 9 (cortado)) — ótimo, o rapaz e a fogueira. Apesar da ênfase, dispensável.

Pág. 338 — idem, quanto à ênfase de exclamações.

Págs. 339 e 340 — bom.

Pág. 341 (pág. 282, linha 10) — "Seria de agora em diante o seu futuro." Ou o seu passado? Acho que dá na mesma...

Pág. 342 (pág. 283, linha 23 (cortado)) — "um homem sem as perturbações que a liberdade de espírito dá a uma pessoa" — acho muito literário.

Pág. 343, linhas 5 e 6 (pág. 283, linhas 21 e 22) — "quanto mais restrita", etc. — idem.

— "*que procuro uma ordem onde aplicar minha liberdade.*" Cortado: "*Quanto mais restrita é a ordem, mais se apura e se intensifica a minha liberdade.*"

Pág. 344 — ótimo.

Págs. 345 e 346 — idem.

Págs. 347 e 348 (pág. 287, linha 6) — "mulheres incertas e menstruadas" — idem.

Pág. 348 (pág. 287, linha 26) — Aqui talvez coubesse ao menos uma referência a Francisco, que continua a brilhar pela ausência. — "trajes de sonâmbula" — já usou sonâmbula outras vezes, de maneira mais feliz.

Pág. 349 — Bela página, da melhor literatura, a descrição dos dias...

Pág. 350 (pág. 288, linhas 18, 25 e 26) — "recolhido" — se recolhido. — "mas o zumbido das abelhas parecia desmentir o futuro" — a afirmação, como está, me parece inteiramente gratuita, mera linguagem literária.

Pág. 351 — ótimo. Explêndida descrição.

Pág. 355 (pág. 291, linha 13) — idem, a cena do fogo.

Scanned with CamScanner

Pág. 356 (pág. 292, linha 35) — Referência muito direta ao outro rapaz da fogueira, a descrição da cena é óbvia. Eu diria apenas "não ao outro". — idem, a última frase.

Pág. 357 (pág. 293, linhas 7, 8 e 11) — "dentro em pouco". O fogo passou depressa demais.

— *"criou o fogo, trabalhou, etc." (Cortado: com "cólera"). "Depois, quase nada mais havia a fazer."*

Pág. 358 (pág. 293, linha 35; pág. 294, linhas 10, 11 e 14) — "E a promessa estava ali." Que promessa? Ou é burrice minha? — "agora se inaugurava" — muito bom. — "Mais primeira" — não gosto. Soa como solecismo.

Pág. 359 — muito bom.

Pág. 360 (pág. 295, linha 18) — "mais primeiro" de novo. Ótima, a ideia.

— *"que era o primeiro modo de respeitar, etc." (Cortado o "mais").*

Págs. 360 e 361 (pág. 296, linha 13) — idem, a maçã no escuro, etc.

Pág. 361 (pág. 296, linhas 13 e 16) — "investigadores de chapéu largo" — pode ser, mas me parece convencional, o chapéu. — "anões" — ótimo.

— *"Os dois investigadores eram baixos e tranquilos. Etc." (Cortado: "de chapéu largo").*

Pág. 362 (pág. 296, linhas 23 e 24; pág. 297, linhas 4 e 5) — Victoria trocou a calça vermelha pelo vestido? Vide pág. 352. — "não completará o ciclo que começou com o crime" — não sei, esta frase, como está dita, e no momento em que foi dita, me parece explícita e inteligente demais para o professor.

— *"pálida, tinha posto o seu vestido de receber visitas. O, etc." (em vez de "estava com um vestido, etc."). E: "e o senhor não completará o que o senhor começou, etc." (Cortado: "ciclo").*

Scanned with CamScanner

Pág. 363 (pág. 297, linha 11) — "padre enlouquecido" — acho forte a imagem, para o caso.

— *"... ordenou o professor." (Cortado: "como um padre enlouquecido").*

Pág. 364 (pág. 298, linha 17) — "homem que transpira secretamente" — muito bom.

Pág. 365 (pág. 299, linha 4 (cortado)) — "sabendo jogar pôquer!", etc. — francamente, tirada muito gaiata, quebra a dramaticidade da cena sem enriquecê-la.

Pág. 370 (pág. 302, linha 25) — os 4 representantes — ótimo. Grande força desde a chegada dos 4 até aqui.

Pág. 371 — Cada vez melhor.

Pág. 373 — Dispensável, a meu ver, a frase "E era como se aquilo que a impossibilidade gera em nós", etc. As seguintes já dizem tudo, e de maneira mais clara.

— *Você diz que na página 373 "é dispensável a frase 'E era como se aquilo que a impossibilidade gera em nós', etc. As seguintes já dizem tudo, e de maneira mais clara." Como estou de algum modo fora da atmosfera do livro, pergunto a você se, com as "seguintes" você quer dizer as "seguintes imediatas"? Quero dizer com isso que não compreendi bem "de onde e até onde" devo cortar. Quer esclarecer?*

Pág. 374 — muito bom.

Pág. 380 (pág. 310, linha 15) — "nós que vos somos" e tudo o mais, ótimo. A esta altura o livro já ganhou um ímpeto extraordinário.

Pág. 383 (pág. 312, linha 31) — "brutalidade" — forte demais.

— *"insistia emocionada para que, etc." (Cortado:"com brutalidade").*

Pág. 386, linha 9 (pág. 314 , linhas 33 e 34).

— Não sei, acho um pouco forte a tirada do investigador, não me soou inteiramente natural. Acho que os investigadores, em

Scanned with CamScanner

circunstâncias semelhantes, seriam estúpidos e brutos pelo silêncio, pela indiferença. E para um investigador, me parece que homem que mata mulher por ciúme não é tão desprezível assim. O que não mata, sim... Não sei, repito; de qualquer maneira, me pareceu vagamente convencional.

— Fica apenas "— além disso, chora como um covarde."

Cortada a "tirada" do investigador.

Pág. 388 (pág. 316, linha 10 (cortado)) — "mingau de aveia" — acho desnecessário, poderia cortar. — "hermafrodita" — ótimo. — "Usei tudo o que pude, menos a imaginação" — o que a crítica vai aproveitar, para dizer da autora... Ótimo.

Pág. 390 (pág. 317, linha 28) — "goiabada". Detalhe humorístico, talvez dispensável. Ou serve para sustentar o tom levemente irônico que daqui por diante transparece na sua maneira de tratar seu personagem? Francamente, não sei.

Pág. 391 — "esplêndido" — grande força.

Pág. 393 — idem, admirável.

Pág. 403 (pág. 327, linha 31) — "como explicarei" — de novo a primeira pessoa. Um pouco O. de Faria.

Pág. 404 (pág. 328, linha 24) — "Afinal posso dizer" — outra vez a primeira pessoa.

— "Afinal pode-se dizer que ele, etc." (pode-se, e não "posso").

Pág. 408 — É a parte mais alta do livro, sem dúvida alguma, o diálogo com o pai. Absolutamente extraordinária, toda a cena final do livro.

....

*Vide à pág. 130 o restante desta carta.

Washington, 11 dezembro 1956, terça-feira

Fernando,

estou lendo o livro de Guimarães Rosa, e não posso deixar de escrever a você. Nunca vi coisa assim! É a coisa mais linda dos últimos tempos. Não sei até onde vai o poder inventivo dele, ultrapassa o limite imaginável. Estou até tola. A linguagem dele, tão perfeita também de entonação, é diretamente entendida pela linguagem íntima da gente — e nesse sentido ele mais que inventou, ele descobriu, ou melhor, inventou a verdade. Que mais se pode querer? Fico até aflita de tanto gostar. Agora entendo o seu entusiasmo, Fernando. Já entendia por causa de Sagarana, mas este agora vai tão além que explica ainda mais o que ele queria com Sagarana. O livro está me dando uma reconciliação com tudo, me explicando coisas adivinhadas, enriquecendo tudo. Como tudo vale a pena! A menor tentativa vale a pena. Sei que estou meio confusa, mas vai assim mesmo, misturado. Acho a mesma coisa que você: genial. Que outro nome dar? Esse mesmo.

Me escreva, diga coisas que você acha dele. Assim eu ainda leio melhor.

Um abraço da amiga

Clarice

Feliz Natal!

Scanned with CamScanner

Washington, 14 de dezembro 1956, sexta-feira

Fernando,

recebi a carta de Rubem e estou mandando para você cópia de um pedaço de minha resposta: "Não me surpreendeu a notícia do Ênio da Civilização 'não decidir' sobre a publicação do livro, eu já tinha adivinhado pela demora em responder que ele não queria. Quanto a José Olympio, em primeiro lugar ele está prometendo publicar, mas no escuro: ele não leu e é muito provável que depois de ler diga que não tem quando publicar pois as oficinas, etc, etc. Ora, me amola um pouco ficar implorando, pondo os outros em situação de ter que dar desculpas, ou lutando por uma causa que não me é particularmente simpática, isto é, por um livro que não adoro, e oferecendo de editora em editora e esperando o veredicto, e depois encabulada por ver os outros terem prejuízo. Já passei por isso.

Em segundo lugar, vamos imaginar que por acaso, depois de ler, José Olympio continue a dizer que publica. Mesmo nesse caso, não creio que me interesse porque será em 1958. Deixe eu explicar: quando escrevo uma coisa, vou me desgostando dela aos poucos, mas com alguma rapidez, e se não é logo publicada, minha vontade é não publicá-la mais, ou então, quando é publicada, sinto apenas mal-estar. Você dirá com razão: 'se, passado um tempo, você mesma percebe que a coisa não merece publicação, então não publique'. É certo. Mas acontece que uma coisa escrita e não publicada me dá muita frustração, sinto como moça que faz enxoval de casamento e guarda num

Scanned with CamScanner

baú. Antes casar mal que não casar, é horrível ver enxoval amarelecendo. Para resolver o duplo problema de J. Olympio não querer o livro e eu ter que depender de novo editor, e do fato da demora (se diz 1958 vale como 1999), resolvi, em plena e sã consciência, misturada com alguma malcriação, que pagarei a edição do livro — diretamente a alguma oficina, em base estritamente comercial: que o livro seja impresso agora, que eu reveja as provas, que eu pague o trabalho. Quanto à distribuição, já não é problema meu. Mesmo que o livro fique nas próprias oficinas, o trato é bom. Mas que seja imediato, e que "me livrem" desse livro que não posso ver na gaveta sem enjoar. Resta saber: que oficina? Não conheço nenhuma. Quem sabe se você ou Fernando conhecem alguma sem muito trabalho pela frente e que possa se encarregar de imprimir. Vou mandar uma cópia desta minha resolução-testamento a Fernando, que tem me ajudado muito. No caso de um de vocês me dar o nome de uma de confiança e palavra, então, para não dar mais trabalho a vocês, peço à minha irmã que combine preço e prazo. (Creio que mil exemplares resolveriam o assunto.) Quanto ao que você diz de Simeão Leal, vou esperar que ele volte da Índia, e pedir-lhe a devolução dos originais, que tem mais sentido para mim publicá-los, sem esperar que ele resolva. Um dia, quando eu tiver dinheiro, talvez também dê a uma oficina impessoal. E creio que chega de literatura..."

Bem, mas o caso é que não chega... É que não sei se você recebeu as emendas que lhe mandei (mandei registradas), e se você chegou a emendá-las. Com quem está o livro? Se estiver ainda na Civilização Brasileira, você podia, Fernando, pedir que lhe mandem ou que mandem diretamente à minha irmã? Ou, se o livro estiver lá ainda, minha irmã iria buscá-lo na

Scanned with CamScanner

Civilização. Você poderia avisá-la pelo telefone? A distância me deixa de mãos amarradas.

Aqui tem chovido há tantos dias que já esqueci de como é o sol. E fora a chuva, nada de novo, senão o próprio Guimarães Rosa. Se não fosse a minha preguiça inata, eu teria escrito para ele.

Dê notícias, sim?

E um grande abraço da

Clarice

Scanned with CamScanner

Rio, 19 de dezembro de 1956.

Clarice,

Estou lhe escrevendo rapidamente, para falar da situação de seu livro:

O Ênio não estava indeciso sobre a publicação, nem pensando em não publicar. Pelo contrário: disse que a Editora tinha o maior interesse nisso — mesmo que o livro não fosse de venda fácil, era lenta mas certa a publicação, "motivo de prestígio para a Editora" (palavras dele). Para lhe mandar o contrato sacramentando tudo, estava esperando oportunidade de ler os originais. Ora, com a impossibilidade de publicar este ano foi deixando para ler depois, dando preferência a coisas mais urgentes (está publicando quase que um livro por dia). Mas *já dando como praticamente certa a publicação* — tanto que me autorizou (ficou de lhe escrever hoje ainda confirmando) a dizer a você que publicará o romance até maio de 57, no mais tardar junho. Eu é que achei que seria mais interessante para você sair no Zé Olympio e enquanto não houvesse compromisso final entre você e a Civilização, pedi ao Otto e ao Rubem para falarem com ele. O Rubem falou, Zé Olympio também se mostrou interessado, mas para 1958, conforme você já sabe. Ora, neste caso o Ênio é melhor. Estive com ele ontem, os originais já estão com as páginas devidamente trocadas, e só me resta corrigir as emendas, o que farei hoje. Ênio promete lê-los de 1 a 10 de janeiro, numa fazenda para onde vai de férias.

Logo, em resumo: a publicação está assegurada em menos de seis meses (sei que é muito tempo, mas em lugar nenhum sairia antes. Em todo caso, vou apertar com o Ênio, talvez se consiga mais depressa) e apenas, como é natural, o contrato com condições, etc., está aguardando a leitura. E pode ficar tranquila que a coisa vai, continuarei seguindo de perto como se fosse para mim — e, creia, é uma alegria que você me proporciona. Calculo bem sua chateação, pois passei por coisa parecida, só que tem dessa vez inversa: o Ênio acedeu em publicar logo o meu, mas depressa demais e — não revi as provas — o livro saiu cheio de erros e sem as emendas que eu queria fazer. Enfim, são os chamados ossos do ofício — aguenta a mão aí, ainda que amarrada: a coisa vai. Seu livro de contos também vai, pode estar certa. Conversei com o Paulo sobre o assunto, ele será resolvido de maneira melhor do que você espera.

Quero lhe escrever ainda sobre o Guimarães Rosa, como é natural, fiquei satisfeitíssimo com sua carta de entusiasmo. Mas estou morrendo de pressa, sigo hoje para Belo Horizonte, de onde voltarei antes do Natal. Vou ver se junto aqui um artigo do Paulo a respeito. (Não encontrei. Depois mando.)

E quero saber também a respeito do meu livro,* você recebeu? Me conte tudo, diga tudo, não me esconda nada.

Outra coisa: ainda não comentei com você o rigor de suas emendas — fiquei encabulado de ver que você seguiu ao pé da letra demais as minhas sugestões — fiquei com medo de ter exagerado, pensando até em voltar atrás em alguns casos.

Desculpe a pressa — segunda-feira lhe escrevo de novo, mas

*"O Encontro Marcado.

não espere para me escrever, principalmente se já recebeu meu livro. Espero que esta carta lhe dê um pouco de tranquilidade com relação ao seu. Meu Deus, como eu sei o que você deve estar sentindo aí, sem notícias nem nada. Mas conte comigo sempre, eu não deixaria seu livro um só momento — só sinto não haver no Brasil as condições de publicação que ele merece.

O abraço saudoso e amigo do

Fernando

Scanned with CamScanner

Washington, 8 janeiro 1957, terça-feira

Fernando,

Seu livro me espantou. Comecei lendo suas frases cortantes, que você por assim dizer não comenta e que parece ter a intenção de não dizer nada mais do que dizem, comecei sem saber aonde elas iriam dar. Perguntei-me de início aonde você pretendia levar o leitor e se levar. O que me espantou é que — não sei em que momento nem como — me vi inesperadamente dentro do livro, entendendo o que você queria, experimentando tudo, embora não soubesse ainda até onde você iria e vivendo com a velocidade de staccato com que o livro é escrito, esse modo de quem fala com a garganta seca.

Espantou-me também o "tempo" dele. É angustiante a rapidez com que ele decorre — sem que se possa fazer nada. O livro me deu grande tristeza. Eu não queria que fosse tão assim, tão rolando para a salvação ou para a perdição, e tudo por questão de pendurar-se um segundo a mais ou a menos num minuto, tudo às vezes questão de mão recusada ou dada, tudo às vezes por causa de um passo a mais ou a menos.

É curioso como seu livro e o meu têm a mesma raiz. Talvez você não ache isso ou sinta. Eu acho. Só que o seu termina com uma luz mais aberta — o encontro marcado se realiza. Cada vez que penso no livro — e tenho vivido com ele nesses últimos dias — gosto mais. O envolvimento, é insensível, é feito por acumulação, por estrangulamento gradativo que vem de todos os lados. Sei que estou usando palavras que talvez lhe soem fortes

Scanned with CamScanner

demais (tive uma noite de insônia, acredite...), mas, Fernando, foi assim que senti: encostada à parede, e me deu um desespero que me deu vontade de lhe dizer: Fernando, vamos mentir que não é assim. Você dizer que não há problema é dizer que não há solução. Mas, Fernando, o fato de você ter escrito este livro e eu ter escrito o meu, não é o começo de maturidade? Acho que você não teria conseguido o livro se não o tivesse escrito como o escreveu. Gostei muito, muito. Se bem que preferia que você não fosse a pessoa capaz de escrevê-lo. Mas você foi, e fico contente. Li por assim dizer de uma só vez. E não creio que se consiga interromper a leitura. Depois que li, Maury está com ele o tempo todo.

Parece qualidade fora de moda, essa de um livro "prender". Acho qualidade essencial, invejável. Livro realizado é livro que não se quer largar. A impressão visual que tenho dele é de linhas retas e finas se entrecruzando e se cortando. A primeira pausa, a primeira mesmo, vem exatamente e apenas no fim. E foi tão bonito — enfim, enfim a grande pausa. E minha impressão visual — sei que vai lhe parecer banalidade — mas foi de luz. Amém, Fernando, amém. Para nós todos. Nunca me senti tanto pertencendo a uma "geração". Pela primeira vez, talvez, senti a palavra geração em outro sentido. E veja, Fernando, que isso veio de algo mais, no seu livro, do que de fatos e ambientes, porque minha vida não teve esses fatos nem esses ambientes. Vem de algo mais, de alguma coisa essencial que você pegou, e que me deu essa impressão de "estarmos todos no mesmo barco". E que me deu a certeza de um encontro marcado, e a esperança.

Seu livro, tão duro, é muito bonito. O modo como às vezes um personagem sai de cena, com uma mudez, uma determinação. O ritmo todo do livro é muito bonito. E a história é "subjetiva"

sem a preguiça do "subjetivo". O livro todo parece filmado em luz de rua, sem maquillage. Por isso dá às vezes a impressão desconcertante de falta absoluta de "literatura" — e então se sente que este é o modo até sofisticado (sofisticado como contrário de "naïve") de literatura. O estratagema é quase uma ausência de estratagema. Dá a impressão de que você não parou um instante para achar uma "solução literária", que nem uma vez você se viu diante de um impasse, diante de uma pergunta assim: que jeito dou nisso?

Eu queria ser mentalmente mais organizada para poder lhe escrever uma carta direita, pondo em palavras impressões que tive, nem sempre fugitivas, mas difíceis em mim de atingirem o plano das palavras. A verdade, Fernando, é que depois desse livro, ainda sou mais sua amiga. Mas a verdade também é que, se não tivesse gostado tanto, também seria.

Me escreva, diga como o livro está sendo recebido.

Saudade da

Clarice

Scanned with CamScanner

Rio, janeiro de 1957.

Clarice,

Gostei muito de sua carta sobre o meu livro. Haveria tanta coisa a conversar, mas creio que só pessoalmente. Por que você não resolve dar um pulinho até aqui? Sei que esta pergunta é meio cretina, mas ao menos serve para evitar que vocês digam que não vieram porque ninguém sugeriu... Diga ao Maury que estou também muito interessado na opinião dele.

O livro vai indo bem, aqui, vendendo bastante — embora não tenha saído ainda nenhuma crítica interessante. Por que você disse que preferia não ter sido eu a pessoa capaz de escrevê-lo? Você pode calcular o que representa este livro para mim, como "purgação" — motivo evidentemente de ordem extraliterária, mas necessário para que eu me sinta daqui por diante capaz de escrever sobre o que quiser. Lembra-se de que eu lhe dizia estar escrevendo uns contos cujos temas não podia dizer, que os fazia evidência de muito cinismo ou muita dignidade de minha parte. A dúvida persiste com o livro. Creio que saí melhor do que eu era antes de escrevê-lo — portanto, agi certo. Mas você preferir que não fosse eu o autor me deixa de novo em dúvida. Às vezes querer ser humilde demais é a forma mais odiosa de orgulho.

De qualquer maneira, me confortou muito e me deu alegria você ter gostado. Nada melhor você poderia dizer do que descobrir afinidade entre meu livro e o seu. Ela existe, mas você está a léguas de distância na minha frente em maturidade.

Scanned with CamScanner

Enfim, estamos maduros... Confesso mesmo que, de minha parte, andei até meio podre de um lado, mas é justamente deste lado do fruto já meio comido de passarinho é que se está mais próximo da semente.

E por falar em seu livro: o Ênio Silveira me procurou para dizer que está completamente "esmagado sob o impacto da leitura de Clarice Lispector", que ainda não terminou (me disse há poucos minutos pelo telefone). O entusiasmo dele pelo livro (já leu dois terços e prossegue, "absolutamente deslumbrado") é bem maior do que eu lhe poderia sugerir aqui. Disse que vai lhe escrever uma carta de puro leitor, de fã incondicional, etc... Anda se referindo a você assim: "Vai escrever bem na...", o que evidentemente é um pouco deselegante, mas a mais pura expressão da verdade.

A publicação está garantida, pois, talvez mais depressa do que esperávamos. Continua o problema do título, ele pensa em sugerir-lhe alguns. Eu lhe sugiro inventar um título qualquer, bonito ou bem-soante, e depois encaixá-lo no livro, numa frase qualquer. Às vezes dá resultado, tenho feito isso. Se você quiser o título de uma novela minha, "O Homem Feito", está às ordens... Se me ocorrer alguma coisa lhe direi, continuo pensando.

O Ênio acredita e afirma com segurança paulista que nenhum livro no Brasil e poucos no estrangeiro estão à altura do seu, é uma coisa absolutamente nova, é um impacto tremendo, etc. Coitado, era absolutamente inocente em assuntos claricianos. Também não está tão cético quanto à possibilidade de venda — acredita que venderá direitinho.

Outra coisa: seu livro de contos. Há jeito de se interessar a Agir na publicação (falei sobre o assunto por alto, eles me

Scanned with CamScanner

chamaram lá, estão interessados em publicar ficção, etc., se eu sugerisse seu nome, tenho certeza que aceitavam a ideia de imediato). Mas vamos esperar um pouco, é possível que o próprio Ênio se interesse, quem sabe?

E enquanto isso lhe sugiro o seguinte: o Décio de Almeida Prado incluiu seu nome entre os colaboradores do *Estado de São Paulo*, Suplemento Literário: dei seu endereço, ele deve ter lhe escrito (?) à razão de dois contos por conto. Ora, você tem quinze contos, seriam trinta mil cruzeiros. Por que não ir publicando? Nada impede a publicação posterior em livro, pelo contrário, é boa publicidade. Me autorize que providencio tudo: apanho os contos no Simeão e mando cópia para o Décio de Almeida Prado, de todos de uma vez, ele vai publicando provavelmente de quinze em quinze dias. O recebimento é feito aqui mesmo, na data da entrega — sobre estes detalhes eu me entenderia com a Tânia. Me escreva, e logo, sobre o assunto.

E me escreva sobre outros assuntos também. Sobre você, sobre sua vida aí, sobre sua vinda aqui. Vou ficar aguardando notícias, mandarei outras, abraço ao Maury, e outro para você, com saudades do

Fernando

Ps: Fiquei constrangido de você ter aceito todas as minhas sugestões, ao pé da letra, sem maior discussão. Fiz as correções, mas, francamente, também não precisava de tamanha violência...

Washington, 24 janeiro 1957, quinta-feira

Fernando,

eu devo ter me exprimido mal quando disse que preferia não ter sido você a pessoa capaz de escrever esse livro. Ou talvez, também é possível, eu tenha me exprimido mais ou menos bem dentro do contexto do que eu estava dizendo, mas você separou a frase do contexto, não sei. O que eu queria exatamente dizer é que o livro é doloroso, o livro dói, e eu quereria que você não tivesse sido a pessoa que sentiu tudo o que sentiu, eu queria que você tivesse sido mais poupado, que não fosse a pessoa que atravessou a rua perigosa — mesmo que tenha chegado salvo do outro lado. É um erro de sentimento, esse meu, porque eu estou sentindo o que seria mais certo sentir apenas enquanto você atravessasse a rua, mas não quando você já chegou do outro lado. É um susto retrospectivo, é um susto errado. Sofrimento não é caminho, sofrimento como caminho só se pode falar no passado, dizendo sofrimento foi caminho, só se torna "caminho" se levou a alguma coisa. Como você já atravessou a rua, eu deveria ter dito com muito mais precisão: "preferia que você não tivesse corrido o risco, mas você correu o risco, e fico contente de você ter sido capaz de escrever esse livro".

Por Deus, Fernando, o que menos vejo no seu livro é cinismo. Para você ter a coragem da dignidade de escrevê-lo, você é capaz de, por dentro, ter se armado de algum sentimento "auxiliar" que empurrasse você para frente, e talvez tenha dado a esse

"auxílio" o nome de cinismo. A gente parece que tem vergonha de ser gente, eu sinto isso às vezes, e tomo uma atitude que não é cinismo, é uma espécie de coragem da qual procuro tirar o tom de pungência, mas alguns dos elementos são tão "parecidos" com os do cinismo. Cinismo no seu livro? Nem me ocorreu sequer. Você está subestimando a sua integridade, dividindo-a em elementos componentes, pegando separadamente um elemento, dando-lhe um nome (um nome que tem conotação apenas acusativa), e dando esse nome vago como título geral a todo o seu esforço de "realização da realidade" (!?) (Sei que estou chata, estou tomando sem querer, apenas por gaucherie, um tom dogmático, quando não sinto assim). O que vale é que você está errado. Você deve ter escrito esse livro à custa do sacrifício penoso de vários sentimentos — e quer pisar nesse sacrifício chamando-o de cinismo.

Senti, sim, que você saiu mais livre depois de escrever o livro. O próprio livro foi um ato de liberdade. E sinto que a maturidade é a coisa mais linda que pode acontecer a uma pessoa.

Não, não me sinto com maturidade. O meu livro é uma "verdade" minha, mas errei, e por covardia tornei dentro de mim uma "verdade apenas de arte". Me escondi de mim o quanto pude. Sofri com ele e nele, mas não saí livre. Ainda me sinto tão longe da maturidade que nem posso falar de "adolescência", só posso dizer que parei na infância. Não estou dizendo por dizer, I mean it. Mas há esperança. O mal é que a minha esperança ou é inexistente ou forte demais — esperança forte demais é "infantil".

Só posso lhe dizer uma coisa, Fernando: o livro que você escreveu pareceu me libertar mais do que o livro que eu própria escrevi. Eu não sei "me dar", você soube "se dar". (Sei que estou sendo chatíssima.) E um dos mistérios da arte é que às vezes

a gente "se dá" pelos outros. Não creio que seja "ilógico" eu agradecer a você, porque se eu "recebi" é certo agradecer. Sem a menor solenidade, mas com alegria, agradeço...

Você diz que "às vezes querer ser humilde demais é a forma mais odiosa de orgulho". Não achei que você tivesse sido "humilde demais". Por falta de melhor termo, tomarei emprestado um de uma amiga que tive que, por caminhos misteriosos, só conseguia avaliar alguma coisa em forma de elogio chamando-a de "viril". Pois, como diria minha amiga, sua humildade é viril. As palavras são a maior complicação do mundo; quem sabe, você sentiu "vitória" em conseguir essa certa humildade, e achou então que estava sentindo "orgulho em ser humilde". Mas "orgulho em ser humilde" é completamente diferente de "orgulho por conseguir ser humilde". Este último orgulho é uma das alegrias a que a gente tem direito, não é? (É possível que eu esteja me exprimindo mal mas garanto a você que não estou fazendo jogo de palavras, que estou "pensando".)

Fiquei contente com o fato do Ênio estar gostando do livro, o que significa, além do prazer de saber que ele está gostando, publicação, e não adiada. Quanto ao título, não me ocorre mesmo nenhum, ah, era tão bom sair sem título, além de tudo não me dava trabalho. Por enquanto acho "O Homen Feito" o melhor de todos...

Fiquei radiante com a ideia da publicação dos contos pelo "Estado de São Paulo" — digo francamente que estou querendo o dinheiro. Décio de Almeida Prado não me escreveu, mas se ele publicar os contos, quando Tânia tiver o dinheiro, transformará em dólares e me mandará. Estou tão contente com isso. Se ele não mudar de ideia e você conseguir arranjar mesmo, darei mais três contos que tenho mais ou menos prontos, e assim ficam dezoito.

Você me diz que se eu autorizo, você apanha os contos no Simeão e manda cópia para Décio de Almeida Prado. Autorizíssimo.

Sobre o seu P.S., a respeito de eu ter aceito todas as suas sugestões ao pé da letra, sem maior discussão. Tive, sim, discussão interna, e via quase sempre o seu ponto de vista, e também concordava. O que eu não sabia era separar em mim o que era julgamento ou avaliação, do que era teimosia minha. Não sei se no decorrer do nosso conhecimento mútuo você notou (e até certo ponto) quanto sou teimosa. Minha atitude mais frequente é a de resistir, mesmo irracionalmente. Tendo chegado à conclusão de que suas anotações eram certas, consegui vencer minha teimosia e aceitei-as. O que mais demorei a aceitar foi cortar o que você chamou de "prefácio" — mas acho que você teve razão. Eu tinha um certo apego a ele, por questões líricas. Mas acho melhor do modo como ficou, transpondo as frases mais indispensáveis do "prefácio" para outros lugares.

Estou esperando carta sua. Saudades da

Clarice

Maury gostou muito de seu livro. Conversamos muito a respeito, e nossas opiniões são bem parecidas.

Scanned with CamScanner

Washington, 7 fevereiro 1959, sábado

Fernando,

este é um bilhete apenas, sem outra intenção senão a de dizer alô! Porque passou-se muito tempo desde o dia em que recebi seu livro, e é quase tarde para dizer obrigada!

Não houve nenhum motivo para não lhe escrever então — apenas o de muita confusão de vida. Mas a amizade é a mesma, talvez mesmo maior. De modo que me faça um favor: escreva-me um bilhete, menor ainda que este, também só para dizer alô. Dou até a fórmula para você copiar para não ter o menor trabalho.

Escreva assim: "Alô, Clarice!

Fernando".

Um abraço,
Clarice

Scanned with CamScanner

Rio, 16 de fevereiro de 1959.

Clarice,

Acabo de receber seu grito de amizade e respondo logo: alô, Clarice, aqui estou também, seu melhor amigo, sempre me lembrando de você com saudade. Acontece comigo uma incapacidade fundamental de escrever cartas e ainda mais as cartas que eu gostaria de escrever, ou a que devia te escrever agora. Em vez disso sou obrigado a escrever bobagens diariamente e vou me tomando de pavor da palavra escrita. Mas não tem importância, você mesma não disse que o tempo se conta em anos? Ainda agora estou aproveitando dois minutos de intervalo entre duas crônicas. Veio-me uma tentação de converter esta carta em assunto de crônica, se outro fosse seu conteúdo, com notícias e fatos. Mas no nosso caso, ou seja, na nossa correspondência interrompida vem passando uma espécie de complexo de culpa, à falta de outro nome, que carrego pelos problemas que seus livros suscitaram por aqui, dos quais você foi informada e que, apesar do meu empenho, não fui capaz de resolver da maneira que mais me satisfizesse.

O romance com o Ênio, você soube a onda que criou a ameaça de devolução: foi uma gota d'água que fez transbordar o ressentimento dos escritores de modo geral contra o tratamento dispensado pelos editores. Estão em crise e a coisa foi para os jornais, movimentos de parte a parte em defesa dos dois grupos — acabaram, como sempre, metendo o governo no meio só para atrapalhar. Nessa briga eu preferi não me meter.

Scanned with CamScanner

Quanto ao romance, propriamente, o *ênio*, cujo nome passo a escrever com letra minúscula até que o publique, me disse que sairá em meados deste ano, logo que você devolver os originais, conforme comunicou a você. O de contos, as provas devem ter sido enviadas, você recebeu? É fácil calcular as dificuldades que você vem tendo assim de longe, pelas que a gente já tem aqui por perto mesmo.

Enquanto isso li com Érico* seu conto da anã, que é de estarrecer, de tão bom. Soube que sairá na revista Senhor. E soube também que você tem escrito outras coisas boas, por que não me manda? Apesar dos pesares espero que você continue contando comigo, se ainda for possível me dê mais um crédito de confiança.

Quanto a mim, estou literariamente paralisado: muita coisa aconteceu na minha vida, coisa que pelo menos poderá me fornecer bom assunto futuramente, mas agora não, mal tenho tempo de viver e enfrentar. É o nosso consolo... Mas eu quero muito bem a você, Clarice, conte comigo sempre, e esta carta foi mesmo só para dizer alô como a sua.

Me escreva mais, por favor. E aceite o saudoso abraço deste seu amigo

Fernando

Depois te escrevo mais, uma carta realmente, contando coisas, ou não dizendo nada, pelo simples consolo, ainda que à distância, de te saber existente e convivermos.

Outro abraço afetuoso do

Fernando

---

*Érico Veríssimo

*Washington, 11 março 1959, quarta-feira**

Fernando,

sua carta foi mais que bem-vinda. Nem se preocupe por não me escrever, eu tenho tal dificuldade de escrever cartas que seria a última a não compreender.

*Fernando, mandaram-me a revista "SR". Quem ficou meio cega no fim do conto fui eu.*** Virgem Maria, Fernando, há muito tempo não me emocionava tanto com coisa escrita. Acho o conto tão perfeito que só por isso perdoo a você a emoção e lágrimas. Não sei como é que você conseguiu "transmitir" tanto a menina — sem usar "descrição". É um conto em cinema mudo. Só que não tive coragem de reler imediatamente, só mais tarde. Deus abençoe você, Fernando. (Sei que estou "corny".)*

Junto, mando a você cópia da carta que estou mandando a Simeão Leal. Espero que as coisas se arranjem do modo como quero. Você diz que eu provavelmente sei da "onda que criou a ameaça de devolução (do romance, pelo Ênio)": não sei, sinceramente, do que você está falando.

Não sei também por que você diz que "se ainda for possível, eu lhe dê novo crédito de confiança". Com o risco de ficar

---

*Última carta de Clarice a mim enviada do exterior. Algum tempo depois ela regressava em definitivo ao Rio, onde continuamos a conviver, ambos empenhados a partir de então na publicação de seus livros pela nossa Editora Sabiá.

**Refere-se à última frase do conto publicado na revista *Senhor*, *Passeio* (em "A Companheira de Viagem"), quando o pai informa à filha que vai se separar da mãe dela: "Saíram, e a menina o conduzia pela mão como a um cego."

totalmente "square", só posso dizer que nunca retirei de você o primeiro crédito que dei.

Por Deus, estou ruim hoje.

Com amizade, um abraço da

Clarice

*O poema do Paulo em "SR" é uma beleza, você não acha?**

**Either Or*, em "Testamento do Brasil", de Paulo Mendes Campos.

Scanned with CamScanner

Rio, 29 de janeiro de 1969.

Clarice,

São 3 e 5 da manhã e acabo de ler seu livro há cinco minutos.*

Li-o desde meia-noite e vinte, de uma só vez, sem interromper um segundo, e te escrevo ainda sob a parte mais grossa da emoção da leitura. Não anotei nada, não tenho nada a sugerir. Estou atordoado. Eu não mereço mais ser seu leitor. Você foi longe demais para mim. Ela ainda entendo, ela é você, e eu entendo você. Mas ele! Quem é esse homem? Que é que ele está dizendo? Por que tão pedante e professoral? Qual é o problema dele? Seja qual for, assim visto de fora, perde todo o sentido para mim, fica insuportável. Cheguei a desejar que Lori se encontrasse através do amor e da entrega de si mesma... mas a outro. O que seria falso, eles se entendem, entendem o que estão se dizendo um ao outro. Eu é que não entendo — não tenho fôlego (já tive, talvez) para ir até lá, nem meus ouvidos apreenderam o sentido do que foi dito, mas apenas o indizível do que foi vivido. E desta vez eles não vivem, se limitam a dizer o que estão vivendo. Não sei, estou confuso: deve ser um grande livro, pode ser até o seu melhor livro, mas está do lado de lá, como as coisas pensadas depois da morte, e eu estou cada vez mais do lado de cá, agarrado às coisas concretas que se movimentam ao redor de mim. Apenas o que é vivo e

*Originais de "Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres", lançado em 1969 pela nossa Editora Sabiá, entre os demais de sua autoria que tivemos o privilégio de publicar.

Scanned with CamScanner

se mexe me interessa — a vida que simplesmente lateja, pulsa, viceja ou vegeta eu não alcanço mais. Só a ação imediata eu compreendo, e os verbos de movimento. Só sei viver e recriar mentalmente os fatos e acontecimentos que afetam ao comum dos mortais sem saber interpretar os sentimentos que lhes dão origem ou as sensações que inspiram, cujo interesse me escapa.

Sei, é lógico, que seu livro é, e será para muitos, admirável — há passagens que me tocaram profundamente, outras me comoveram, outras me arrepiaram (o poema — é um poema — que ela pensa quando tomava café sem palavras, e quase sempre que ela pensa sem palavras, é admirável). Ainda bem que você não mostrou o pensamento dele, que certamente eu detestaria. Porque a antipatia que ele me inspira como homem positivamente não é normal, não sei como ela podia tolerá-lo.

A deficiência é minha: reconheço hoje que não passo do macaco que existe em nós, e minha condição de homem só vou atingir com minha morte. Mas então como é que eu posso sentir a delicadeza de Deus atirando uma folha nos cílios de Lori? E o cavalo negro dentro dela, meu Deus, é das melhores coisas que você já fez. E ela na chuva, e ela na feira, no mar — e os cheiros! Nunca um livro me deu tanta sensação diversa de perfume a cada página. Não perdi o sentido do olfato, é o ouvido que resiste cada vez mais ao que é falado. Você se refere ao silêncio das palavras de alguém calado, e estas é que eu ainda não sei entender. O silêncio atrás do silêncio que Lori soube descobrir, pior que aquele dos espaços eternos, que aterrorizava Pascal.* O Mundo, visto da lua, é uma linda bolinha multicor, que impressionou o astronauta, e a mim muito mais. E visto

Le silence de ces espaces infinis me affraie — 206, "Pensées", Blaise Pascal.

Scanned with CamScanner

da mais longínqua, da última estrela do céu? Uma cabeça de alfinete? Transcenderá os limites de uma cabeça de alfinete? O seu livro me fez perder as dimensões, para entendê-lo preciso de tempo, até recuperar a perspectiva. A minha medida é mais rudimentar — eu tenho, como no verso de Spender, "*six feet and seventy years to see the light and then resign it for the grave*".* Esta carta não lhe dá a medida de como eu quero bem e admiro o seu livro, como tudo que vem de você... Talvez se fosse lido com outro espírito, outra fosse a minha opinião — mais lúcida, crítica, útil e reconciliada com o mistério dos sentimentos que não mereço desvendar.

De qualquer maneira, espero poder — e certamente vou — relê-lo, como aos outros, uma, muitas vezes, até que ele também acabe fazendo parte de mim. (Devolvo-o logo, você deve estar precisando dele — certamente há correções a fazer, inclusive datilográficas.)

E lhe mando esta carta na certeza de que você saberá entendê-la na sua justa medida: não como um julgamento, mas como um afetuoso impulso de emoção logo em seguida a uma absorvente e perturbadora primeira leitura.

Com o carinhoso abraço do seu, de sempre,

Fernando

* "...Seis pés de altura e setenta anos, para ver a luz e trocá-la pela sepultura." Do terceiro soneto em *Spiritual Explorations*, Stephen Spender.

DIÁLOGO

"DIÁLOGOS POSSÍVEIS COM CLARICE LISPECTOR"

— Fernando Sabino* —

— Fernando, por que é que você escreve? Eu não sei por que eu escrevo, de modo que o que você disser talvez sirva para mim.

— Há muito tempo que não escrevo. A última vez foi ali por volta de 1956, 1957. Escrevia por necessidade de me exprimir. Desde então tenho me utilizado da palavra escrita como atividade profissional, por necessidade de ganhar a vida. Mas não chamo a isso de escrever, como ato de criação artística.

— Como é que começa em você a criação: por uma palavra, uma ideia? É sempre deliberado o seu ato criador? Ou você de repente se vê escrevendo? Comigo é uma mistura. É claro que tenho o ato deliberador, mas precedido por uma coisa qualquer que não é de modo algum deliberada.

— A criação nunca começava por uma palavra ou por uma ideia. Era uma espécie de sentimento em mim que partia em busca dessa palavra ou dessa ideia. Qualquer palavra, qualquer ideia. Hoje o sentimento ainda existe, mas tem-se dispensado de se exprimir através de palavras ou ideias — de certa maneira me contento com o próprio sentimento, que procura fora de

*Da série de entrevistas realizadas por Clarice Lispector para a revista *Manchete*, 1968 (em "De Corpo Inteiro", Editora Rocco, 1999).

Scanned with CamScanner

mim alguma forma de expressão já existente com que se identificar. A música de jazz, por exemplo — como atualmente a do pianista Thelonious Monk.

— *Há quanto tempo você escreve crônicas? Falta-lhe assunto às vezes? A mim, no* Jornal do Brasil, *por enquanto ainda não. Sei também que crônica para jornal não é arte literária.*

— Pode ser e pode não ser, depende. Escrevo crônica desde 1947. Sempre falta assunto — é penoso ter de inventar. Procuro suprir o jornal ou a revista que me paga com a matéria escrita que corresponda ao que esperam de mim, ou seja, agradar ao leitor. Aceito alegremente a tarefa, como uma motivação.

— *Que é que você acha do protesto dos jovens no mundo inteiro? Que estão eles querendo, na sua opinião?*

— Na minha opinião estão querendo o mesmo que eu queria quando era jovem — e continuo querendo: repudiar um mundo errado que os mais velhos lhes querem deixar como herança. Estão querendo acertá-lo e não sabem como — mas nós muito menos.

— *Que é que você acha de Marcuse?*

— Só li de Marcuse algumas páginas de um livro seu,* o suficiente para ver que ele parece ignorar, na proposição de suas ideias em relação ao mundo de hoje, um dado elementar: o de que o mundo de hoje tem mais gente que o mundo do princípio do século. E quanto a isso, ele não apresenta nenhuma outra solução. Nem mesmo a pílula.

— *Por que você, Fernando, com o grande talento que tem, só escreveu um romance? Teve tanto sucesso que isso deveria incentivar você a produzir mais. Ou o sucesso atrapalhou você? A mim quase que faz mal: encarei o sucesso como uma invasão.*

*"Eros e a Civilização", Herbert Marcurse, 1955

Scanned with CamScanner

— O sucesso sempre atrapalha: neutraliza a nossa necessidade de se afirmar. No meu caso, entretanto, não foi o sucesso do meu romance que me atrapalhou, mas a necessidade, a que eu não soube resistir, de fazer da palavra escrita um ofício do qual tiro o meu sustento. Deixando de escrever, e indo buscar de dentro do mais obscuro anonimato um meio de expressão, é possível até que eu começasse realmente a escrever. Não desisti: lhe asseguro que ainda pretendo começar.

— *Fernando, qual o seu processo de trabalho? Você se inspira como? Ou se trata de uma disciplina?*

— Há muito tempo que não me dou a esse luxo: o de inspirar-me. Contar com algum tema, alguma solicitação, algum estímulo que signifique uma verdadeira inspiração. E a verdadeira inspiração é aquela que nos impele a escrever sobre o que não sabemos, justamente para ficar sabendo.

— *Conte-me um pouco sobre a Editora Sabiá.*

— A Editora Sabiá tem grandes planos para esse ano. Vamos prosseguir na nossa série de antologias poéticas bilíngues, iniciada com Pablo Neruda, publicando uma de Garcia Lorca. E entre as nacionais, será lançada em breve a de Jorge de Lima. Vamos iniciar também uma série de traduções de grandes romances modernos, o primeiro dos quais será "Cem Anos de Solidão", de Gabriel García Márquez — um verdadeiro monumento da literatura moderna, *best-seller* internacional, considerado o livro mais importante da língua espanhola desde "Dom Quixote". Além disso, Rubem Braga e eu não perderemos de vista o objetivo pessoal que nos levou a fundar a Editora Sabiá: o de publicar nossos próprios livros em melhores condições e, por extensão, os dos nossos amigos. Como os seus.

Scanned with CamScanner

— *Em que jovem de hoje você tem esperança como futuro grande escritor?*

— Não tenho acompanhado como devia a atividade de nossos jovens escritores — passei algum tempo fora do Brasil e ainda não retomei o contato como gostaria. Mas sei que diversos jovens estão escrevendo o que há de melhor por esse Brasil. Os de Minas, por exemplo, ocasionalmente me têm dado prova disso, através do excelente suplemento literário do *Minas Gerais*, dirigido por Murilo Rubião. Já realizados como escritores da nova geração, eu poderia citar, entre outros, Oswaldo França Júnior e José J. Veiga, que me parecem admiráveis. Mas no Brasil, mal um escritor entrou na casa dos trinta, já é considerado velho...

— *Qual foi, Fernando, a sua maior decepção na vida?*

— Eu poderia responder repetindo Leon Bloy: a de não ter sido um santo. Mais modestamente, entretanto, prefiro dizer que foi a de não me ter ainda realizado como romancista.

— *Quando é que você se alegra?*

— Sou sempre alegre — daquela alegria interior dos fronteiriços da debilidade mental e que, portanto, têm ainda uma oportunidade de salvação.

— *O que é que você desejaria para o Brasil?*

— Desejaria que o Brasil conseguisse realizar nada menos que o grande sonho da humanidade: o de atender à necessidade de justiça social para todos sem prejuízo dos direitos fundamentais de cada um. Uma utopia, que no entanto deve ser o mínimo de ideal a ser sustentado por alguém digno de ser homem.

— *Como é que você resumiria o conteúdo da palavra amor?*

— Amor é dádiva, renúncia de si mesmo na aceitação do outro. Amar o próximo como a si mesmo e a Deus sobre todas as coisas.

Scanned with CamScanner

— *Quais são os seus projetos como romancista?*

— Não sei. Só vou ficar sabendo depois que escrever um novo romance. É preciso que eu me convença de que um romance não é mais do que um romance. Tenho que esquecer o pouco que aprendi e sair tateando às cegas até encontrar o botão de luz.

— *Você acha que a nossa geração falhou? Eu acho que sim. Acho que nos faltou dar o corajoso passo no escuro. Nós não tínhamos desculpa, porque tínhamos talento e vocação.*

— Não sei se nossa geração falhou. Nunca me senti, como escritor, como parte de uma geração. (*Nem eu — pensei.*) Sempre me senti sozinho e este talvez tenha sido o meu erro. Quis aprender sozinho e perdi a inocência. O artista é um inocente. Era preciso reaprender a olhar tudo como se fosse pela primeira vez. Eu olhei como se fosse a última. Em tempo: o romance que não consegui escrever se chamaria "O Salto no Escuro". Estou dispensado até deste título, pois já saiu outro com o mesmo nome.

— *Fernando, você tem medo antes e durante o ato criador? Eu tenho: acho-o grande demais para mim. E cada novo livro meu é tão hesitante e assustado como um primeiro livro. Talvez isso aconteça com você, e seja o que está atrapalhando a formação de seu novo romance. Estou ficando impaciente à espera de um romance seu.*

— O que atrapalha a criação de um novo romance é a presunção de que somos capazes de criar. Diante da grandiosidade da tarefa, descubro que não sou coisa nenhuma. Era preciso partir da consciência de minha própria insignificância, e reconhecer com humildade que a tarefa nem grandiosa é, mas apenas um ato de louvor a Deus, na medida das minhas forças.

Scanned with CamScanner

— *Você é profundamente católico ou superficialmente?*

— O catolicismo é uma herança de minha formação familiar que, graças a Deus, não abandonei. Deus não abandona os que não o abandonam. Mas isso é assunto para conversa só entre nós dois.

— *Qual o seu santo preferido?*

— Não tenho preferência. Os santos me perturbam, pela inveja que despertam, me fazendo ainda mais pecador.

— *Você, que morou na Inglaterra como adido cultural nosso, notou lá algum movimento novo na literatura? Eu acho a literatura do mundo muito parada. Não há quem me satisfaça numa leitura. E você?*

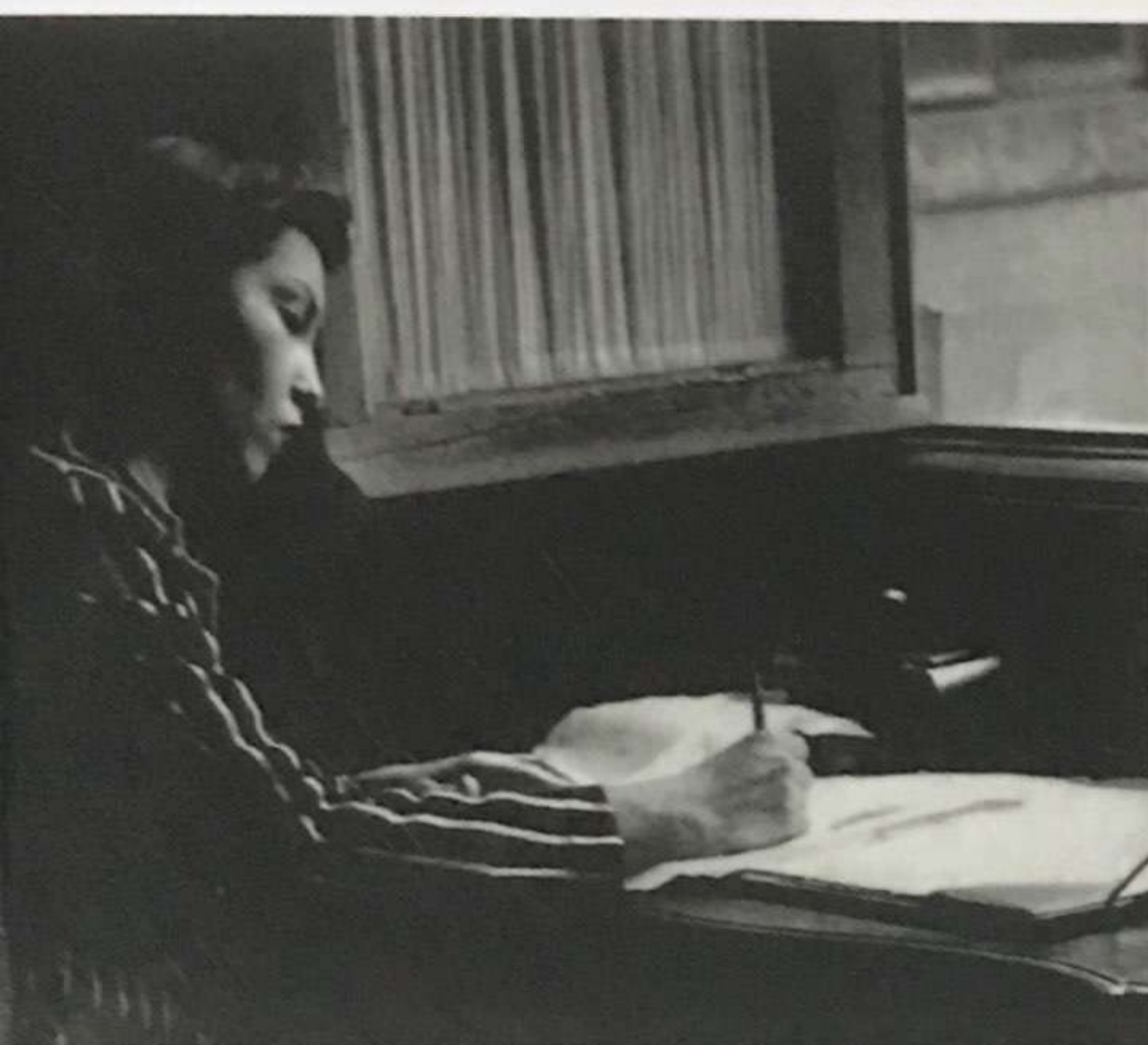
— Atualmente eu me interesso mais pelo depoimento pessoal, pelo documentário — que talvez sejam novas formas de literatura.

— *Como é que você encara o problema da morte?*

— Deixar este mundo não me faz mais alegre, porque a vida é boa. Mas a morte é o eterno repouso. E eu tenho muita vontade de repousar eternamente. E muita curiosidade. Espero que não doa muito. Gostaria de morrer em nome de alguma coisa. Morrer deliberadamente, e não como alguém que depois do jantar espera que o garçom lhe traga a conta e fica pensando na gorjeta. Fazer da minha morte a justificação da minha vida. Mas não creio que mereça tanto.

Scanned with CamScanner

Não sei como agradecer
sua amizade, Fernando.
Tanta saudade da
Clarice





...pelo simples consolo, ainda
que à distância, de te saber
existente e convivemos.
Outro abraço afetuoso do
Fernando


ISBN 978-85-01-91433-0
9 788501 914330

Scanned with CamScanner